

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura PROPAR  
CONVÊNIO PROPAR / PUCPR

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
**Alfred Agache em Curitiba  
e sua visão de Urbanismo**

Bráulio Carollo  
Orientador – Professor Douglas Vieira de Aguiar

2002

---

---

Dedico este trabalho a Rosângela, minha companheira inseparável, e meu filho Bráulio Lacerda Carollo, pelo constante apoio.

Agradeço a colaboração e atenção recebida de meus professores, em especial Douglas Aguiar, meu orientador e a todos amigos, representado por Luis Salvador Gnoato, meu compadre, que de muitas formas me incentivaram.

Às Instituições e as pessoas ligadas à Prefeitura Municipal de Curitiba, IPPUC e Casa da Memória, bem como a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, através do Curso de Arquitetura e Urbanismo, que facilitaram o desenvolvimento deste.

A todos, registro meus sinceros agradecimentos.

---

---

## RESUMO

Entre 1940 e 1943, na procura de uma imagem condizente com sua condição de Capital de Estado e tentando acompanhar as grandes transformações urbanas que ocorriam na época, Curitiba contrata o arquiteto e urbanista francês Donat-Alfred Agache (1875-1959), que recém executara o Plano do Rio de Janeiro (1927), para elaborar o Plano de Urbanização para Curitiba. Fato que acaba se tornando o primeiro grande impacto urbano-arquitetônico na sociedade paranaense do século XX. A presente dissertação contextualiza essa proposta urbanística, a partir da formação profissional de Agache na Europa, sua participação na Sociedade Francesa de Urbanistas, o modo didático de fazer urbanismo, sua experiência no Rio de Janeiro e demais trabalhos no Brasil. Além de um simples Plano de Urbanização para Curitiba, Agache demonstra técnica e habilidade em enfrentar problemas e hábitos sociais, características que impõem sua ampla visão de cidade. O processo desencadeado por Agache em 1943, comparado com a realidade urbana anterior, revoluciona a relação entre o homem e seu meio na forma de ver e fazer arquitetura urbana, acontecimento que deixa um legado cultural paradigmático, com inúmeros desdobramentos, fundamental para o urbanismo da Cidade de Curitiba.

---

---

## ABSTRACT

Between 1940 and 1943, when the city looked for to reaffirm its image of Capital of State and tried to follow the great urban transformations that occurred at the time, the French city planner Donat-Alfred Agache (1875-1959), that had just executed the Plan of Rio de Janeiro (1927), is called to elaborate a Plan of Urbanization for Curitiba. This fact became the great urban-architectural impact for the paranaense society of the 20<sup>th</sup> century. The subject of this essay is the context of the urbanistic proposal, from the professional formation of Alfred Agache in Europe, his participation in the French Society of City Planners, the didactic way to make urbanism, his experience in Rio de Janeiro and his other experiences in Brazil. Besides conceiving a Plan of Urbanization for Curitiba, Agache demonstrated his technique and ability in facing social problems and habits and also his ample vision of the city. The process developed by Agache in 1943, in comparison with the previous urban reality, revolutionized the perception of urban architecture when the subject is the relation between man and environment. This event leaved a paradigmatic cultural legacy with innumerable unfoldings utterly important for the urbanism of the City of Curitiba.

---

---

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	06
ALFRED AGACHE E O URBANISMO FRANCES _____	14
ALFRED AGACHE NO BRASIL _____	28
Sua visão de urbanismo para o Rio de Janeiro -----	28
Demais experiências no Brasil -----	52
ALFRED AGACHE EM CURITIBA _____	59
Curitiba antes de Agache -----	59
A rececepção do urbanista na cidade -----	94
A concepção de Agache para Curitiba -----	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	171
BIBLIOGRAFIA _____	184

---



## INTRODUÇÃO



Donat-Alfred Agache – (CM)

Agache<sup>1</sup>, professor, teórico e profissional atuante da Sociedade Francesa de Urbanistas (*Société Française des Urbanistes* - SFU), desenvolve seus conhecimentos acadêmicos e profissionais no chamado Urbanismo Francês.

Seus estudos se iniciam em Paris, na *Ecole des Beaux-Arts* como aluno do Atelier de Laloux<sup>2</sup>. Segue-se sua atuação junto ao Museu Social (*Musée Social*)<sup>3</sup>, onde desenvolve atividade durante muitos anos e tem oportunidade de se familiarizar com os métodos sócio-científicos de Edmond Demolins<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> AGACHE, Alfred Humbert Donat, nasceu em Tours, 1875, e faleceu em 5 de maio de 1959 em Paris. Architect Diplômé Par Le Gouvernement e Chevalier de la Légion d'Honneur. Consultor de diversas sociedades e especialista na remodelação de cidades com trabalhos na Europa, América do Sul e do Norte.

<sup>2</sup> LALOUX, Victor (1850-1937), arquiteto, (Prêmio de Roma) professor da Escola Superior de de Belas Artes. Entre suas obras consta a Gare d'Orsay; Gare d'Orléans; Hotel de Ville de Tours et de Roubaix.

<sup>3</sup> Entidade de direito privado, criada em 1894 inicialmente em Paris, que se propõe a unir o público e o privado no estudo e soluções das questões sociais. Tendo a pesquisa como base, reunindo indistintamente interessados como profissionais liberais, políticos, e homens de negócios, procurando criar propostas para a cidade através das reformas sociais. Em 1896 contava com 98 membros. Em 1911 esse número quadruplicava, se estendendo pela França e mesmo no exterior como no «Museo Social Argentino», se desdobrando em muitas outras cidade como em São Paulo, em 1935 com a criação Sociedade dos Amigos da Cidade de São Paulo.

<sup>4</sup> DEMOLINS, Edmond (1852-1907), historiador e sociólogo francês. Em 1899, em Verneuil, França, criou a L'École des Roches, conhecida como «Escola Ativa» implementando novos métodos didáticos mais naturais e práticos. Publicou «A quoi tient la Supériorité des Anglo-Saxons».

---

A formação de Agache é complementada pela prática profissional exercida graças ao momento muito especial vivido pela França, entre fases de guerras, que lhe propicia muitas oportunidades. Suas atividades se estendem da Europa, à América chegando até Camberra, na Austrália.

Na década de 40, Agache é convidado para executar um plano para a Cidade de Curitiba. Traz consigo todo seu refinamento e formação histórico-artística e profissional. Inclui-se nessa bagagem, a enorme experiência adquirida pela prática, de uma quantidade invejável de planos urbanísticos. Soma-se também, sua vivência como integrante da SFU e suas experiências como professor junto ao Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (*Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*), criado por Marcel Poète, a partir da Escola Prática de Estudos Urbanos e Administração Municipal (*École Pratique d'Études Urbaines et d'Administration Municipales*).

Agache também integra o corpo docente do Colégio Livre de Ciências Sociais - CLSS (*Collège Libre de Sciences Sociales*), onde convive permanentemente com sociólogos e economistas muito comprometidos com as teses reformadoras de Frederic Le Play<sup>5</sup>. Nesse contexto desenvolve seu interesse pela visão cartesiana-positivista, praticando investigação científica com base metodológica, principalmente no campo da sócio-economia.

Um dos fatos relevantes que Agache presencia com seu envolvimento nas academias, foi a famosa e histórica polêmica entre os destacados intelectuais estudiosos da sociologia, Emile Durkheim e Gabriel Tarde: por um lado,

---

<sup>5</sup> FRÉDÉRIC LE PLAY, Pierre Guillaume (1806-1870), engenheiro e sociólogo francês. Criou um método para investigação científica para explicar os fenômenos estudados. Fundou, em 1856, a «Société Internationale des Études pratiques d'Économie Sociale». Publicou *Ouvriers Européens* (1855) e *La Reforme Sociale* (1864) entre muitas teses na área da socio-economia e também como engenheiro de minas.

as propostas relativas aos aspectos do «social solidário», das questões da «consciência coletiva», das idéias e teses sobre a «divisão do trabalho» e sua aplicação metodológica (Durkheim); por outro, as questões da «psicologia social», da difusão das idéias dentro do processo notável do «aprendizado através da imitação» (Tarde).

David Underwood<sup>6</sup> (1991) expõe resumidamente esse quadro da seguinte forma: «Primeiramente foi a linha positivista da escola de Frédéric Le Play, praticada por Edmond Demolins (1852-1907), editor do jornal *La Science Sociale*, no qual Agache publica muitos artigos. Demolins e seus seguidores desenvolvem o método monográfico de Le Play e não medem esforços na classificação dos *faits sociologiques* correspondentes. Uma Segunda corrente foi a psicologia social de Gabriel Tarde (1843-1904), o mais importante sociólogo antes da chegada a Paris em 1902 do responsável pela moderna sociologia Francesa, Emile Durkheim (1858-1917).

---

<sup>6</sup> UNDERWOOD. D.K. Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in French and Brazil. *JSAH*: June 1991. p. 135 (Trad. própria) «The first was the positivist branch of the school of Frédéric Le Play, led by Edmond Demolins (1852-1907), editor of the journal *La science sociale*, in which Agache published several articles. Demolins and his followers developed the monographic method of Le Play and stressed geographic forces in the classification of sociological “facts”. The second current was the social psychology of Gabriel Tarde (1843-1904), the foremost sociologist in Paris prior to the arrival in 1902 of the dean of modern French sociology, Emile Durkheim (1858-1917). Tarde’s sociology of cultural influences focuses on imitation and diffusion of innovations from center to periphery, and he emphasized the importance of mass communications in the diffusion process. The third current was the social ideology and moral philosophy of Durkheim, as these were articulated in his major writings, in the articles of the Durkheimian journal *L’année sociologique*, and in his celebrated debate with Tarde on the relationship between the individual and society. Durkheim’s system stressed the subordination of individual arbitrariness to national “social solidary” through the moral inculcation of the conscience collectif and the universal application of his “sociological method».



A sociologia de influências culturais de Tarde, focada na imitação e difusão das inovações a partir de um centro para a periferia, enfatiza a importância do processo de difusão na comunicação das massas<sup>7</sup>. A terceira corrente foi a ideologia social e a filosofia moral de Durkheim, como isso foi articulado nos seus principais textos, os artigos do jornal Durkheimiano *L'Année Sociologique*, em seu mais celebre debate com Tarde, no relacionamento entre o individual e o coletivo. O sistema de Durkheim forçava a subordinação da consideração individual sobre o total, *social solidário*, através de imposição moral da consciência coletiva e seu *método sociológico* de aplicação universal<sup>8</sup>.»

---

<sup>7</sup> UNDERWOOD. Opus Cit. p. 135. On the sociologist and criminologist Gabriel Tarde, see T.N. Clark, ed. Gabriel Tarde on Communication and Social Influence. Chicago and London. 1969. According Clark, Tarde's publication *Études de psychologie sociale* (Paris, 1898) was "the first in the world" to have social psychology on its cover. See Clark, *Prophets and Patrons*, 152. The lectures Tarde gave at the Collège Libre des Sciences Sociales in 1889 were published as *Les transformations du pouvoir*. Paris, 1889. For a brief summary of Tarde's ideas on diffusion and imitation, see Clark, *Gabriel Tarde*, 19-36, 54-62, and *The International Encyclopedia of Social Sciences*, XV, 509-513.

<sup>8</sup> UNDERWOOD. Opus Cit p. 135. The literature on Durkheim (1858-1917) his school, and his influence is immense. But see especially S. Lukes, *Emile Durkheim: His Life and Work*, Harmondsworth, 1975; Y. Nandari, comp. *The Durkheimian School: A Systematic and Comprehensive Bibliography*, London, 1977; G. Hawthorn, *Enlightenment and Despair; A History of Sociology*, Cambridge, 1976; and I.M. Zeitlin, *Ideology and Development of Sociological Theory*, Englewood Cliffs, N.J. 1968 and revised ed. 1981. Durkheim's major works included *De la division du travail social*, Paris, 1893; *Les Regles de la méthode sociologique*. Paris 1894-1895 (*The Rules of Sociological Method*, New York, 1938). *Le Suicide*. Paris 1897; *Le formes elementaires de la vie religieuse*. Paris 1912. (*The Elementary Forms of Religious Life*. London, 1964); and *L'education morale* (*Cours de 1902-1903 à la Sorbonne*). Paris, 1925 (*Moral Education*. Glencoe, 1961). Between 1902 and 1904, Tarde and Durkheim confront one another personally in Paris, carrying on a debate they had maintained for years through their journals. In the debate., Durkheim represent the statist ideology of Cartesianism based on positivism, order, and authority, while Tarde represented the tradition of "spontaneity", the mentality of subjectivism and artistic creation. Whereas Tarde focused on the social psychology of individuals, Durkheim's attitude sought to combine a group-based secular morality and republican ideology with instruction in the "art of forming good citizens" (Clark, *Gabriel Tarde*, 7-18).

---

Esse debate é um exemplo do nível cultural da França e de Paris que Agache vive. Momentos como esse, também integram e despertam em Agache, seu permanente interesse pelos estudos do processo social. A sociologia foi seu campo e motivo de ação preferidos. Essa visão marca toda sua vida profissional e transparece na forma de trabalhar e agir. Seus escritos, planos e projetos urbanísticos confirmam esse interesse. No texto<sup>9</sup>, *Reconstruire nos cités détruites, Notions d'urbanisme s'appliquant aux villes, bourgs e villes*, verdadeiro tratado de urbanismo comprometido com aspectos sociais, pode-se sentir essa visão. Trata-se de um manual de novos juízos a ser utilizado na reconstrução das cidades francesas arrasadas na Primeira Guerra Mundial.

A atuação de Agache se desenvolve nessa Paris efervescente do início do século XX, onde acompanha de perto as políticas francesas e européias que antecedem e permeiam a Primeira e Segunda Grande Guerra. Nessa oportunidade engaja-se como profissional, nos movimentos de reconstrução. Colabora de forma integral e participa das grandes mudanças que se seguiram. Contribui, na prática e na teoria, com idéias que transformam e fazem reconstruir toda a sociedade atingida pelas guerras, em especial, nos aspectos relacionados com o urbanismo. Cria manuais de procedimentos, teoriza e publica diversos trabalhos, como o executado no Rio de Janeiro<sup>10</sup> denominado «*La Remodelacion d'une Capitale (Paris, 1932)*».

---

<sup>9</sup> *La housing – question a Londres, 1903*, ed. Firmom Didot; *La cité jardin (alliance d'Hygiène Sociale)*, 1911, congresso de Roubaix; *Cités jardins et villes futures*, pela Câmara de Comércio de Nancy; *La grande ville*, 1914, com o subtítulo de *Étude d'urbanisme – Les documents du progrès*, ed. De Felix Alcan – *Reconstruire nos cités détrites, Notions d'urbanisme s'appliquant aux Villes, bourgs e Villes*, ed. Livraria Armand Colin, 1917.

<sup>10</sup> AGACHE, Donat-Alfred. *La remodelacion d'une Capitale: Aménagement, Extension, Embellissement*. Collection Urbaniste. Société Cooperative d' Architectes. Paris, 1932.

---

Sem contar os inúmeros planos executados para diversas cidades francesas da importância de Dunquerque, Poitiers e outras. Créditos que integram a escola francesa de urbanismo representado pela Sociedade Francesa de Urbanismo, a SFU.

Os novos enfoques utilizados pela SFU, com posicionamento mais científico, mais metodológico, se contrapõem ao modelo tido como exemplar na época desenvolvido entre 1830 e 1848, em Paris, e executado por Haussmann. Proposta copiada em muitos lugares, inclusive no Brasil, a exemplo das reformas implantadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro.

Como se pode ver na *«História de la arquitectura moderna»*, de Benévolo (1999), uma das marcas das interferências a partir de Haussmann, foi o arrasamento indiscriminado de parte da cidade antiga. Esse conceito, de «arrasamento», difunde-se em todo mundo, de forma, imperativa, sem maior respeito com as populações instaladas nesses locais. Plano muito apregoado por técnicos e higienistas como medida sanitária e até como remédio para os males urbanos da época.

Em nome de uma modernidade, esse modelo, em especial o detalhe do «arrasamento», fica denotado como ideal de interferência urbana, com vistas à recuperação urbanística de êxito. Obras executadas em geral sobre parte de cidades, comprometidas pela ocupação desordenada, em consequência do crescimento explosivo da época industrial.

O modelo haussmanniano fica caracterizado pela não preocupação da cidade como um todo e também por ser ainda uma intervenção pontual ou setorial. Sua ação remanesce ainda da «época dos melhoramentos».

---

Independentemente dessa visão crítica, a obra realizada por Haussmann alcança uma enorme projeção e influencia quase todas as administrações das grandes cidades nessa época. Transforma-se em exemplo de interferência urbana de grande sucesso.

O novo posicionamento, do Urbanismo Francês, também Sociológico ou Urbanismo Formal, proposto pela SFU e por Agache, além de utilizar novas técnicas procura maior precisão em todos os sentidos se valendo de inovações, como levantamento por aerofotos e projeções matemáticas conquistadas através de pesquisas científicas, a partir de informações sociais e cadastrais. A cidade é enfocada como um organismo, um todo vivo e não fragmentável. Enfatiza também um crescente e permanente envolvimento da sociedade nas discussões urbanas. Dentro desse enfoque, prega a conscientização de todos como ponto essencial para o sucesso de qualquer intervenção na cidade.

Para melhor compreensão de Agache em Curitiba, opta-se por um caminho que percorra seu longo processo de aprendizagem no início do século XX, sua atuação como profissional a construção de sua visão urbanística, seu urbanismo praticado no Brasil, a começar pelo convite formulado para desenvolver uma proposta para o Rio de Janeiro.

Sempre tendo em vista o objetivo inicial, desenvolve-se estudos sobre o Plano proposto e apresentado para Curitiba, enfatizando os principais pontos arquitetônicos e urbanísticos. Procura-se também mostrar o modo de relacionamento que Agache implementa no desenvolvimento do Plano, seu modo de agir com a população e administração municipal. Procura-se evidenciar as características de seu exercício profissional e mostrar seu domínio no campo da ciência social, que a SFU transporta ao novo mundo do «*urbanisme*», assim por ele batizado.

---

A forma contextualizada e comparativa é o caminho que se trilha para enfatizar seu método de trabalho, seu urbanismo e o Plano proposto para Curitiba.

Como fechamento, procura-se mostrar uma Curitiba atualizada, como testemunho das idéias e concretizações formuladas por Agache.



## ALFRED AGACHE E O URBANISMO FRANCÊS

Na Europa, entre o final do século XIX e a Primeira Guerra Mundial ocorrem nas cidades grandes transformações morfológicas, econômicas e sociais que motivam a sociedade tomar novos procedimentos urbanos.

Dentro deste novo quadro que envolveu todo tipo de inovações, surgem novos serviços e equipamentos, que também modificam os tradicionais espaços e paisagem das cidades.

Essa nova ótica urbanística exige que técnicos comprometidos com o assunto, passem a observar mais o lado científico. E na constante busca em dar respostas positivas às grandes necessidades sociais, muitas situações urbanas são questionadas, a exemplo da habitação social e sua produção. Procura-se não só aumentar número de habitações, mas melhorar também os aspectos relativos à higiene, salubridade e distribuição espacial.

Na tentativa ainda de continuar avançando, as cidades recebem novas funções, bem mais específicas, como a industrial, comercial ou mesmo habitacional. Para efetivação e manutenção dessas tendências, as cidades também recebem a incumbência de previsão de áreas ou mesmo de setores visando antever a expansão urbana.

---

Todas estas inovações forçam instalação de mais infra-estrutura, principalmente em serviços públicos, como redes de água, energia elétrica, esgoto, gás etc., que na época era novidade.

Esse movimento que se institucionaliza e se desenvolve na França, fica conhecido e recebe muitas denominações como: *Sociological Urbanisme Parlant*, Urbanismo Sociológico, Urbanística ou Urbanismo Formal, Urbanismo Científico ou simplesmente Urbanismo Francês.

Catherine Brant<sup>1</sup> (1996), nos lembra que este movimento francês possui alguns momentos fundamentais, a começar pela conferência de *Town Planning*, organizada em Londres 1910, por Raymond Unwin e o *Royal Institute of British Architects*, com o objetivo de colocar em discussão os «problemas arquitetônicos que abrangem o crescimento das cidades».

Nessa ocasião, foram expostos projetos, documentos e obras teóricas, onde Eugène Hénard e Robert de Souza, integrantes do Museu Social, apresentam com destaque novos planos para Paris, «Nós podíamos somente exibir o passado de Haussmann, que data de sessenta anos; os estrangeiros nos oferecem obras vivas do presente, e de um presente fundado sobre um princípio totalmente diferente». Na oportunidade Hénard lança o texto «As Cidades do Futuro» (*Les Villes de l'Avenir*), muito difundido em revistas especializadas na época.

---

<sup>1</sup> BRUANT, Catherine. Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada. In *Cidade povo e nação*. Luiz C. de Queiros Ribeiro e Robert Pechman (organização) Civilização Brasileira, 1996. p. 172.

---

A presença francesa, comandada por Hénard começa a aparecer. Destacam-se como vimos, Robert de Souza, e Agache. Entre os estrangeiros figuram nomes como: Howard, Stübben, Ebeestadt, Burnham, Patrick Gedes, Mulford Robinson, que também comparem nesse encontro em Londres.

No mesmo ano, situação similar acontece quando do Congresso de cidades e exposição de planos de cidades (*Städtebau Ausstellung*), em Berlim, logo após o concurso «As transformações futuras de Berlim».

Segue-se uma série de importantes encontros, entre eles o «Primeiro Congresso Internacional sobre construção de cidades e organização da vida municipal» em Gand, 1913. Nesse congresso foram apresentados projetos de Bérard e Agache para duas novas capitais, New-Guayaquil, no Equador, e Yass Canberra, na Austrália, ambos premiados com medalhas de ouro.

Pode-se observar que nesse período, os arquitetos da corrente modernista, que mais tarde discordariam da morfologia das cidades tradicionais, ainda não tinham se posicionado sobre o urbanismo, conforme nos lembra Lamas (2000): «não se ligando ao ordenamento urbano, permitiram o crescimento da Urbanística Formal até o final da Segunda Guerra Mundial, quando passam a influenciar definitivamente»<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> LAMAS, José M. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2000. p. 259.



---

Lamas (2000) também em seus estudos sobre a «Urbanística Formal», dá esse entendimento pelo lado visual: «A escola francesa caracterizada pela utilização de traçados clássicos, quadrículas, praças e perspectivas – trabalhadas a aquarela e carvão, em impressionantes desenhos que fixavam o ordenamento visual. Estas características fariam do urbanismo um artigo de exportação, prestigiando a irradiação da cultura Francesa»<sup>3</sup>. Por outro lado também é enfatizada, por Marcel Poète, como uma «ciência da observação» que seria: «um organismo com vida própria que não a soma das vidas particulares».

Montaner (1997) sintetiza este período conturbado de início de século como: «se consumiu em uma grande transformação ao abandonar paulatinamente as estruturas da realidade e buscar novos tipos de expressão no mundo da máquina, da geometria, da matéria, da mente e dos sonhos, com o objetivo de romper e diluir as imagens convencionais e ir buscar formas completamente novas. Os recursos básicos destas transformações foram os mais diversos mecanismos que possuíam na abstração como superar as estruturas das artes representativas: invenção, conceituação, simplificação, elementarismo, justaposição, fragmentação, interpretação, simultaneidade, associação ou *collage*»<sup>4</sup>.

Nesse contexto, a França promove e institucionaliza este movimento, que teve seu início a partir do Museu Social (*Musée Social*), e na seqüência, a Sociedade Francesa de Urbanistas (SFU). Sempre apoiando a divulgação dessas novas idéias, em especial nas duas revistas periódicas

---

<sup>3</sup> LAMAS, J. (2000) *Opus Cit.* p. 259.

<sup>4</sup> MONTANER, Josep M. *La modernidad superada. Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX.* Ed. Gustavo Gilo, AS. Barcelona. 1997. p. 9.

---

da Sociedade. Uma se encarregando da divulgação e propaganda, *Le Mouvement Social*, sucedida, a partir de 1904, pelo *Bulletin* da Sociedade; e outra dedicada ao estudo científico dos fenômenos sociais a partir da observação metódica dos fatos, *La Science Social*.

A SFU<sup>5</sup> nasce a partir da Seção de Higiene Urbana e Rural do Museu Social de Paris (*S.H.U.R. du Musée Social de Paris*), onde Agache trabalha a partir de 1902. Durante esse período, Agache se incumbiu das tarefas administrativas e se envolveu por muitos anos. Nesse processo, chegou a responder pessoalmente por todos os assuntos, e por agilidade, forneceu seu próprio endereço, como endereço institucional.

Sendo um dos fundadores e principal executivo da SFU, obrigou-se a manter contato permanente com os associados e com personalidades de destaque do mundo político. Nessa sua função, interagiu com colegas, a exemplo de Eugène Henard<sup>6</sup>, que foi seu primeiro diretor, e outros como: Henri Prost, Leon Jaussely, Forestier, Hebrard, Parenty, Jacques Gréber, De Souza, Tony Garnier, Marcel Poète.

No Museu, Agache também tem a oportunidade de se relacionar com André J. Siegfried, um de seus diretores, que posteriormente assume o Ministério do Comércio da França. Como Ministro e no decorrer de sua carreira, Siegfried, continua a promover a SFU.

---

<sup>5</sup> LAMAS, José M. Opus Cit.p. 259, 556. Fundada em 1912, seus primeiros membros e fundadores foram: Marechal Lyautey, Henri Prost, Eugène Hénard, Leon Jaussely, Alfred Agache e ainda M. Auburtin, André Berard, Ernest Hébrard, J.C.Forestier, Parenty, De Souza, Tony Garnier, e Georges Risler, presidente honorário.

<sup>6</sup> Arquiteto, urbanista (1849-1923). Publicou em 1903, em Paris, *Etudes sur les transformations de Paris*. Inventor do *Carrefours* (cruzamento circular – rotatória), *Boulevards à redents* (ruas/avenidas em passagem nível distinto). Foi o autor de um dos planos para a cidade de Paris.

---

Nesse sentido, a partir da Primeira Guerra Mundial, instaura uma série de dispositivos legais e administrativos visando implementar o Urbanismo Formal praticado pela SFU e sua nova forma de se fazer urbanismo. Um desses exemplos é a promulgação da «Lei Cornudet<sup>7</sup>». Legislação que obriga todas as cidades acima de um determinado porte possuir um plano regulador urbano. Essa nova exigência agrega ao urbanismo novo valor, mais coerente com sua crescente importância. O urbanismo passa a ser visto como matéria culturalmente exportável e com importância econômico-social para a França.

Dentro dessa política promocional, a França utiliza com competência todo veículo de comunicação disponível na época, destacando-se as famosas Exposições Mundiais do início do século. Nessas oportunidades, a SFU se encarrega de expor seus trabalhos e promover palestras e a diplomacia francesa, cumprindo seu papel, convida autoridades de todo mundo para participar do evento, como uma das maneiras de promover este novo produto.

Desta forma o Museu Social, sociedade fundada para o desenvolvimento da iniciativa privada e da divulgação da ciência, auxiliado por campanhas na imprensa, gradativamente passa a receber novas e importantes funções. As responsabilidades aumentam e se tornam permanentes. Assumem a coleta, estudo, desenvolvimento e interpretações das estatísticas no plano social e econômico de Paris e, num segundo momento, de toda a França. Os encargos passam a ter caráter oficial e de acesso público a toda sociedade.

---

<sup>7</sup> Lei de 14 de março de 1919. Apresentada pelo Ministro Cornudet. Obrigava toda a cidade, com mais de 10.000 habitantes e 5.000 que tivesse crescimento superior a 10%, no intervalo entre dois recenseamentos quinquenais, possuir um plano diretor ou regulado urbano.

---

Como integrante do corpo de técnicos do Museu, Agache estreita suas relação não só com a sociologia, mas com todo o mundo experimental que ali se desenvolve; também passa a conviver diariamente com todo tipo de pesquisa, coleta, análise, aplicação e interpretações de parâmetros sócio-econômicos, fonte e base permanente de informações para desenvolvimento de seus futuros trabalhos. Conforme Catherine Bruant, o próprio Agache testemunha em 1935 que: «foi a combinação particular de seus estudos de Ciência Social com a arquitetura que o conduziram ao urbanismo. Mais do que preocupações morais ou doutrinárias de ação social é um *procedimento científico de projeto* que o urbanista Agache vai encontrar junto à Ciência Social. Ela o faz passar de uma *tipologia social* a uma *tipologia espacial* e autoriza a tradução formal da *fórmula social de um território* no planejamento dos diferentes elementos que condicionam uma aglomeração urbana. A partir desse encontro, concebe a idéia de uma *cidade orgânica* onde as formas sociais se superpõem e onde a previsão consiste em reformar para curar, a fim de indicar o significado de uma evolução natural dos tipos sociais e espaciais. Disto ele deduz o elemento central de sua doutrina urbana: o *zoning* como planificação urbanística dessa evolução positiva da cidade.»<sup>8</sup>

Agache é convidado a participar de palestras no Rio de Janeiro graças a sua permanente atuação frente a SFU, que lhe propicia essa oportunidade. A presença constante de seus trabalhos, juntamente com todo o grupo da SFU, nas feiras internacionais além de congressos e encontros, causa impressão positiva na sociedade especializada. O convite para trabalhar no Brasil, como também em Curitiba, se origina dessas ações.

---

<sup>8</sup> BRUANT, C. in, Ribeiro e Pechman (1996) Opus cit. p. 184

---

A sinergia entre o Museu Social, a SFU com seus associados intelectuais, novos urbanistas, sociólogos, historiadores, economistas, empresários estabelece condições para aflorar esses novos entendimentos sobre as interferências nas cidades. Esse grupo, como vimos, a partir do desenvolvimento da sociologia, se contrapõem à urbanística francesa desenvolvida até então baseada em Haussmann. Essa visão mais científica e apoiada em pesquisas sócio-econômicas se apresenta cada vez mais metodológica. A confirmação se faz, na prática, através dos numerosos planos<sup>9</sup>, onde a SFU teve oportunidade de aprimorar sua metodologia. Tanto nas experiências no continente Europeu, como no mundo colonial da época.

Os trabalhos apresentados pela SFU também se difundem e se notabilizam mundialmente pela competência, qualidade, seriedade. As últimas publicações que tratam especificamente desse assunto, como em José Lamas (2000), atribuem essa importância ao conjunto da obra. A SFU nesse seu conceito encerra o tempo os planos parciais, e parte a focar a cidade cada vez mais como um ser vivo: um todo não passível de segmentação.

David Underwood (1991) em sua tese comenta: «Para os sociólogos e economistas, do Museu Social e os novos urbanistas da SFU, higiene urbana, progresso moral e prosperidade econômica dependem não só de uma boa circulação<sup>10</sup>, mas também de uma boa organização social e das disponibilidades de dados confiáveis socio-

---

<sup>9</sup> Grandes prêmios conquistados em concursos internacionais e exemplos de alguns trabalhos por membros da SFU: Barcelona, 1903, Briançon, Toulouse, Grenoble Vittel – Jausseley; Gyaquil – Hebrard, 1910; Camberra 1913 (3º lugar medalha de ouro), Rio, Costa do Sol/ Lisboa – Agache e Groer; Philadelphia, Ottawa, Montreal, Marselha – Jacques Gréber's; Rabat, Casablanca, Fez, Marrakech, Meknes, Kenitra, El Jadida, Instambul, 1º plano da região Parisiense – General Lyautey e E. Joyant e Henri Prost; Buenos Aires, Parque Eduardo VII / Lisboa, Porto, Nova Gaia, Havana – Forestier; Salónica 1918, Dalat, Saigon, Hai Phong, Phnom Penh – Hebrard.

<sup>10</sup> ref. a Henard e seu *carrefour de circulation*

econômicos, através dos quais as organizações possam estudar e fazer urbanismo. Um dos maiores acertos do Museu Social foi demonstrar para a categoria profissional, através de seu trabalho, convincentes análises estatísticas, com ilustrações, gráficos, tabelas, como nós podemos encontrar nos planos de Agache, um sucesso de variedades e ensinamentos de como fazer planejamento»<sup>11</sup>. Bruand<sup>12</sup> (1997) também observa sobre Agache itens similares a Underwood.

Para a SFU, este novo modo de desenvolver urbanismo possui um entendimento multidisciplinar. Engloba, além da sócio-economia e da higiene, o próprio progresso material e humano. Isso, de maneira global, confirma-se nos projetos de Agache e diretamente nos planos para as cidades do Rio de Janeiro e mesmo de Curitiba, a ser focado nesse trabalho.

Através das anotações observadas em Underwood, Bruand e Catherine Bruant ficam-se certificadas as principais preocupações de Agache, da SFU e do urbanismo praticado pelo Urbanismo Formal Francês, que formam um ideário a ser seguido.

---

<sup>11</sup> UNDERWOOD, D.K. Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in French and Brazil. JSAH: June 1991. p. 134. (tradução própria). «For the sociologists, and economists of the Musée Social and the early urbanists of the SFU, urban hygiene, moral progress, and economic prosperity depended not a just on good circulation, but also on good social organization and on the availability of reliable socioeconomic data through which its organization could be studied and distributed urbanistically. One of the major goals of the Musée Social was to demonstrate to the working classes, through elaborate, convincing statistical analysis illustrated in impressive charts, table, and graphs such as we find in the Agache plan, the success of a variety of paternalistic planning devices».

<sup>12</sup> BRUAND, Yves. Opus Cit. p.335 «O mérito de Agache consistia em encarar o urbanismo como uma disciplina ampla onde intervinham todas as questões referentes à vida da cidade: as causas de seu desenvolvimento, os elementos que deviam ser conservados, as necessidades gerais (caráter dos bairros, trânsito local, circulação de conjunto), a superfície e número de habitantes, os edifícios públicos e a repartição dos espaços livres, os melhoramentos que deviam ser feitos no subsolo. Para ele, os três pontos principais eram a circulação, a higiene e a estética, e foi no sentido destas prioridades que ele concebeu suas propostas para o Rio de Janeiro».

---

Levando-se em conta que estes fatos antecedem o movimento modernista, vê-se também que o urbanismo praticado por Agache tem mais a ver com a configuração de uma cidade tradicional, do que as propostas baseadas nos princípios modernistas. São por detalhes, como a questão do lote e quadra, que se pode identificar, pois Agache define claramente seus limites, separando claramente o público, do privado. O modernismo, ao contrário, explora um conceito de não divisão e da continuidade espacial.

Verifica-se hoje que os caminhos trilhados pela corrente modernista e o urbanismo praticado pela SFU se contrapuseram em muitos pontos. Principalmente frente a modelos como o *Plan Voisin* e a *Ville Radieuse*, que resumem o ideal da cidade modernista, com extensas áreas, construções verticalizadas, pilotis, permitindo visuais abertas e conseqüentemente liberação do solo urbano. Estas duas propostas, além de sintetizarem as visões modernistas, compõem o processo de formação da cidade contemporânea e resumem o pensamento sobre ela, imperando logo após a Segunda Guerra Mundial.

As propostas formuladas pela SFU pregam uma cidade desenhada e voltada para a escala do homem, com ruas, quadras e parcelamento em lotes individuais; com urbanização estruturada, eixos hierárquicos, valorização de seus aspectos monumentais, sem esquecer pequenos espaços abertos como praças, arborizações e percursos.

Essa posição se enquadra nas leituras mais contemporâneas, feitas por Rossi, Aymonino e os irmãos Krier na década de 60. Nesse momento, os arquitetos redescobrem os valores da cidade tradicional, com suas complexidades, arquitetura e significados, questionando as propostas modernista, que resultaram na perda de

---

identidade, segregação de bairros ou deterioramento geral, que Jacobs<sup>13</sup> (1965) muito bem critica.

Lamas (2000) também chega a comparar esse urbanismo contemporâneo, o mesmo visto por Rossi, Aymonino e os Krier, por ele denominado de «Novo Urbanismo», com o «Urbanismo Formal» praticado pela SFU. Em seu ponto de vista, o urbanismo contemporâneo, o Novo Urbanismo, pode se identificar como um urbanismo: «que tem centrado a sua atenção em torno das questões da forma urbana, recuperando para a cidade espaços simples quanto tradicionais: a rua ou a praça, e elementos morfológicos de desenho como árvore alinhada ou continuidade dos volumes construídos e das suas fachadas»<sup>14</sup>. Nessa linha observa ainda que existe a mesma vontade de continuação dos espaços da cidade antiga. Reconhece o valor do desenho na produção da cidade e coloca a arquitetura como disciplina no complexo sistema de produção do espaço urbano.

Como foi visto, o Urbanismo Formal, além de suas preocupações espaciais, obtém toda sua fundamentação social e se desenvolve apoiado nos ensaios e modelos teóricos positivistas de Le Play. A isso, somam-se às experiências e entendimentos sócio-psicológicos de Gabriel Tarde e de Emile Durkheim, que propiciam as bases científicas para sua formatação metodológica.

Agache, por permanecer um longo período na instituição, se responsabiliza pelo embasamento teórico da SFU. Underwood<sup>15</sup> (1991) comenta que Agache passa a divulgar

---

<sup>13</sup> JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities – The Failure of Town Planning*. Penguin Books Australia Ltd. Victoria, Australia. Published in Pelican Books. 1965.

<sup>14</sup> LAMAS, J. (2000) *Opus Cit.* p. 293.

<sup>15</sup> UNDERWOOD, D. (1991) *Opus Cit.* p. 135. «*Agache was exposed to the ideas and methods of major school of French sociology between 1890 and 1915*».



---

suas idéias e métodos por todas as mais importantes escolas de sociologia da França entre 1890 e 1915, a lembrar, o primeiro curso formal de urbanismo na França, ofertado pela SFU junto ao *Collège Libre des Sciences Sociales*, em 1914, em Paris.

Nota-se também, em suas exposições, palestras ou defesa de seus planos, que Agache assume sempre um posicionamento de professor. Nessas ocasiões promove didaticamente seus conceitos sobre essa nova disciplina, o urbanismo. Termo, aliás, que Agache assume em parte a paternidade, pois é um dos primeiros a usar e promover do termo «*urbanisme*», como ele próprio cita em 1930: «*este vocábulo: urbanismo, do qual fui padrinho, em 1912*». E continua, «é agora universalmente empregado, sendo mais expressivo do que o vocábulo alemão *stadteblau* e o Inglês *town planning*, por serem estes últimos mais aplicáveis às construções»<sup>16</sup>.

Todo esse esforço cresce em conjunto com a SFU, logicamente se sobrepondo, às bases teóricas da *Beaux-Arts* e, como Underwood (1991), as três das mais importantes correntes sociológicas francesas. Desta forma, este novo urbanismo francês estabelece uma metodologia científica para execução de planos com muita praticidade e eficiência, sempre abordando com pluridisciplinaridade a questão e centrando suas preocupações no «ser urbano» (*l'être urbain*)<sup>17</sup>.

Sobre esta nova forma de fazer urbanismo, além de textos teóricos, destaca-se o curso realizado na «Exposição Internacional Urbana» realizada em Lyon, em 1914. Nessa oportunidade Agache realiza o curso «Plano de Cidades»,

---

<sup>16</sup> AGACHE. A. (1930) Opus Cit. in, *Cidade do Rio de Janeiro*. p.6.

<sup>17</sup> POËTE, Marcel. *Introduction à l'urbanisme*. Boivin. Paris, 1929 in, LAMAS. Opus Cit. p.259.

---

onde promove a nova disciplina «urbanismo», que começava a ser difundida metodologicamente como disciplina.

Encontra-se em Marcel Poète, um dos mais destacados integrantes da SFU no ensino dessa nova investigação urbana, e que cria os fundamentos de análise histórica e morfológica das cidades. Para Poete, o urbanismo seria a «ciência da observação» e «para qual cada cidade seria «um organismo com vida própria que não a soma das vidas particulares»<sup>18</sup>.

Em Agache pode-se também encontrar artigos teóricos, a exemplo do que publica em «Cidade do Rio de Janeiro, remodelação e embelezamento. (Paris, 1930)», considerado um tratado metodológico de urbanismo. Nesse, Agache se preocupa com o perfil desse novo profissional: «O urbanista nasce urbanista; é um dom inato» e ainda «É preciso para ser urbanista ter a sensibilidade, sentir como um artista e poder exteriorizar, plasticamente, o quadro onde todos os efeitos sociais da vida se manifestem em imediata coordenação».

Neste contexto de agitação revolucionária do início do século XX, a escola francesa de urbanismo se distingue pela presença e pelo debate teórico, por seus experimentos e por suas grandes realizações.

Pode-se afirmar que o Urbanismo Formal praticado pela SFU, por sua produção foi responsável pela irradiação internacional do urbanismo, tanto pela quantidade como pela qualidade. Só lembrando, seus trabalhos, foram executados para os maiores centros urbanos da época, como Paris, São Petersburgo, Rio de Janeiro, Chicago, Istambul, Hanói, Filadélfia, Ottawa, Montréal etc.

---

<sup>18</sup> LAMAS. J. (2000) *Opus Cit.* p. 259.

---

Agache colabora, produzindo, o Plano para Camberra, em 1913 onde recebe a «medalha de ouro» como prêmio pelo concurso; Plano de Urbanização de Paris; Plano de Urbanização de Dunquerque; Plano de Urbanização de Poitier; Plano de urbanização de Dieppe; Plano de Urbanização de Orleans; Lisboa, Costa do Sol, 1933, além de projetos de arquitetura como, *La Boucherie Modèle E.C.º* Paris, 1917 e alguns equipamentos como *La Maison de Tous*, na Exposição de Artes Decorativas, 1925; além da Exposição do Progresso da Ciência em Lille, 1939, independentemente de suas estadas no Brasil, 1927 e 1939.

O Urbanismo Formal praticado pela SFU acaba, abruptamente, com o fim da Segunda Guerra Mundial, em pleno esplendor de sua maturidade e em franco exercício. Lamas<sup>19</sup> (2000) confirma: «ainda devidamente apetrechada e pronta para responder qualquer desafio, sendo substituídas pelos novos, da arquitetura moderna, funcionalistas, através de ação do Ministro Claudius Petit, com a contratação de jovens a partir das *Unités d'Habitation de Le Corbusier*». Soma-se a estas ações, as alterações na Lei Cornudet<sup>20</sup> que desestimulou a obrigatoriedade de plano reguladores em cidades acima de 10.000 habitantes, que mantinha em atividade a grande maioria dos profissionais na França na época.

---

<sup>19</sup> LAMAS. J. (2000) *Opus Cit* p. 268.

<sup>20</sup> Lei de 14 de março de 1919. Apresentada pelo Ministro Cornudet. Como se viu, obrigava toda a cidade com mais de 10.000 habitantes, entre outras condições, possuir um plano diretor ou regulador urbano. A partir de 1935 começa a enfrentar oposição das prefeituras. Esta oposição estabeleceu uma crise no mercado e compromete o desenvolvimento do urbanismo praticado pela SFU, na França.



# ALFRED AGACHE NO BRASIL

## Sua visão de urbanismo para o Rio de Janeiro

A importância de se analisar, inicialmente, a situação que se verifica no Rio de Janeiro com a chegada de Agache, prende-se a disponibilidade do livro<sup>1</sup> de sua autoria, conhecido como «Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação, Embelezamento», publicação sobre o Plano por ele proposto para essa Capital, que engloba uma síntese da visão urbanística de Agache, que o torna um tratado de urbanismo.

Este urbanismo, que possui varias denominações é chamado por Underwood de «a *Sociological Urbanisme Parlant*», que se pode entender como um urbanismo social, com potencial falante ou pedagógico. Lamas se apropria do nome, «Urbanismo Formal», para desenvolver seus estudos sobre morfologia urbana nessa mesma época na França.

A razão maior de Agache vir ao Brasil trabalhar, é o problema crônico, apresentado pela cidade do Rio de Janeiro, de esgotamento das possibilidades de assentamento urbano nos entremeios de sua configuração topográfica.

---

<sup>1</sup> AGACHE, Donat-Alfred. A cidade do Rio de Janeiro — Remodelação, Extensão e Embelezamento. Foyer Bresilien Ed. Paris, 1930. La Remodelacion d'une Capitale. Aménagement, Extension, Embellissement. Collection Urbaniste. Société Cooperative d' Architectes. Paris, 1932.

---

No século XIX, o Rio de Janeiro, ainda Capital do Brasil, apresenta um crescimento muito acelerado, que densifica e aumenta sua concentração urbana em partes da cidade, comprimindo-se a nível crítico entre suas antigas estruturas coloniais, obviamente enfrentando cada vez maiores problemas urbano-sanitários.

Com o permanente apoio do Governo Federal, a cidade do Rio de Janeiro anteriormente à vinda de Agache, já tinha permitido que Pereira Passos, a partir de 1904, executasse grandes intervenções urbanas, que rasgam e abrem sua velha malha, como Haussmann (1850-70) fez em Paris. Esse exemplo é seguido pelo Rio, como em muitas outras grandes cidades, pelo resultado aparente e enorme sucesso alcançado, comprovando ser o parâmetro de melhoramento urbano no final do século XIX de melhor aceitação.

O Plano de Haussmann para Paris atinge somente uma parte da cidade de Paris. Permeia sua antiga malha medieval com implantação de grandes eixos de arruamentos e estabelece um ordenamento para a arquitetura, disposta ao longo destas novas avenidas e ruas. Nessa oportunidade, surgem também novos conceitos de circulação para veículos e pedestres, a exemplo das rotatórias e galerias cobertas. A cidade, rapidamente obtém uma leitura espacial mais clara e aberta. O poder público aproveita para implantar mais infra-estrutura de serviços como água, esgoto, energia etc. Enfim, realiza-se uma corajosa interferência urbana, que, no final, o mundo da época vê como um enorme sucesso.

A obra realizada por Haussmann é a Paris tradicional que se conhece hoje, com suas edificações obedecendo ao mesmo critério de alinhamento e altura, e com seus telhados formando as famosas «mansardas».



Rio de Janeiro – (CK)  
Morro do Castelo. Vista da ladeira de acesso.



Rio de Janeiro – (CK)  
Morro do Castelo em demolição.  
Vista do complexo do Colégio Jesuíta  
parcialmente demolido.



Rio de Janeiro – (CK)  
Espaço oriado pelo arrasamento  
do Morro do Castelo.

A cidade do Rio de Janeiro, sempre em busca de melhoramentos, procura se espelhar em interferências de comprovado sucesso, vê a experiência de Paris como possibilidade de inspiração e uso.

Nessa ocasião, se inicia uma fase de obras em busca de espaço para atender suas necessidades imediatas de expansão que visava resolver, como vimos, os tormentosos problemas de saneamento e alta densidade de alguns bairros de baixa renda, além de buscar, o na época chamado, embelezamento urbano.

Dentro dessa linha, uma das opções vista como solução é o arrasamento de morros em busca de áreas mais abertas. O Rio de Janeiro, optando pela solução, permite a derrubada de morros que moldavam seu relevo e que também configuravam a malha de antiga cidade colonial.

O morro do Castelo foi um dos escolhidos para o arrasamento. Estava incrustado entre outros, com uma ocupação muito antiga e pobre, uma favela típica do Rio de Janeiro, cheia de mocambos, expondo uma desordem que nada tinha a ver com a imagem de uma Capital federal.

Nesta empreitada, cria-se um grande vazio urbano e faz-se desaparecer testemunhos e marcos arquitetônicos referenciais de outras épocas, como o Colégio Jesuíta, prejuízos incalculáveis, não devidamente avaliados na ocasião.

Mesmo com todas essas interferências, a cidade do Rio de Janeiro não consegue solucionar o problema de falta de espaço para sua expansão urbana e facilitar o fluxo de uma cidade que não pára de crescer. Vislumbrando necessidade de crescer e expandir-se mais facilmente, decide também por investimentos em aterros marítimos.

---

Permite obras de aterro que começam a invadir a orla litorânea, a partir do início do século XX. Essa solução possibilitaria, mais tarde, a conexão do centro com a zona sul da cidade.

No final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro reflete o ideal para o país. Tudo que se relacionasse com um «mais moderno» deveria, dentro da visão carioca, surgir via Rio de Janeiro, considerado também um tipo de termômetro nacional, tanto político como social. Agache capta essa situação, esse sentir carioca, e logo em seus primeiros momentos no Brasil, resume este panorama em poucas palavras: «Rio de Janeiro, a porta do Brasil».

O progresso, a dinâmica econômica e o desenvolvimento acelerado das cidades fazem surgir novos segmentos e setores econômicos. A economia do café, um dos principais itens econômicos, se modifica com a crise das oligarquias. Esboça-se timidamente um início industrial. Despontam-se novos empreendimentos e muitos movimentos sociais eclodem pelo país inteiro.

Toda essa agitação política, econômica e cultural, colabora para a formação do pensamento urbanístico brasileiro, a exemplo da conhecida «Semana de Arte Moderna» realizada em São Paulo, em 1922. Era um momento de reflexão para o mundo das artes e para a própria arquitetura brasileira que começa a se adaptar a esses tempos.

Mário de Andrade encabeça este movimento de intelectuais, inicialmente paulistas, que vêm nas comemorações do Centenário da Independência, motivo para conectar o Brasil às novas realidades que aconteciam na Europa, em especial com os movimentos sociais, como o avanço comunista, e artísticos, como os sugeridos pelo Manifesto Futurista de Marinetti.

---

Com grande agressividade, através de uma semana de eventos, este grupo artistas e intelectuais, prega a divisão das mentalidades, a ruptura do velho e a instalação do novo. Tudo baseado na implementação de uma maior «brasilidade», mais independência, negação ao passado em especial ao domínio europeu.

São Paulo gradativamente assume a vanguarda modernizadora. A Semana de Arte Moderna se torna um dos grandes referenciais da época. Porém, o Rio de Janeiro continuaria sendo o centro do poder e das disputas, dos desejos e de toda simbologia que sempre envolve uma Capital Federal. Esse potencial permanentemente renovado pelos anseios de progresso e de modernidade, já conhecidos na Europa e América do Norte.

Começa a despontar um novo ideário nacionalista, que encontra sua realização e ancoragem máxima nas comemorações do Centenário da Independência. Torna-se um dos motivos que geraram a tomada de decisão, do então prefeito carioca Carlos Sampaio (1920), de efetivar o arrasamento do Morro do Castelo. Obra planejada no intuito de criar espaço para a futura exposição comemorativa e festejos. Serviços estes que duram quase dez anos e resultam no espaço que atualmente se desenvolve o aeroporto Santos Dumond.



Rio de Janeiro – (CK). Esplanada do Castelo.

Toda esta agitação social culmina com os movimentos políticos do período Vargas.

Inicialmente o novo espaço do aterro não tem objetivo específico, a não ser solucionar aspectos higienistas e estéticos. Porém o interesse aumenta e logo se transforma em objeto de grande polêmica, principalmente entre profissionais da área técnica.



---

Arquitetos através dos Institutos ICA/IAB, engenheiros através do Clube de Engenharia e a Escola Politécnica. Todos, em suas respectivas revistas, deflagram seus pontos de vistas, em geral não coincidentes.

Um dos produtos e providências advindas dessa discussão foi o convite formulado ao então professor Agache, para vir ao Brasil. Sua visita, antes de tudo, visava contribuir com a polêmica existente e trazer consigo o que de mais contemporâneo em urbanismo se empregava na Europa, colaborando desta forma com a cidade do Rio de Janeiro em dar o melhor destino às novas áreas do aterro.

Nessa época era comum nosso administrador público procurando se atualizar, recorrer constantemente a participação de eventos europeus. Entre as muitas oportunidades oferecidas, destacava-se por vários motivos, as Grandes Exposições Mundiais. Inicialmente pelos contatos pessoais, pelas novidades técnicas apresentadas e pela concorrência estabelecida entre os países expositores em divulgar seus produtos. A arquitetura foi um dos meios utilizados para mostrar a capacidade e modernidade entre os países expositores. Pode-se aquilatar a importância dada a esse assunto, pela dimensão e esmero das próprias instalações, a começar pela primeira, em Londres, 1851, com o Palácio de Cristal de Paxton.

A expectativa popular era de aguardo ansioso, devido à intensa propaganda. A cada nova exposição, propostas inovadoras apareciam, sempre umas querendo superar a outra. Só para se dimensionar a que nível se chegou, vê-se que a Torre Eiffel, ícone de Paris e da França, é um marco comemorativo da Exposição Mundial, realizada em Paris, em 1889.

A SFU, sempre atendida por seu secretário geral Agache, sempre se apresenta nesses espaços, com total apoio do governo francês, que procura promover suas políticas, em especial as que envolvem o novo urbanismo francês, mostrando suas realizações. Por estar sempre atuando e presente, Agache foi o primeiro nome a ser lembrado e convidado para visitar o Rio de Janeiro. Outros nomes também são lembrados pelas sucessivas administrações municipais cariocas de Carlos Sampaio (1920/22), Alair Prata (1922/26) e Antônio Prado Júnior (1926/30). Inicialmente se imaginava convidar quatro destacados nomes do urbanismo da época: Stubbem, Bennet, Jausseley e Agache<sup>2</sup>.

Agache, nessa época, já tinha adquirido fama universal por seus artigos, livros<sup>3</sup>, teorias, conferências e mesmo por trabalhos executados<sup>4</sup>, foi o primeiro a desembarcar no Brasil. Sua chegada ao Rio de Janeiro, oficialmente se justifica para realizar uma série de palestras. A imprensa carioca destaca a presença de Agache em nível nacional enfatizando seus trabalhos. Na oportunidade, evidencia a medalha de ouro recebida, recentemente, pela proposta urbanística para a cidade de Camberra<sup>5</sup>, capital da Austrália.

---

<sup>2</sup> In LEME, Ana Cristina. *Urbanismo no Brasil*. São Paulo. FUPAM. Studio Nobel. 1999. p. 29 e SILVA, Lúcia. *A Trajetória de Alfred Donat Agache no Brasil*, in Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e Robert Pechman (org). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1996. p. 401.

<sup>3</sup> *La housing – question a Londres*. Ed. Firmin Didot. Londre, 1903; *La cité jardin (Allian d’Hygiène Sociale)*. Congresso de Roubaix. 1911; *Cités jardins et villes futures*. Câmara de Comércio de Nancy. 1913; *La grande ville / Édute d’urbanisme – Les documents du progrès*. Ed. Felix Alcan. Paris. 1914; *Reconstruire nos cités détruites, Notions d’urbanisme s’appliquant aux villes, bourgs et villages*. Ed. Livrarie Armand Colin. Paris; *La construction moderne. Comment on fait un plan de villi / Ou en est l’urbanisme*. 1923.

<sup>4</sup> Na Europa até esta época: os Planos de Urbanização de Paris, juntamente com Hénard e Prost; de Dunquerque; de Poitiers; Dieppe; de Orleans.

<sup>5</sup> BACON, Edmund. *Design of Cities*. MIT Press,. 1969, p. 309. Concurso internacional onde Agache foi agraciado com o terceiro lugar. Primeiro lugar, Walter Burley Griffin (sócio de Frank Loyd Wright). a proposta de Griffin é um grande exemplo de desenho urbano, impacto e marcante por sua personalidade.

---

Através de palestras, entrevistas coletivas e de grande campanha publicitária, Agache impôs-se gradativamente aos administradores da cidade e representantes empresariais, como profissional preparado e capaz. Ao final desta primeira rodada de conversações, chega a convencê-los em sua contratação, impedindo habilmente que seus concorrentes fossem convidados a visitar o Rio Janeiro.

A proposta de Agache para a grande esplanada, do Castelo, viria a se chamar de «*Plano de Extensão, remodelamento e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro*». Tendo uma máxima ao iniciar os trabalhos, o *slogan*: «Rio moderna e civilizada como Paris»<sup>6</sup>.

Logo em sua chegada, Agache recorre diplomaticamente com toda sua experiência com teorias e metodologias sociais. Suas observações e comprovações sociológicas começam novamente a se evidenciar. Recorre a seus estudos quando das reconstruções das cidades da França, onde notou que, por imitação, todas as cidades queriam «se parecer com Paris».

Graças a seu exercício profissional, Agache nota que, por tendência e aceitação pública, pode aplicar também para a cidade do Rio de Janeiro, a argumentação, já anteriormente muito utilizada, baseada na psicologia social de Tarde (difusão das idéias por imitação). Daí sua estratégia inicial de *marketing* com o *slogan*: «Rio moderna e civilizada como Paris».

---

<sup>6</sup> UNDERWOOD. (1991) *Opus Cit.* p. 130.

---

Nesses seus primeiros momentos frente à sociedade do Rio, Agache enfrenta um período de convencimento com muita polêmica, principalmente com profissionais da engenharia. Essa polêmica envolve o grupo de pessoas e empresas que tradicionalmente dominam todas as questões relativas a obras e interferências na cidade.

Críticas como as do engenheiro Costa Moreira refletem o nível dessa polêmica: «O novo Rio de Janeiro não poderá ser a capital representativa da nacionalidade, se seus aspectos estruturais não exprimirem as aspirações de progresso material e de intensa atividade criadora.» E continua, « Uma cidade metropolitana não é o espelho, é também uma escola. Um foco de irradiação das correntes que estimulam a ação coletiva de todas as populações do país».

Esta situação é aproveitada por Agache pedagogicamente para impor o aceite e crescimento da nova área profissional que desponta atrelada à arquitetura, o do urbanismo, que, incansavelmente, prega em todas as oportunidades possíveis.

A contratação de Agache marca não só o início de sua longa peregrinação profissional pelo Brasil, mas também, novos tempos para o urbanismo e de novos entendimentos: um paradigma para o Brasil, tanto pelo fato realizado como pela importância despertada a partir desta realização. Conforme declaração da engenheira Carmem Portinho, atuante na Prefeitura do Rio de Janeiro na época, e uma das primeiras profissionais a se graduar no Brasil: «Urbanismo, só depois de Agache».

A chegada de Agache ao Brasil coincide com momentos de grandes conflitos sociais, a começar pelas grandes mudanças no domínio da economia das oligarquias cafeeira.

---

Conjuntamente se intensificam as atividades socio-culturais e ,em especial, as político-militares que culminam com a ditadura de Vargas, como o «Estado Novo», dentro da chamada «Era Vargas», 1930 a 1945.

Agache inicialmente pensa em aplicar para o Rio de Janeiro um rotineiro plano urbanístico, dentro do enfoque metodológico da SFU. Para sua surpresa, enfrenta uma situação de complexidade social quase que caótica. Esta situação não prevista exige muita diplomacia, habilidade de posicionamentos, cautela nas soluções, visão política, além das concernentes questões estéticas, técnicas e ideológicas do projeto, tanto apregoadas pelo seu Urbanismo Formal.

Por não ter obtido estas informações e mesmo desconhecer os movimentos internos, a exemplo da Semana de Arte Moderna, Agache procura rapidamente se adaptar a essa imensa salada contextual social em que é envolvido.

Graças à sua experiência e convívio no Museu Social, compreende e modifica rapidamente sua primeira visão, que propunha: «Rio moderna e civilizada como Paris». Propõe, através de sua aguçada percepção e estudos, como já foi lembrado anteriormente, fazer do Rio um tipo de «entrada ou porta do Brasil ou América». Cria um projeto com a idéia guia baseada em um «Portal Monumental», interfaceando o mar com a enorme «esplanada do aterro». Idéia que gerou muita polêmica, uma vez que Mestre Valetin, no século XVIII, já possuía esta intuição, ao deparar com a configuração de montanhas que envolvem o Pão de Açúcar, imaginando ser ali, a porta do Brasil.

O projeto do Portal compõe-se de um complexo de duas majestosas colunas e escadaria, que a partir da esplanada se abre em um cenário espetacular para o mar.

---

A idéia simbólica básica estava em marcar uma entrada monumental para a esplanada do Castelo. Este espaço aberto, uma enorme praça seca, semi-circular, seria circundada por edifícios institucionais como o Palácio das Indústrias, o Senado e Câmara dos Deputados. Destacando-se o eixo central a partir do Portal até ao auditório central, formando a principal sala deste complexo arquitetônico Art Déco. Nas palavras de Agache: «Além de tudo, nos terrenos conquistados ao mar, frente à baía e em lugar de honra, se localizará o centro governamental federal num conjunto que dará à obra do homem, a nota grandiosa que ainda falta à cidade. O Rio de Janeiro oferecerá, assim, à admiração do visitante chegado por mar, uma entrada monumental correspondente à importância e aos destinos da capital».<sup>7</sup>

Conforme Underwood<sup>8</sup>, o plano, que teve o «Complexo do Portal» como elemento principal, lembra as perspectivas visionárias de Ledoux e Boullée. Passa também pela arquitetura da época do fascismo na Itália ou do nazismo. De uma arquitetura atrelada ao Estado. Com linhas semelhantes estão as diretrizes monumentalistas o Realismo Socialista na União Soviética, como o Palácio dos Soviéticos de Iofan (1934), ou do Terceiro Reich com Albert Speer, empregadas também, na Exposição Mundial de Paris em 1937<sup>9</sup>. Todas estas conotações podem-se verificar através dos notáveis desenhos que Agache<sup>10</sup> produz em seu projeto para o Rio. São diversas pranchas de desenhos perspectivados, bem característicos dessa época, utilizando a técnica de aquarela.

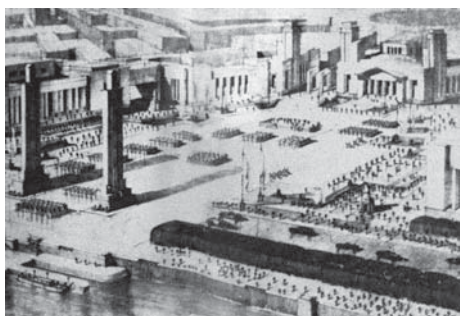
---

<sup>7</sup> AGACHE, Alfred. *Cidade do remodelamento e embelezamento*. Paris. Foyer Bresilien. 1930. p. 161.

<sup>8</sup> UNDERWOOD. (1991) *Opus Cit.* p. 130.

<sup>9</sup> FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica Rio de Janeiro, extensão, da Arquitetura Moderna*. São Paulo. Martins Fontes. Ver mais no cap. 24. *Arquitetura e Estado: Ideologia e representação*. p. 255.

<sup>10</sup> AGACHE, Alfred. *Opus* (1930) cit. p. 214. Fig 38. (det. abaixo- Perspectiva do Portal)



Plano Agache para o Rio de Janeiro – (in, Underwood)  
Detalhe: perspectiva do portal.

A mais destacada delas, uma perspectiva com vista a partir da baía de Guanabara, mostra a esplanada devidamente ordenada em todo seu entorno e seu monumental eixo, tendo o Portal como ponto central de interface com o mar.

Neste momento Agache prefere reforçar os detalhes dos espaços abertos, do que detalhar os edifícios do entorno.

A partir desta enorme praça semi-circular partem duas largas avenidas, com 64 metros de largura, como raios prolongados, cada uma em sua direção, seguindo simbolicamente para o interior do Brasil. Nesta simbologia, as avenidas, como artérias, partem e se ramificam, estendendo-se a dominar todo o país.

O projeto reforça a idéia do Rio de Janeiro como centro e começo do Brasil, palco e convergência dos grandes acontecimentos. Ao reforçar esta intenção, Agache procura dar à Nação seu principal palco cívico, principal lugar público. Espaço para realizar as grandes cerimônias, paradas e recepções. Imagem cativante para um governo ditatorial como o que Vargas realizou.

Convém observar que mais tarde a palavra «esplanada», entendida como «Porta do Brasil» foi também utilizada em Brasília. Mais curioso se torna se observarmos também que Lúcio Costa, Afonso E. Reidy, e tantos outros importantes arquitetos, já estavam ligados a este contexto, como funcionários da prefeitura do Rio, como participando indiretamente através de conselhos consultivos existentes na época, como por exemplo, o Conselho da Cidade.

---

Na seqüência, Agache amplia todo seu discurso e propõe reviver também algumas «expressões de esperança», como já se empregara em outras épocas, pelo Presidente Rodrigues Alves (1902-1906)<sup>11</sup>. Este novo posicionamento se coadunaria mais com a esperança de uma «brasilidade» pregada pelo ideário da Semana de Arte Moderna, do que um Rio de Janeiro como simples espelhamento de Paris, como inicialmente foi imaginado.

O objeto principal de sua contratação resumia-se preliminarmente em uma proposta de urbanização para a área da esplanada, resultante do arrasamento do Morro do Castelo e mais alguns complementos envolvendo questões como: congestionamento de tráfego da área central da cidade; abastecimento de água e outras questões de saneamento, além de prever áreas para expansão urbana. Esta última, tentando barrar o crescimento das favelas.

Todo esse escopo de fato envolvia uma proposta parcial para a cidade, a partir de um vazio urbano criado pela esplanada. Todo esse cenário contratual, essa realidade, entra em choque com suas propostas teóricas e principais conceitos promovidos pelo SFU. Pois, foi visto que o Urbanismo Formal, que prega a cidade como um todo, um «ser único» indivisível.

Agache se obriga a ampliar seus estudos. Torna-o mais abrangente, inserindo uma conotação metropolitana-regional. Estuda as influências de cidades próximas, como Petrópolis e Teresópolis, a Ilha do Governador e Paquetá consideradas na época recantos perdidos<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> UNDERWOOD. (1991) Opus. Cit. p. 133. «Its restoration in the eyes of the world will be start of new life, the incitement of work in the far reaches of a country that has land for cultures, climates for all peoples, and money-making opportunities for all sorts of capital»

<sup>12</sup> BRUANT. Y. (1997) Opus Cit. p. 335.



---

Aproveita para mostrar sua ampla visão e preocupação com o futuro, frutos da escola francesa, de um urbanismo encarado como ciência, «ciência da observação», conforme Marcel Poète: «um organismo com vida própria que não a soma das vidas particulares»<sup>13</sup>.

Esta nova proposta, vislumbrando um plano geral, procura criar uma imagem para a cidade mais adaptada aos novos tempos. Poder-se-ia hoje dizer politicamente mais correta, mais apropriada para cidade Capital do Brasil. Agache não só considera o lado estético, mas se preocupa com o crescimento demográfico em sua expansão vertical e horizontal. Nestes novos estudos, envolve pontos marcantes da arquitetura da cidade, que também são fundamentos econômicos peculiares, como o porto, as dificuldades de circulação e congestionamento de tráfego. A questão hidrográfica, complicada principalmente pela ocupação desordenada de áreas, que impede o escoamento em sua acidentada topografia, recebe um tratamento especial. Emprega o forte lado técnico do seu «urbanismo científico», lado sustentado por análises estatísticas baseadas em levantamentos de dados existentes e coletado ,«in loco». Utiliza novas técnicas a exemplo do recurso de fotos aéreas como auxílio para informação urbanística, talvez o primeiro registro oficial no Brasil.

Agache ancora sua proposta em duas funções principais: a «político-administrativa», como capital do Brasil, e «econômica», como seus aspectos comerciais, industriais e habitacionais. Incluem nestes itens também assuntos específicos da cidade como: porto, mercado e expansão urbana.

---

<sup>13</sup> LAMAS, J. (2000) *Opus. Cit.* p. 259.

O Plano de Agache para o Rio de Janeiro, compõe-se de três partes distintas. Inicialmente apresenta uma introdução analítica antropogeográfica onde constata os grandes problemas sanitários da região. Na segunda, o próprio plano, onde mostra o desenho urbano proposto. Parte do entendimento «Porta do Brasil», na grande esplanada, e uma malha com formas radioconcentricas em forma de estrela. Parte de uma proposta de um sistema triaxial e não radio-perimetral, devido à topografia do local. Explora uma hierarquia de ruas e avenidas a partir de grandes eixos. Cria quadras bem marcadas, como se vê em sua proposta de desenho, conformando-se com sua malha viária existente. Em alguns pontos propõe rotatória, para facilitar a circulação viária, como as de Henard em Paris. Toda esta articulação espacial encaixa-se perfeitamente em todo o sítio da esplanada. Além de conectar-se com a malha existente, se ramifica regionalmente por artérias principais, integrando um sistema maior. Finaliza com capítulos dedicados à questão específica de saneamento. Dedicou uma boa parte de sua proposta com análises técnica e soluções apropriadas para casos específicos. Procura sempre entender a cidade de forma global.



Plano para o Rio de Janeiro 1930 – Agache (UB)  
Perspectiva aérea do Centro Monumental  
e dos Bairros de Intercâmbio e dos Negócios  
idealizados por Agache.

Dentro de sua visão social, Agache também não discrimina ou aconselha início ou como executar os trabalhos de implementação do plano. Procura não se envolver em uma possível polêmica de beneficiar uns, indistintamente, em detrimentos de outros, que seria uma outra questão, ligada mais diretamente ao poder executivo. Aliás, será dominada pelo grupo da engenharia, assunto que já tivera contato logo no início de sua chegada ao Rio de Janeiro.

O sistema viário, que integra e marca o desenho urbano de sua proposta, procura fundamentalmente atender as questões de circulação e de eficiência técnica geral.

---

Porém, no projeto observa-se que utiliza com destaque vias de ligações principais com trechos bastante diretos e entroncamentos elaborados, dispondo até de rotatórias. Para as outras vias, mais secundárias, parciais ou até ruas mais internas forma intencionalmente partes distintas, mais interiores ao todo. Esses quarteirões, como se observa, mais isolados e afastados dos eixos principais, com menos conectividade, estabelecem uma situação mais privada e definem atividades, caso a caso, mais identificada com cada setor, lugar ou bairro. É a valorização da cidade tradicional, com suas particularidades e complexidades. Resumindo: é um balanceamento do majestoso, do grande *boulevard*, do coletivo, do impessoal, com o mais individual, a rua local, a escala da pessoa, o indivíduo. Nesse momento projetual se encontra a cidade de Agache, com a cidade idealizada por Rossi, Aymonino e as visões de Lynch.

Agache, nesse seu intrincamento formal, concilia funcionalidade com estética, ou melhor «embelezamento», termo mais apropriado para a época. Também sempre busca implementar sua percepção urbana em perspectivas, repassando a idéia de monumentalidade através de técnicas projetuais e conceituais. Utiliza pontos focais em destaque e alinhamentos, como também se verá no caso de Curitiba.

O arquiteto Agache emprega profissionalmente a mecânica de projeto com cortes esquemáticos e perfis orientativos. Mostra as diversas possibilidades e hierarquias destas novas ruas. Todo esse esforço visa sustentar sua lógica espacial. Mostra, define, posiciona e alinha os principais componentes urbanísticos, como: pista de rolamento para veículos (automóveis, bondes etc.) com o tráfego de pedestres; além de estudar posicionamento de postes; árvores e equipamentos diversos de apoio como bancos, muros etc.

No caso do Rio de Janeiro, Camberra ou Curitiba, o paisagismo é um suporte amplamente utilizado. Agache propõe grandes e largas avenidas com muitas áreas abertas. Em geral ajardinadas e com muito detalhe. Nesta linha aparecem muitas praças, alamedas e *boulevares*. Emprega generosamente massa vegetativa de forração e arbustos com bordados e trabalhos tradicionais à francesa, como se pode ainda hoje desfrutar em Versalhes. Define sempre caminhos e estares valorizando elementos focais, como fontes, equipamentos, como bancos, balaustradas e mesmo elementos de apoio maiores como caramanchões consorciados com diversos usos. Procura inserir momentos de *promenades ou pochés* para realçar alguns lugares especiais. Destaca-se nestes trabalhos também as árvores de porte, alinhadas ou não, procurando valorizar visuais em perspectivas, apoiando-se na abundância das espécies nativas disponíveis, como as palmáceas.

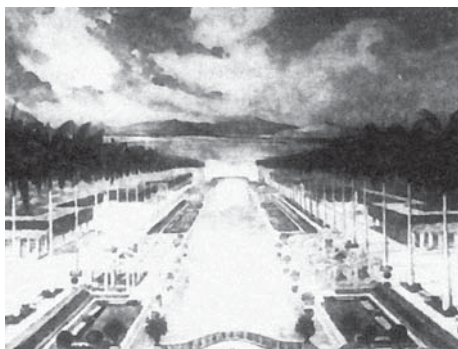


Plano Agache para o Rio de Janeiro – aquarela  
Detalhe da proposta para o Bairro Leblon (in, CONDE)

Identifica-se nesses trabalhos um esforço de Agache em identificar e evidenciar os elementos que compõem e formam a imagem estrutural da cidade; em diferenciar as áreas públicas como as ruas, passeios, canais, bairros, cruzamentos, pontos focais e eixos como a própria esplanada do portal, das áreas privadas, como lotes, edifícios etc. Todo esse processo identifica-se com uma leitura mais contemporânea do urbanismo, que não o dissocia da arquitetura; que define claramente o público do privado. Esses conceitos coincidem as propostas de Lynch<sup>14</sup>, que dissecava essa dialética entre observador e observado, como um processo de constituição da imagem de uma cidade, aumentando toda a percepção urbana.

---

<sup>14</sup> Ver mais in, LYNCH, K. (1960) Opus Cit.



Plano Agache para o Rio de Janeiro – aquarela (UB)  
Perspectiva – Jardins – Ponta do Calabouço

Por outro lado, como principal instrumento de uso e controle do solo urbano, emprega o recurso do «zoneamento». Procura ordenar para melhor poder controlar. Evita o possível caos pela livre iniciativa de ocupação do território. Lamas comenta: «Agache desenvolve um método e uma técnica operacional que assentam na estruturação da cidade a partir do *zoning*, e de um plano-diretor, marca sintética de entendimento e uma das características da SFU». E continua, «O *zoning* é a repartição racional das necessidades da vida urbana: habitação, trabalho, lazer, permitindo regulamentar o mercado fundiário, bloqueando a sobredensificação, definindo o bairro, e controlando o crescimento urbano».<sup>15</sup>

Agache também propõe uma política habitacional de oferta de moradia de baixa renda. Sobre o problema das favelas, com simplicidade, vê de fácil solução. Basta transferi-las, e entende também que morar em favela é uma escolha, conforme nos revela Maria Leme<sup>16</sup>. Vê-se no caso habitacional, apesar de discutido, que Agache subestima o problema, em especial quando trata de tais habitações. Propõem, como solução, a criação de áreas habitacionais de baixa renda nos subúrbios, próximo de zonas industriais e assistidas por transporte coletivo, como forma de ocupação ordenada. Para as camadas sociais mais altas, ocupando bairros da zona sul, propõe a transformação em bairros-jardins, como o caso do Leblon.

Essa visão de cidade como um sistema orgânico, um ser vivo, integrado, um conjunto a ser interconectado, que envolve bairros e zonas de diversos usos, com elementos funcionais de infra-estrutura geral, foi a solução apresentada com solução para o Rio de Janeiro. Portando, vê-se que Agache não se afasta da visão urbanística da SFU e comprova pontos de visão comum com a urbanística contemporânea.

---

<sup>15</sup> LAMAS, J. (2000) *Opus Cit.* p. 276.

<sup>16</sup> LEME, M. (1999) *Opus Cit.* p. 364.



Rio de Janeiro – (CM)  
Almoço de Agache com Le Corbusier.



Rio de Janeiro – (CM) Almoço de Agache  
com Le Corbusier. Detalhe da foto acima.

O plano para o Rio de Janeiro é entregue em 1930, nos últimos meses da administração que o contratara. Nesse mesmo ano, são depostos o Presidente da República e o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. A implantação é prejudicada pela conjuntura política que se instala após a sua entrega. Toda e qualquer ação positiva para sua realização entra em compasso de espera. A retomada dos serviços, só acontece na gestão do prefeito Dodsworth, em 1942.

Um detalhe deve ser lembrado: durante o desenvolvimento dos trabalhos no Rio de Janeiro (1928-30), teve-se a primeira visita do então polêmico arquiteto Le Corbusier, que também realiza, em paralelo, uma série de palestras, e na ocasião, propõem em croquis, o edifício rodovia serpenteando entre as encostas da paisagem da cidade. Na verdade, diante de Agache, e da Associação dos Arquitetos do Brasil, Le Corbusier imagina um projeto de arquitetura, não um plano urbanístico para a cidade. Os famosos *esquisses*, para o Rio de Janeiro, são gigantescas composições arquitetônicas, assentadas sobre o maravilhoso cenário natural da cidade, envolvendo o princípio misto de «arranha céu» com a «auto-estrada».

Agache confronta-se com muitos outros pensamentos da época, porém o mais direto foi com o de Le Corbusier, que tenta desqualificá-lo<sup>17</sup>. Mas Agache soube defender o posicionamento da *Société Française des Urbanistes*, sua tradição *Beaux-Arts* utilizando também os referenciais da Carta de Atenas e do urbanismo norte-americano.

Nesse episódio verifica-se que Agache e Le Corbusier pertencem não só a círculos profissionais diferentes, mas que trilham por dois diferentes enfoques de urbanismo<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> LEME, M. (1999). *Opus Cit.* p. 28 .

<sup>18</sup> LEME, M. (1999) *Opus Cit.* p. 30.

---

Agache é mais reconhecido nos meios acadêmicos e pertence a uma escola que vem da tradição da sociologia aplicada do Museu Social. Em seus trabalhos, como se vê, procura interferências urbanas formuladas em bases científicas e fundamenta tudo em extensos levantamentos para fazer suas projeções. Le Corbusier, em seu primeiro trabalho completo de urbanismo, que foi o plano para uma cidade de três milhões de habitantes, projeta uma cidade nova sobre uma a antiga, o que comprova enfoques diferenciados.

Agache nunca se posicionou contrariamente a arquitetura moderna. Tudo nos levar a crer, por se tratar de um acadêmico, em saber da reação natural, lógica, social e histórica de um movimento ou corrente sobre sua precedente. Diante do quadro que se vislumbrava, Agache prefere não abrir novas frentes de batalha não se expondo. Nesse sentido Lamas escreve: «Quando, na década de setenta, se desenvolveu a crítica à urbanística moderna – e a revalorização dos espaços tradicionais – os modelos de referência foram inevitavelmente tomados das cidades clássico-barrocas e do século XIX, ou até das cidades medievais. Sem exceção, os arquitetos saltavam por cima da urbanística formal de entre as duas guerras, esquecendo modelos de grande interesse! Este fato será explicável. É preciso não esquecer que a implantação do movimento moderno se realizou – como em outros movimentos culturais – através de batalhas renhidas, numa guerra sem tréguas, cujo rescaldo iria, entre outras repercussões, produzir o esquecimento da urbanística formal em todos os meios de difusão cultural e na memória disciplinar. Em primeiro lugar, pelo silêncio dos principais historiadores do pós-guerra, como Gideon, Zevi, e Benévolo. A razão é simples: seus autores, todos muito próximos do Movimento Moderno e nele protagonistas, naturalmente calaram adversários e o pensamento a que se opunham».<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> LAMAS, J. ((2000) *Opus Cit.* p. 238.

---

Lamas também ressalta aspectos da urbanística formal de Agache, onde se pode identificar as coincidências comuns com o urbanismo contemporâneo:

- «A metodologia é essencial morfológica – tende a operar na forma urbana pela função. Dimensão e aspectos de comunicação estética.
- Os instrumentos de trabalho e de ordenamento da cidade são o traçado, o quarteirão, a praça e o edifício: elementos da cidade tradicional, tratados com sentido inovador e integrando contributos mais recentes da disciplina urbanística.
- Os edifícios e seus elementos – fachada, lote e volume – são determinados na continuidade e desenvolvimento das intenções do Plano. Urbanismo e arquitetura, ou melhor, plano e projeto são dois momentos em seqüência de um mesmo processo de desenho da cidade.»<sup>20</sup>

Comprova-se, pelas ações efetivadas por Agache em seu primeiro momento de Brasil (Plano do Rio de 1928-30), existir uma nova ocasião e entendimento para o urbanismo. Alguns registros e artigos confirmam esta situação como de transformação e de novos rumos. Denise Stuckenbruck nos descreve que: «Os anos 20 romperiam com essa postura, transformando o olhar sobre a cidade, passando de uma análise meramente estética-espacial para uma leitura social-moral da mesma. Assim se começa a pensar a cidade como organismo, como um todo que precisa ser estudado globalmente por homens capacitados pela técnica e legitimados pela racionalidade da ciência.»<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> LAMAS, J. (2000) *Opus Cit.* p. 279.

<sup>21</sup> STUCKENBRUCK, D. (1996) *Opus Cit.* p. 22.



---

Pouco realmente se concretiza do Plano Agache, pois no interregno de 1931 a 1936, assumem os prefeitos Adolfo Bergamini, que constitui a Comissão do Plano da Cidade do Rio de Janeiro, e, por um ano, Pedro Ernesto, que fecha questão negativamente sobre o assunto, destituindo a Comissão encarregada de sua implementação.

O tema só ressurge com a gestão Henrique Dodsworth (1937-45) que revive novamente o Plano, de forma adaptada, através de uma nova Comissão (1938), contando nesta época com a presença de Lucio Costa, Reidy e outros.

Apesar de não conseguir seu maior intento, que seria a execução dos serviços planejados, Agache não se desliga do Brasil e principalmente do Rio de Janeiro, onde acaba vindo morar em anos seqüentes.

Suas idéias centrais permanecem. Os problemas identificados (circulação, higiene e estética) foram aceitos e hoje podem ver vistos, segundo o original, alguns testemunhos como a Praça Paris, na Glória, a Avenida Getúlio Vargas, as galerias de recuo de passeio na Avenida Nilo Peçanha no Castelo, e alguns trechos das ligações do Rio a Petrópolis e a São Paulo. Sua arquitetura, entendida como final da *Belle Époque*, um clássico *Art Déco*, se revive com a recente publicação<sup>22</sup> feita pela Prefeitura do Rio de Janeiro, integrando o patrimônio e conjunto da cidade de maior interesse.

A exemplo do que se passava na Europa, todo o trabalho de Agache também se expõem como primeiro alvo a ser atingido pelos novos arquitetos envolvidos com a corrente modernista na arquitetura, e nos movimentos artísticos como «Pau-Brasil» (1924) e «Antropofágico» (1928).

---

<sup>22</sup> Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro. Organizador Cjajkowski, Jorge. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Editora Casa da Palavra. Rio de Janeiro. RJ. 2000.

---

Todos esses estão compromissados com um reviver mais nacionalista, baseados nos ideais da «Semana de Arte Moderna» de 1922; movimentos que rejeitam influências estrangeiras e buscam uma identidade nacional própria. Os jovens arquitetos se deliciam com as novas idéias de Le Corbusier devorando seus pensamentos de uma forma antropofágica como a Fênix, diz Carlos Eduardo Comas<sup>23</sup>. Renasce no Brasil um vocabulário e forma arquitetônica expressa em originalidade e liberdade. Todo esse esforço constitui no decorrer de um curto tempo, o início do movimento regionalista brasileiro do «Movimento Moderno» na arquitetura, que culmina com a construção de Brasília (1960).

Nesse momento pode-se indagar: como seria focado pela crítica um Agache com uma postura mais modernista em sua arquitetura? A pergunta tem cabimento diante do paradoxo que é a obra de Agache. Por um lado vê-se sua aceitação dos princípios da urbanística moderna em seus trabalhos, que se propõem a organizar o solo, a circulação e legislar seu uso, tudo dentro dos objetivos pregados pelos CIAMs (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna). Essa atitude também demonstra seu acompanhamento das tendências contemporâneas na época; mas por outro, pelo lado da arquitetura, a sua postura continua tradicional, utiliza como se viu, um neoclássico do final da *Belle Époque*, um *Art Déco*, não demonstrando nenhum sinal que evidencie uma mudança de pensamento.

---

<sup>23</sup> Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Organizador Cjajkowski, Jorge. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Editora Casa da Palavra. Rio de Janeiro. RJ. 2000. p. 7.



Aterro do Flamengo – Reidy / Burle Marx  
Glória-Flamengo – 1965 (UB)



Aterro do Flamengo – Reidy / Burle Marx  
Glória-Flamengo – 1965 (UB)



Aterro do Flamengo – Reidy / Burle Marx  
[www.ipanema.com](http://www.ipanema.com)

Bruand defende alguns desses pontos que ligam Agache à urbanística moderna. Cita e credita a Agache como um sucesso, parte das diretrizes de obras e do planejamento posteriores ao seu, que se realiza e ocupa o mesmo lugar em que Agache trabalhou. É interessante reviver estas suas palavras: «Mas houve um êxito de primeira linha na capital brasileira: o Parque Glória-Flamengo, mas desta vez era uma obra puramente pública criada numa localização pública ganha à Baía e não submetida a pressões externas. Essa ampla realização é uma das mais completas do urbanismo brasileiro. Nela pode-se encontrar os grandes traços a que Agache dava tanta importância: ela contribuiu para resolver o problema das comunicações graças às pistas de circulação rápida que tornam facilmente acessível à zona sul, oferece uma contribuição valiosa para a higiene geral (pondo à disposição de um bairro muito povoado um lugar muito agradável para passear para espetáculos e jogos, bem como quadras de esportes), enfim ela melhora, cem por cento, a estética dessa parte da cidade dotando-a de um conjunto notável, onde se harmonizam as construções do homem, a natureza domada e a paisagem. E, apesar disso, sua concepção nada tem do classicismo estreito e velho do arquiteto francês: pertence plenamente à escola brasileira representada, ali, por Reidy, e Burle Marx, e sem dúvida alguma é a obra prima deste».<sup>24</sup>

<sup>24</sup> BRUAND, Y. (19997) *Opus Cit.* p. 339.



# ALFRED AGACHE NO BRASIL

## Demais experiências no Brasil

Após a Segunda Guerra Mundial, as idéias do «Urbanismo Moderno» de Le Corbusier tornaram a visão do «Urbanismo Formal», pregado pela SFU, impossível de se desenvolver na Europa. Além dessa nova visão de urbanismo, mais voltada para um mundo da máquina<sup>1</sup>, outros fatores também se somaram especificamente na França, onde Agache começara seus trabalhos. Exemplo foi a alteração na Lei Cornudet<sup>2</sup>, de 1919, que obriga toda a cidade francesa de mais de 10.000 habitantes, e alguns outros detalhes, como crescimento superior a determinado índice, possuir um plano regulador. A oposição da grande maioria das prefeituras quanto a essa exigência, alteram a referida Lei, que bloqueia o mercado de urbanismo e torna a sobrevivência de profissionais da área, como Agache, insuportável.

---

<sup>1</sup> CHOAY, Françoise. O Urbanismo. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. SP.1998. p. 183. Choay denomina como Progressista o urbanismo praticado por Le Corbusier. Onde Arquitetura e Urbanismo não indissociáveis. A cidade corbusieriana se organiza em torno da classificação das funções urbanas, da multiplicação dos espaços verdes, da criação de protótipos funcionais e da racionalização do habitat coletivo. Le Corbusier também contribuiu com a sistematização das idéias com extrema esquematização, se expressando com um estilo simples, direto e surpreendente. A apologia à máquina é um acontecimento capital dentro da história que nos remete a um mundo novo, em oposição a um mundo antigo. Daí a casa como: « a máquina de morar».

<sup>2</sup> Lei de 14 de março de 1919. Apresentada pelo Ministro Cornudet. Obrigava toda a cidade com mais de 10.000 habitantes e 5.000 que tivesse crescimento superior a 10%, no intervalo entre dois recenseamentos quinquenais, possuir um plano diretor ou regulado urbano. A partir de 1935 começou a enfrentar oposição das prefeituras. Esta oposição estabeleceu uma crise no mercado e desenvolvimento do urbanismo praticado pela SFU, na França.

---

Agache, como se viu, enquanto desenvolvia o Plano para o Rio de Janeiro, também aproveita para ampliar seu campo de trabalho aqui no Brasil, e implementa um marketing pessoal intenso, que consolida sua imagem no Brasil, de profissional competente, respaldado por um currículo de importantes obras, como se viu, sendo no Brasil o responsável pelo o Plano para a Capital Federal, na época o Rio de Janeiro. Dentro dessa sua promoção pessoal, Fernando Diniz Moreira lembra de Agache, em 1930, quando visita a cidade Recife: «Pode-se assegurar que esta visita foi um episódio importante na trajetória urbanística do Recife, porque, justamente após este momento, as questões do nascente urbanismo passaram a ser discutidas na imprensa local, e a cidade passou a ser concebida pelos técnicos locais, dentro de uma concepção globalizante, ultrapassando a visão pontual das reformas urbanas que predominava até então». E continua: «Foi feito um esforço do governo estadual para contratar Agache para chefiar um plano de remodelação, embelezamento e extensão da cidade do Recife, mas tal contrato não chegou a ser concretizado.»<sup>3</sup>

Apoiado em situações como essa de Recife, Agache aposta em voltar ao Brasil. As perspectivas de trabalho após realizar muitas visitas e manter contatos e proferir algumas palestras são seqüentes. Com esse enfoque, Agache além de cumprir sua missão didática de difundir o urbanismo, também solidariamente difunde sua imagem pessoal. Baseado nessas perspectivas decide voltar ao Brasil e fixa residência no Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> MOREIRA, Fernando D. in, LEME, M. (1999) *Opus Cit. A Aventura do Urbanismo Moderno na Cidade do Recife, 1900-1965.* p. 149.

---

A imagem de Agache se fixa de tal forma no Brasil, que outro fato interessando acontece quando da visita de Le Corbusier no Rio de Janeiro em 1929. Ao notar quanto a imagem de Agache transparecia ser forte, Le Corbusier chega a se expressar sobre sua sólida imagem, lamentando dessa forma: «o reinado que o francês estabelecera sobre o urbanismo brasileiro.»<sup>4</sup>

O «Movimento Moderno», juntamente com as vanguardas do início do século, tiveram um alcance internacional chegando a se consagrar em 1932, pela exposição e publicação pelo Museu de Arte Moderna de Nova York – MOMA –, como o «Estilo Internacional», dando um salto sem precedente na história da arquitetura, na cultura e nas artes em geral, criando um novo e verdadeiro «*stabliment*» de aceite mundial.

A difusão desta nova mentalidade não respeita barreiras e une ocidente e oriente de forma nunca vista. Conforme Ernest Nathan Rogers, não chega a se converter como um costume de civilização. Mas, pela enorme quantidade produzida e mesmo pela relativa qualidade, atinge sua plenitude, se tornando o léxico para a maioria dos arquitetos e estudantes anônimos praticantes do ofício. Conforme Elvan Silva<sup>5</sup>, chega mesmo ao alcance da população de baixa renda se diferenciando particularmente de muitos outros momentos e épocas.

Em 1939, Agache volta ao Brasil, se estabelece no Rio de Janeiro, e começa a trabalhar como consultor da empresa Coimbra Bueno Ltda, logo após ter organizado a exposição Progresso Social na cidade de Lille, na França, em 1938.

---

<sup>4</sup> O Rio de Janeiro em Questão... Opus Cit. p. 113.

<sup>5</sup> SILVA, Elvan. Matrizes do Discurso Doutrinário na Arquitetura, uma revisão concisa. Porto Alegre. 2000

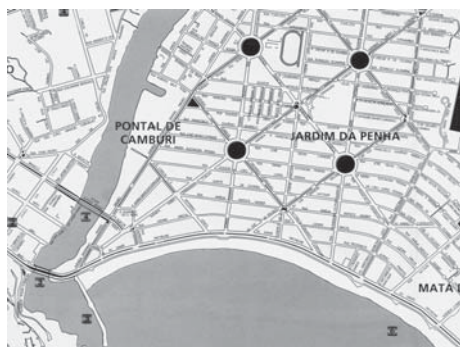
---

Nesse período, uma verdadeira revolução acontece no campo do ensino da arquitetura no Brasil, influenciado pelos movimentos que se desenvolvem na Europa e Estados Unidos. Essas propostas começam aparecer nos congressos e encontros profissionais, como os realizados em Montevidéu em 1920, com o I Congresso Pan-Americano. Seguem-se os de 1923, 1927, 1930 e 1940. Nesses, as questões discutidas abrangem o ensino, a participação dos arquitetos nas elaborações dos planos urbanos e sua implantação.

No Brasil, esta discussão culmina em 1933, com a reestruturação do currículo de arquitetura da escola Nacional de Belas Artes, que inclui a disciplina de «urbanismo» no currículo e Attílio Corrêa Lima assume como primeiro professor.

O curso de arquitetura no Brasil, já tinha sido regulamentado em 1915; mas, só através do decreto federal nº 23.569 de 1933 é equiparado à profissão do engenheiro, em suas competências. Nessa época, também se institui o sistema federal regulamentador das profissões de engenharia, arquitetura e agronomia – o sistema CONFEA/CREAs.

Com a promulgação do Decreto Federal 23.569/33 de 11 de dezembro de 1933, que normatiza a profissão de engenharia, arquitetura e agronomia no Brasil, Agache fica impedido do exercício profissional direto em todo território nacional. Essa Lei estabelece novas regras para o exercício profissional do engenheiro e do arquiteto e, impede que profissionais estrangeiros assumam responsabilidade técnica direta, a menos que proceda a revalidação de diploma. Agache não procede esta revalidação, portanto seu trabalho no Brasil, a partir da publicação desta Lei, ficando dependo de um profissional ou uma empresa legalmente habilitada. Daí sua volta como consultor da Empresa Coimbra Bueno Ltda.



Detalhe da planta da cidade de Vitória-ES  
Bairro Jardim da Penha – Projeto Agache – (PMV)

Entre seus trabalhos realizados nessa sua volta, como consultor contratado da Empresa Coimbra Bueno Ltda, encontra-se a proposta para a cidade de Vitória no Espírito Santo. O projeto, realizado em 1945, trata de um levantamento cadastral, juntamente com um plano de urbanização da cidade Vitória.

Agache supervisiona os trabalhos com Otávio Catanhede e, leva a termo, sua tradicional metodologia envolvendo o Plano Diretor da cidade, com suas linhas-guias e um Centro Cívico. Propõe remodelação de bairros e também criação de novos. Elege, dentro de seu método de trabalho, após um levantamento geral da situação, alguns elementos funcionais para o plano como: circulação, tráfego; espaços livres, recreação, esportes, arquitetura paisagística e plano de expansão. Aplica o zoneamento como mecanismo de controle de uso do solo urbano. Finaliza a proposta com uma proposta de envolvimento da população e autoridades no sentido de conscientização para obtenção de sucesso na implantação. Inclui a propaganda, e criação de uma Comissão do Plano da Cidade, como meio de atualizar a legislação permanentemente, bem como obter recursos para a sua implementação.

Realiza outros trabalhos no Estado do Rio de Janeiro, além do Plano da Cidade do Rio de Janeiro, seguindo-se: Campos; Cabo Frio; Araruama; Petrópolis; São João da Barra e Atafona. Todas, pequenas cidades na época, que acabam recebendo diretrizes baseadas na experiência de Agache.

Em São Paulo projeta o conhecido Bairro de Interlagos. Projeto para uma expansão da cidade, um parcelamento de área que teve seu desenvolvimento e implantação concebida dentro do enfoque de "cidade-jardim», aliás, objeto de uma de suas palestras didáticas, que apresenta quando recém chega ao Rio de Janeiro em sua primeira visita em 1927.



---

Em Minas Gerais, Agache executa estudos para o Parque Paisagístico da Estância Balneária de Araxá.

Em Porto Alegre, elabora o Plano Geral da Exposição comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha (1936). Nessa ocasião se apresenta juntamente com uma série de outros pavilhões futuristas, cubistas neocoloniais e marajoaras, intensamente iluminados e monumentais, com alamedas embandeiradas e até um pavilhão nazista, conforme Luiz Paulo Conde<sup>6</sup>.

Uma reflexão rápida sobre a passagem de Agache pelo Brasil, vê-se como profícua, se considerarmos seus primeiros contatos a partir do Rio de Janeiro, com a comunidade profissional, envolvendo o Clube de Engenharia e o Instituto Central de Arquitetos, onde enfrenta as discussões com profissionais como Archimedes Memória, José Mariano Filho, da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e todo o processo que envolveu e acaba gerando o Plano para o Rio de Janeiro. Nesse contexto, onde toda a comunidade de engenharia e arquitetura mais representativa da época participou, não só torna, o fato, um verdadeiro marco na história do desenvolvimento destas profissões, mas enriquece os estudos das próprias cidades, pois inicia um novo entendimento, uma nova visão sobre este campo de atuação, que semeia as bases para o desenvolvimento atual do urbanismo.

Foram muitos seus seguidores, parceiros ou colaboradores, dentre destacam-se; Gladosch em Porto Alegre, Atílio Corrêa Lima, Otávio Catanhede, Anhaia Melo e Prestes Maia entre outros.

---

<sup>6</sup> In, Plan Agache: Urbanismo de excelencia en los años 20. <http://www.summas.com/25.htm>.



Rio de Janeiro – Bairro da Glória  
[www.delphin-oruises.com](http://www.delphin-oruises.com)

Afora alguns percalços legais, advindos da fase política do Estado Novo, deve-se creditar a Alfred Agache sua inerente importância, que vem de seus muitos trabalhos executados e obsessão em divulgar, diríamos mais uma vez didaticamente, a nova disciplina, do urbanismo, em todas as oportunidades e lugares que passou.

Agache permanece no Brasil por cinco anos, vivendo no Bairro da Glória no Rio de Janeiro, até que contraiu a doença que o levou a morte em Paris em 5 de maio de 1959.



## ALFRED AGACHE EM CURITIBA

### Curitiba antes de Agache



Paisagem de Curitiba – (CM)  
Pintura de Debret



Paisagem de Curitiba 1855 – (CM)  
Pintura de Elliot

A topografia e a paisagem natural em que se encontra a cidade de Curitiba, nunca foram elementos que merecessem destaque de marcação no cenário urbano como um «lugar especial». Estas observações podem ser conferidas em todo seu processo histórico de desenvolvimento. Algumas delas, podem ser verificadas nos relatórios de nossos primeiros viajantes, como Jean Baptiste Debret, August Saint-Hillaire, Elliot John Henry e outros, que deixaram suas impressões de muitas formas.

Saint-Hillaire relata em texto sua viagem a Curitiba desta forma: «A cidade tem uma forma quase circular e se compõem de duzentas e vinte casas (1820), pequenas e cobertas com telhas, quase todas de um só pavimento, sendo, porém, um grande número delas feito de pedra. Todas as casas, como ocorre em Minas e Goiás, possuem seu quintal, mas não são bananeiras, mamoeiros ou cafeeiros que se vêem ali, e sim macieiras, pessegueiros e outras árvores frutíferas européias.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. S. Paulo. EDUSP. São Paulo. SP. 1978.

---

Curitiba inicialmente coloca em questão o «lugar» definitivo para sua instalação. Essas discussões permeiam grande parte do período colonial, compreendendo entre 1653 – (elevação à Vila), até 1853 – (instalação da Província do Paraná) e tem como objetivo escolher uma melhor localização para seus primeiros moradores.

Com a apropriação gradativa das condições específicas desse lugar, novas projeções aparecem. Todas adaptadas a esta nova situação, que se ancora no melhor conhecimento das terras, um melhor conhecimento das condições climáticas locais e sua possível exploração. Enfim razões intrínsecas básicas para instalação de um povoado onde a segurança também é levada em consideração.

Houve um primeiro acantonamento chamado de “Vilinha” ou “Vila Velha”, junto às margens do Rio Atuba, no bairro hoje de mesmo, e que ocupava os baixios das nascentes formadoras do Rio Iguaçu. Esse primeiro povoado acaba se deslocando para a situação atual de Curitiba, sob a condição geral de melhoria, que abandona os alagados insalubres da primeira tentativa. Nesse momento, talvez Curitiba buscasse o seu *genius loci* ou o «espírito do lugar», como nos lembra Montaner citando Heidegger: «*los espacios reciben su esencia no del espacio, sino del lugar/...../ los espacios donde se desarrolla la vida han de ser lugares*».<sup>2</sup>

Sobre este fato, contam as lendas da terra que a própria padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, foi aclamada por se voltar e indicar o novo lugar, onde a Vila deveria ser erigida em definitivo.

---

<sup>2</sup> MONTANER. Josep M. *La Modernidad Superada – Arquitectura, arte e pensamiento del siglo XX*. Editorial Gustavo Gili SA. Barcelona. 1997. – 1999. p. 41.



Paisagem de Curitiba – (CM)  
Pintura de Debret

Na pintura acima de Debret, pode-se ver a encosta, chamada hoje de Alto São Francisco, (Campo Novo), voltada para o nascente, para o Leste, para a Serra do Mar e Paranaguá. Enfim sua ligação mais próxima com o mundo civilizado da época.

Nessa meia-encosta, frente para a primeira Matriz, voltada para o Sul, encontra-se a Praça Tiradentes, rodeada das principais construções: Câmara, Cadeia, e Pelourinho, que formam a base inicial da Vila da Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

Esta imagem, com as primeiras construções incrustadas na encosta, vista, e relatada por viajantes e cronistas como Debret, talvez tenha sido o destaque natural a ser considerado como um primeiro marco referencial e ponto notável de identificação. Lynch diria, um lugar não totalmente construído, mas de importância maior para a população, que se agregaria em seu entorno com o passar do tempo.

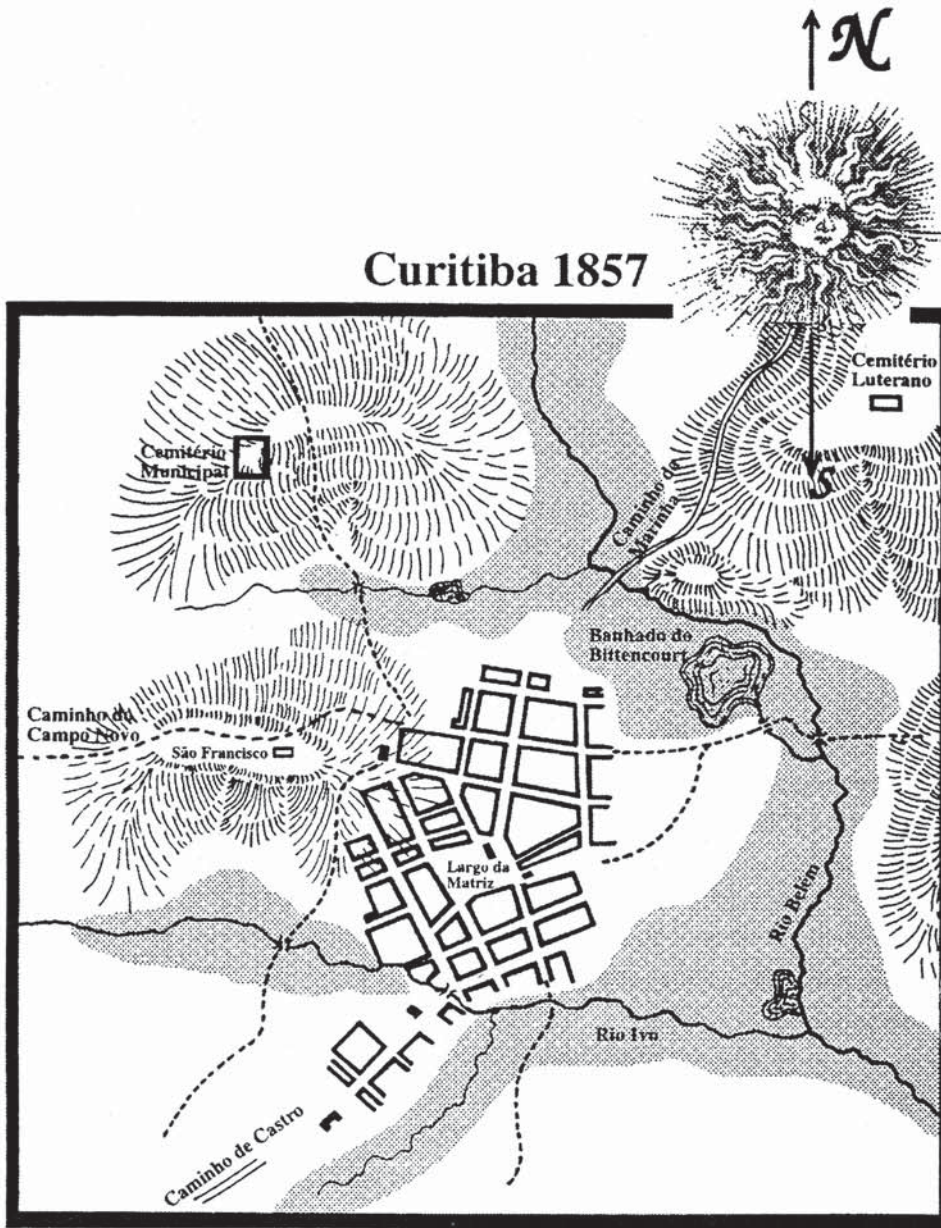
Em consideração a esse lugar, justifica-se uma pequena análise de percurso, ligando a Praça Tiradentes até o Campo Novo, atual Alto São Francisco, para demonstrar uma possível importância, a exemplo de Rossi, quando analisa a importância do *Locus* do Foro Romano<sup>3</sup>.

A partir da Praça Tiradentes, frente para a Igreja Matriz, marco «0» da Vila, e altitude de 900m, avança-se pela lateral, à esquerda da antiga Matriz, em sentido Norte, passando por algumas pequenas ruas, verdadeiros becos, logo se descobre o espaço aberto do Largo da Ordem, já em novo patamar, mais alto. Lugar especial que também concentra em seu entorno uma área comercial e social de muita importância para a Vila.

---

<sup>3</sup> ROSSI, A. (1995) *Opus Cit.* p. 173.

# Curitiba 1857



-  Rios
-  Banhados Perenes
-  Caminhos
-  Áreas Alagáveis

Planta de Curitiba 1857 – (Oba)  
Desenho de Irã Dudgee / Base Ilustração Paranaense . Ano 1 (2) 192



Curitiba – vista leste – (HP)  
Campos de Curitiba tendo ao fundo a Serra do mar



Vista geral de Curitiba 1884 – (CM)  
Do Caminho da Marinha – Alto da Glória  
sentido sul campos alagados do Iguaçu

Continuando em direção oeste, enfrenta-se uma topografia que apresenta um aclave considerável. Na continuidade, através da trilha para o Campo Novo, hoje Rua Jaime Reis, após algumas pequenas quadras também em ascendência, sempre ladeadas de edificações coladas lado a lado, chega-se ao ponto mais elevado desta pequena colina. Neste ponto, mais aberto, chamado Campo Novo, o observador poderia sentir o percurso desenhado por Debret e tantos outros cronistas, como se pode conferir em outros mapas.

Hoje, nesse platô, desenvolve-se uma praça que incorpora as ruínas do chamado Alto São Francisco, resquícios de um antigo reservatório de águas, público, além de um pequeno observatório público desativado, todos se aproveitando da cota 945m. Nesse povoado destacam-se algumas pequenas torres das antigas igrejas do Rosário, da Ordem e a própria Matriz. A partir desse altiplano, todas as edificações se encontram em situação de encosta abaixo, permitindo visuais de grande profundidade e que seguem até os limites, a Leste, dos maciços da Serra do Mar, como um pano de fundo.

A observação dessas planuras mostra as nascentes do rio Iguaçu, com seus alagados do Sudeste a Sul, e também algumas *cochilhas* dos chamados Campos de Curitiba que se estendem até os pés da Serra do Mar. Para quem olha para Nordeste, esses campos salientam-se como cristas, propiciando caminhos seguros, por onde viajantes costumeiramente se deslocavam, utilizando as rotas chamadas Marinha e Graciosa, antigas trilhas indígenas para o litoral.

Esse percurso descrito acompanha ainda hoje boa parte da conformação topográfica natural, e desenvolve um arruamento orgânico. Toda esta base se configura a partir

---

das antigas trilhas e forma o casco básico da Vila que gerou Curitiba, permanecendo em seu centro mais antigo. Rossi<sup>4</sup> nos lembra que estes marcos tornam-se a base geratriz de qualquer plano seqüente, pois compõem o conceito de persistência que fundamenta as teorias de Marcel Poète e que também inspiraram Lavedan. Essa persistência mescla elementos geográficos e a própria história da arquitetura formadora das cidades, que Curitiba não foge à regra.

Conclui-se que o local escolhido nessa pequena elevação, além de criar um ponto de referência, estabelece perspectiva de mais segurança, pela simples possibilidade de controle geral do lugar. Curitiba, como enfatizada aqui, parece não possuir maiores destaques naturais a considerar.

A Vila, como se vê, além de se tornar um elemento primário de importância, devido à sua situação, consegue também estar parcialmente protegido pelo lado Sul por verdadeiros fossos naturais, formados pelos rios afluentes do Iguaçu: Atuba, Belém e Ivo. Barreiras e limites naturais que também podem ser consideradas estratégicas, fatores que se somam para motivarem o desenvolvimento desse um povoamento. Nas palavras de Edilberto Trevisan: «Curitiba não nasceu à beira de um caminho, como muitas cidades brasileiras. Nasceu de um povoamento organizado e consciente. Como uma metástase do movimento das bandeiras, pequena, mas planejada, de acordo com a política geral de Portugal para a Colônia Brasileira, que era a defesa dos territórios contra possível alargamento do domínio espanhol. Curitiba foi uma Atalaia de vigilância».<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> ROSSI, A. (1995) *Opus Cit.* p. 38.

<sup>5</sup> in, OBA, Leonardo T. *Os Marcos Urbanos e a Construção da Cidade – A Identidade de Curitiba.* – São Paulo: Tese de Doutorado, FAU/USP. 1998. p. 19.



---

Portanto, Curitiba erigiu-se dentro de uma lógica espacial de localização planejada, apoiada em topografia favorável, uma encosta, que vem a ser o ponto de maior elevação das imediações e com segurança calculada. Esta situação de controle, que também possibilita a observação geral do sítio, pode ter seu contraditório.

As considerações inversas, o temor pela exposição excessiva, também foi um risco que Curitiba correu, logicamente tudo estimulado por Portugal. Entre esses receios, e maior perigo, seria uma possível ocupação destas terras por espanhóis, que sempre cruzaram as terras do Paraná a partir de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina.

Curitiba, como grande parte das cidades brasileiras, fez parte do projeto de dominação e organização territorial português, a partir do litoral. Este projeto, adaptado aos trópicos, sob tutela da Coroa, mantinha estreitas relações capitalista-comercial com a metrópole. É importante ressaltar a constante presença da Igreja, que influi e se destaca principalmente na organização social da comunidade e na leitura espacial da cidade com as igrejas, imperando na paisagem urbana incipiente.

No início, a pequena malha ocupada, como se viu, foi mais orgânica, mais acomodada à topografia e marcação de trilhas, sem uma preocupação com intransigências e rigidez de traçados a exemplo de muitas outras cidades do Brasil Colônia. Assunto esse, desenvolvido com profundidade por Nestor Goulart Reis Filho<sup>6</sup>, que mostra toda a política e administração urbana de Portugal para as Colônias.

---

<sup>6</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana no Brasil*. Livraria Pioneira Editora / Editora da USP. São Paulo. SP.1968.

---

Nessa mesma linha, Mario Chicó assim descreve a ocupação urbana portuguesa inicial: «A ordem era ignorada pelos portugueses, como assinalavam deliciados os viajantes. As suas ruas ironicamente chamadas de “direitas”, eram tortas e cheias de altibaixos, as praças de ordinário irregulares. As casas agarravam-se às vertentes alcantiladas das colinas em torno de uma teia de caminhos escuros, escadas e passadiços, tendo os andares superiores salientes, como na Europa.» «Nada inventaram os Portugueses no planeamento de cidades em países novos. Ao contrário dos Espanhóis, que eram instruídos por lei a executar um gradeado regular de ruas que se entrecruzam em torno de uma praça central, os Portugueses não mantinham regras, exceto a antiga, da defesa através da altura». «Suas cidades cresceram pela vinculação gradual de núcleos isolados formados pela fundação individual e arbitrária de capelas, casas ou mercados. A posição destes edifícios ditava as trajetórias irregulares seguidas pelas ruas que os uniam.»<sup>7</sup>

Curitiba, como tantas outras vilas, impôs denodadamente mais os interesses particulares que os coletivos, sem grandes preocupações com diretrizes e padrões, bem à moda portuguesa, que ordenaram suas colônias diferentemente da rigidez do mundo colonial espanhol. Essas considerações podem ser observadas em seus primeiros mapas, como o que foi publicado ainda na época do Brasil Império (1868), sobre Curitiba de 1749, que se imprime logo na seqüência.

---

<sup>7</sup> CHICÓ, Mario T. “A *Cidade Ideal* do Renascimento e as Cidades Portuguesas da Índia”. Separata de Garcia de Orta, Revista da Junta de Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar. Nº especial, Lisboa, 1956. In: OBA, Leonardo. Opus cit. p. 322 –323.



Mapa de Curitiba 1749 – Atlas do Império do Brasil publicado em 1868 – (CM)

---

Por outro lado, morfologicamente falando, a Cidade de Curitiba se desenvolve, como se vê, sobre precedentes urbanos estruturados em centro único, apoiados e unidos por alguns poucos pontos focais. Esses se concentram, inicialmente, em alguns pontos e importantes bens, a partir da obrigatória marcação religiosa, como a igreja da Matriz e imperativos legais, como a Casa de Câmara e Cadeia. O conjunto da Vila se completa com a soma de pequenos edifícios, correspondentes forças políticas burguesas da época, que em geral se dispõem junto aos ramais lineares marcantes de seus antigos caminhos.

Apesar da sujeição a preceitos de instalação regidos por algumas orientações urbanas como as Ordenações Filipinas, Manuelinas etc., as cidades brasileiras conseguem não só fugir da rigidez de traçados retilíneos, como também se adaptam a diversas situações, vontades e intransigências político-administrativo locais, que delineiam as malhas urbanas e antigas cidades coloniais. Curitiba também foi mais preocupada com a fisiografia do *locus*, como vimos, do que com imperativos organizacionais espaciais. Sérgio Buarque de Holanda desenvolve todos esses contrapontos e apresenta, com mais detalhe, o que difere o mundo português do espanhol. Pontos esses que caracterizam toda ocupação portuguesa colonial, especialmente no Brasil.

No mapa de Curitiba, de 1749, vê-se os primeiros alinhamentos, a partir *dos Provimentos de Correições* do Ouvidor Raphael Pires Pardini, de 20 de janeiro de 1721, que decreta cumprimento de alinhamentos aos marcos estabelecidos<sup>8</sup> e dando início à delimitação do Rocio da Villa (1752).

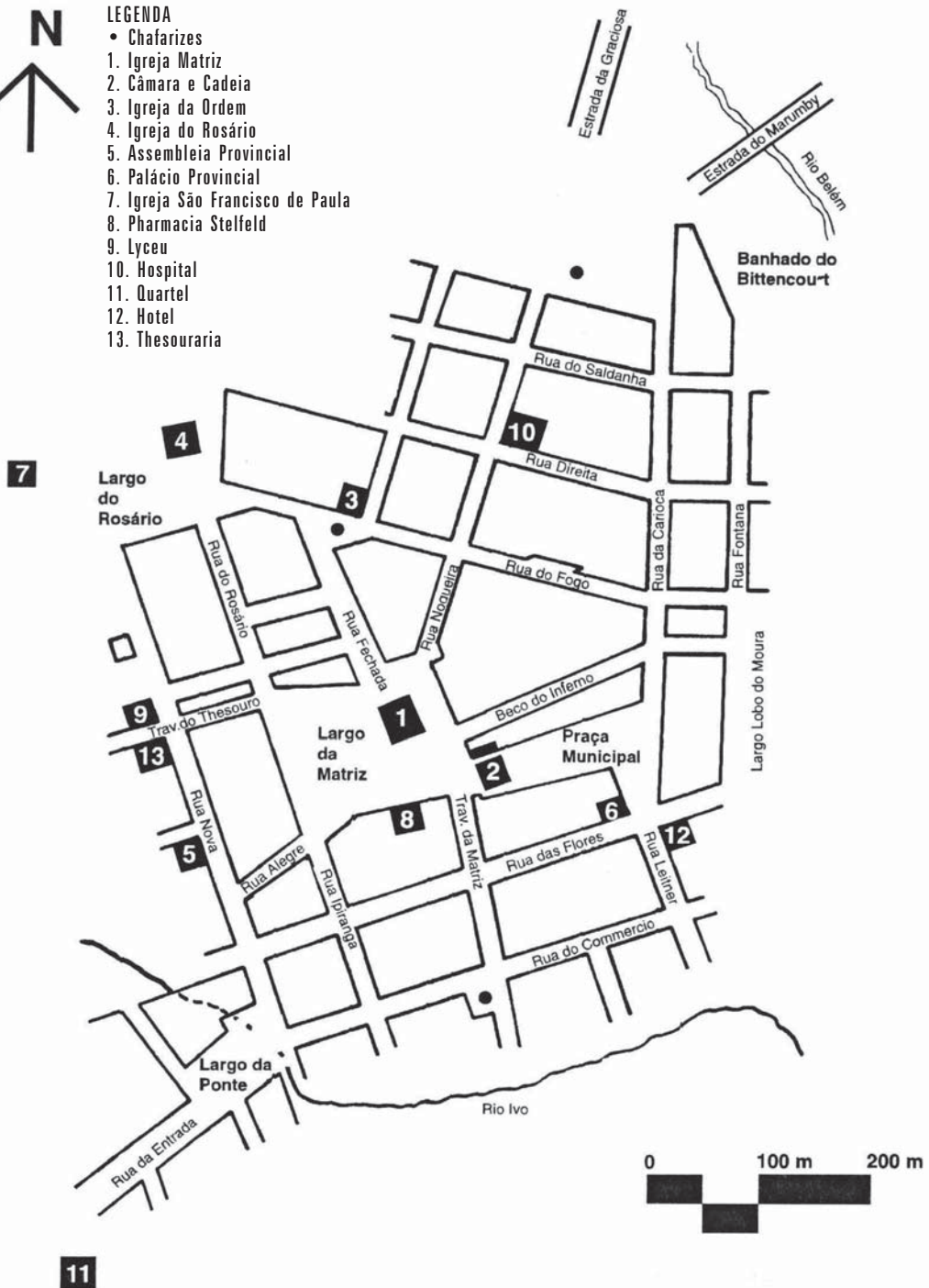
---

<sup>8</sup> BAMC V / VIII – Boletim do Archivo Municipal de Corityba. p. 14.



LEGENDA

- Chafarizes
- 1. Igreja Matriz
- 2. Câmara e Cadeia
- 3. Igreja da Ordem
- 4. Igreja do Rosário
- 5. Assembleia Provincial
- 6. Palácio Provincial
- 7. Igreja São Francisco de Paula
- 8. Pharmacia Stelfeld
- 9. Lyceu
- 10. Hospital
- 11. Quartel
- 12. Hotel
- 13. Thesouraria



Mapa de Curitiba 1875 - (Oba)

---

Os desenhos abaixo colaboram para ilustrar estes locais na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais – Curitiba.

Nestes desenhos se verifica a marcação dos pontos mais significativos da época, como o caminho para o Campo Novo, atual Alto São Francisco, ponto mais elevado da Vila, mais a oeste. Vêm-se também os demais caminhos como a Estrada da Marinha, atual Avenida Cândido de Abreu mais a Norte, antigo caminho para o litoral (Paranaguá), que atravessa os pontos mais elevados dos campos de Curitiba e evita os baixios do Rio Iguazu, através dos atuais: Bairro Alto, Tarumã, Atuba e Pinhais; e, a Sudoeste, o Caminho de Castro, rumo atual Rua Comendador Araújo sentido Batel, linha para o interior do Estado e conexão para o Norte-Sul do Brasil, através do conhecido «Caminho das Tropas», de Viamão a Sorocaba, já nas proximidades da histórica cidade da Lapa, a 40 Kms de Curitiba.

Com o passar dos tempos, a cidade muda de escala em seus mais diversos aspectos, como aumento da população, volume e porte de edificações. Modifica-se também para boa parte da população, antigos hábitos e a própria percepção de sua topografia e da própria cidade.

Nesse processo natural de evolução, a cidade altera seu modelato natural, faz desaparecer antigas paisagens e com elas, antigas razões e preocupações.

É relevante considerar nessas transformações a desconfiguração da topografia natural primária executada por necessidades técnicas das ocupações. Estas antropias, como obras e construções se apropriam do lugar e exploram inicialmente todo material básico disponível como madeira e pedra. A própria palavra Curitiba, que significa abundância de pinheiros-araucária, madeira de ótima qualidade para construção, que tem sua situação modificada e grande facilidade, para uma gradativa escassez.

---

Essas dificuldades também exigem substituições de hábitos e técnicas, forçando progresso através de novas opções e possibilidades, com novas conexões, mais velocidade, melhores estradas para maior raio de ação. É a complexidade da cidade verdadeira que começa a se instalar.

Afastando-se um pouco destas condições iniciais, que formam a estrutura urbana primária da Vila e, na seqüência, da Cidade de Curitiba, se repara que os primeiros avanços, pós-período colonial, as primeiras intervenções urbanas se executam do final do século XIX e início de XX sobre uma cidade existente e com uma estrutura espacial já definida. Basicamente estas intervenções ficaram sob a responsabilidade de uma geração de profissionais engenheiros, de formação em escolas militares, a exemplo do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco.

É importante ressaltar, nessa nova fase, as alterações político-institucionais que sofre o Povoamento-Vila que se transformando na Cidade de Curitiba. Essas modificações prendem-se ao fato da mudança da condição, de 5ª Comarca da Província de São Paulo, para Capital da Província do Paraná, em 1853.

O sonho, nesse novo momento, torna-se um fato real. Curitiba e o Paraná conquistam a independência de São Paulo. Mas essa liberdade e o poder em se autodeterminar, sem um devido pre-paro e reais condições, criam diversos problemas. Surgem desequilíbrios sócio-econômicos com maiores encargos para toda a sociedade. Aparecem novos itens dentro da enorme complexidade que engloba a estrutura de uma cidade. Curitiba incorpora o estigma de uma capital. As novas obrigações passam pela descaracterização do urbano existente, frente às responsabilidades de ser uma capital. Transfere-se a toda sociedade um sentimento quase que patológico de sintomas psico-coletivo de auto-afirmação, para um desligamento real das amarras com São Paulo.

---

Rossi<sup>9</sup> afirma categoricamente que é incontestável e essencial o estudo da psicologia coletiva, e sua ligação com a sociologia, no estudo das cidades. Também entende que a constituição de um fato, e de sua memória, em grande parte são de natureza coletiva, e pertencem à cidade e à coletividade. Nestes casos a psicologia coletiva torna-se perceptível e objeto de estudo em primeiro plano por todas as ciências que se ocupam da cidade. Ainda lembra da individualidade dos momentos da cidade, das construções, seus limites, onde começa e acaba. Tudo diz respeito à arquitetura, vincula ao *locus urbis* como fato singular, determinado pelo tempo e espaço, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede dos acontecimentos, e sua memória.

Portanto Curitiba passa a enfrentar este novo momento, de natureza coletiva, envolvendo o lugar e o homem, enfim, se relacionando mais com a ecologia e a psicologia do ser humano.

Para enfrentar esses novos tempos, Curitiba utilizava os meios disponíveis na época. Envolve nesse quadro as técnicas mais avançadas para resolver as questões da cidade como: saneamento, circulação, iluminação, transporte e o início de uma legislação urbanística. A organização dos espaços públicos – praças, avenidas, edifícios entram como referência estética determinante do arranjo espacial, conforme levantamento feito por Oba junto aos Boletins da Câmara Municipal de Curitiba: «Na Ata da Câmara Municipal de 12 de julho de 1856 está registrada a indicação do vereador Lustosa d’Andrade a respeito do «plano da cidade», propondo que se pedisse ao Governo Provincial.»

---

<sup>9</sup> ROSSI, A. (1995). *Opus Cit.* p.162.



«que se mandasse levantar um plano da cidade para edificação dos prédios, reservado os lugares para edifícios públicos, marcando novos becos e tudo que fosse necessário para o aformoseamento e regularidade da Capital.» «Atendendo o pedido o Presidente da Província ordenou.» «a um dos engenheiros da Província a formação dos planos das novas ruas e praças desta cidade para por eles se regulamentarem as futuras edificações.»<sup>10</sup>

Com essas atitudes, somados à pujança dos ciclos econômicos da erva mate, da madeira e finalmente do café, Curitiba recebe a forma urbana herdada do período colonial, que começa a sofrer impacto de alteração de toda ordem. Primeiramente, quanto à escala dos edifícios, da expansão da malha urbana, das alterações político-administrativas institucionais advindas das mutações estruturais de diversas formas de governo. Tudo resulta na quebra gradativa do mercantilismo atrelado a Portugal, se encaminhando paulatinamente para uma outra submissão, dentro de uma nova ordem, a industrial-financeira, polarizada pela Inglaterra.



Mapa da Província do Paraná – (CM)

Nessa época, as famílias mais importantes, que formam a elite, também dominam a vida pública, consequentemente isolando as classes trabalhadoras. O setor privado, representado pelas classes de trabalhadores do comércio, da construção civil e da indústria de transformação, completam-se pelos benefícios deste quadro de crescimento da administração pública e da própria população.

Curitiba nesse momento ainda não apresenta autonomia econômica e nem política, se locupletando das ações no plano estadual. Os prefeitos da capital eram nomeados e o cargo era de confiança do Presidente da Província ou Governador.

<sup>10</sup> OBA, Leonardo. *Opus Cit.* p. 171.

---

A referência a essas questões prende-se ao fato que esses assuntos acabam motivando o convite para Agache vir a Curitiba. Rossi<sup>11</sup> lembra que Ledoux, depois de estabelecer os princípios da arquitetura segundo a concepção clássica, se preocupa com os lugares, os acontecimentos, os sítios e com a sociedade. Só assim pode estudar os edifícios, e suas preciosas condições de contornos, que a sociedade requer que sejam estabelecidos.

Portando, estudar a sociedade curitibana é ponto fundamental para entender a Cidade de Curitiba. Alguns momentos e assuntos tornam-se evidentes na história, pelas crônicas e pelas críticas. A dupla questão: autoafirmação e cidade capital se sobressai largamente. Ou melhor: este lugar, chamado de Paraná, que foi a 5ª Comarca da Província de São Paulo e esta Curitiba que se torna a Capital da Província e posteriormente do Estado é assunto permanente e presente em todos os grandes momentos e eventos da sociedade. Essa discussão permanece até os momentos atuais, como o caso levantado pelo Professor Wilson Martins em seu mais recente livro, «A Invenção do Paraná», onde levanta uma polêmica que o Paraná: «Do início de sua história política até a compreensão pelo poder central, da sua importância política, foi preciso esperar quase cem anos».<sup>12</sup>

Esta crise que se confunde com o próprio desenvolvimento da Cidade de Curitiba, principalmente na pretensão de se tornar Capital, apresenta-se como assunto e questão não privativa dos paranaenses. Rossi<sup>13</sup> considera de extrema importância este assunto para estudos sobre a cidade.

---

<sup>11</sup> ROSSI, A. (1995). *Opus Cit.* p.154.

<sup>12</sup> *Jornal - Gazeta do Povo*, Clóvis Augusto de Melo. Entrevista com Prof. Wilson Martins sobre o lançamento do livro "A invenção do Paraná". Coleção Brasil Diferente, Imprensa Oficial – 1999. Curitiba, domingo, 06 de fev. de 2000, p. 07, política.

<sup>13</sup> ROSSI, A. (1995) *Opus Cit.* p. 196.

---

Também cita passagens sobre a discussão de Roma se tornar Capital quando da unificação da Itália. Indaga por exemplo: quais as necessidades em estruturas que uma cidade necessita para se identificar como capital e quais as relações entre a realidade física e um possível modelo. Também cita Paris como referencial de modelo. Assunto que Aymonino também trata com destaque, lembrando discurso do deputado Camillo Benso de Cavour sobre a questão de Roma tornar-se Capital: «a questão da Capital não escolhe senhores, por razões nem de clima, nem de topografia, nem sequer por razões estratégicas.» «A escolha da capital é determinada por grandes razões morais. É o sentimento dos povos que decide as questões a ela relativas.» E continua: «as grandes razões morais não encontraram representação adequada, pois os novos equipamentos e bens foram mal situados, não transmitindo à população uma leitura clara dos novos caminhamentos destas novas referências, que pretendia ser referência para uma Roma moderna».<sup>14</sup>

A pretensão de Curitiba em seus primeiros momentos de uma modernidade na dimensão esperada, também passa por problemas de auto-afirmação, de identidade e contra a submissão imperativa permanente de São Paulo. Vê-se que esse assunto invade o campo das razões morais, e que produziu marca indelével sobre a população. Assunto rapidamente notado por qualquer visitante, se estendendo até o presente, principalmente em solenidades públicas, de inauguração de novos bens públicos e mesmo particulares, quase sempre atreladas a comemorações institucionais ou melhoramentos.

---

<sup>14</sup> AYMONINO, Carlo. In, *O Significado das Cidades*. p. 170.

---

Procurando essa identidade, o Paraná e Curitiba, criam lutas que passam além de uma simples visão paranista. Pois envolve um anticlericalismo generalizado, difusão do positivismo, do republicanismo, chegando, em determinado momento, a capitanear a corrente literária do movimento simbolista nacional. Período áureo em publicações, que se desdobra em outras linhas, como o Neo-Pitagorismo, com seu famoso «Templo das Musas» de Dario Vellozo e Eusébio Silveira da Motta, tipo de seita instalada em um templo de inspiração grega, com iniciação pedagógica e escola com ensino especial. Logicamente, paralelo ao tradicional, enfocando espiritualismo, ocultismo, esoterismo, tudo em base científico-positivista. Movimentos que envolveram toda a alta sociedade, intelectuais e livre-pensadores de Curitiba e do Paraná.

A busca e construção de uma modernidade para Curitiba, como se vê, passam sempre por momentos de lutas pela auto-afirmação e de afirmação da «identidade do homem paranaense». Também não se pode deixar de citar os esforços de Romário Martins, com seu movimento que se chamou «Paranista», agregando também um grupo de intelectuais e artistas, na busca da história e de uma natureza característica do Paraná: «O papel do Movimento Paranista, o de forjar uma identidade regional, com base nos ideais de progresso e ciência, em uma construção absolutamente ufanista sempre fazendo elogio da terra paranaense, seja identificando sua geografia como o Paraíso Terrestre, seja na promoção dos heróis estaduais que tentem criar exemplo didático para a população». «Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense.»

---

«Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore»<sup>15</sup>.

Aqui se pode fazer um parêntesis e novamente evocar Durkheim, quando diz que a grande maioria das instituições sociais nasce da religião e da vida religiosa e que seria um tipo de: «expressão abreviada da vida coletiva inteira». Não concebe uma religião individual, pois a fé se extingue, se mantida isoladamente, e que o homem sente a necessidade de difundir-la; resumindo, as crenças seriam: «ativas somente quando partilhadas»<sup>16</sup>. Ora, a sociedade curitibana vive e artilhava esses movimentos, como o «paranismo». E, como só a religião consegue unir pessoas para a partir de pontos comuns para criar uma entidade coletiva, esse, foi o caminho escolhido para encontrar uma identidade paranaense.

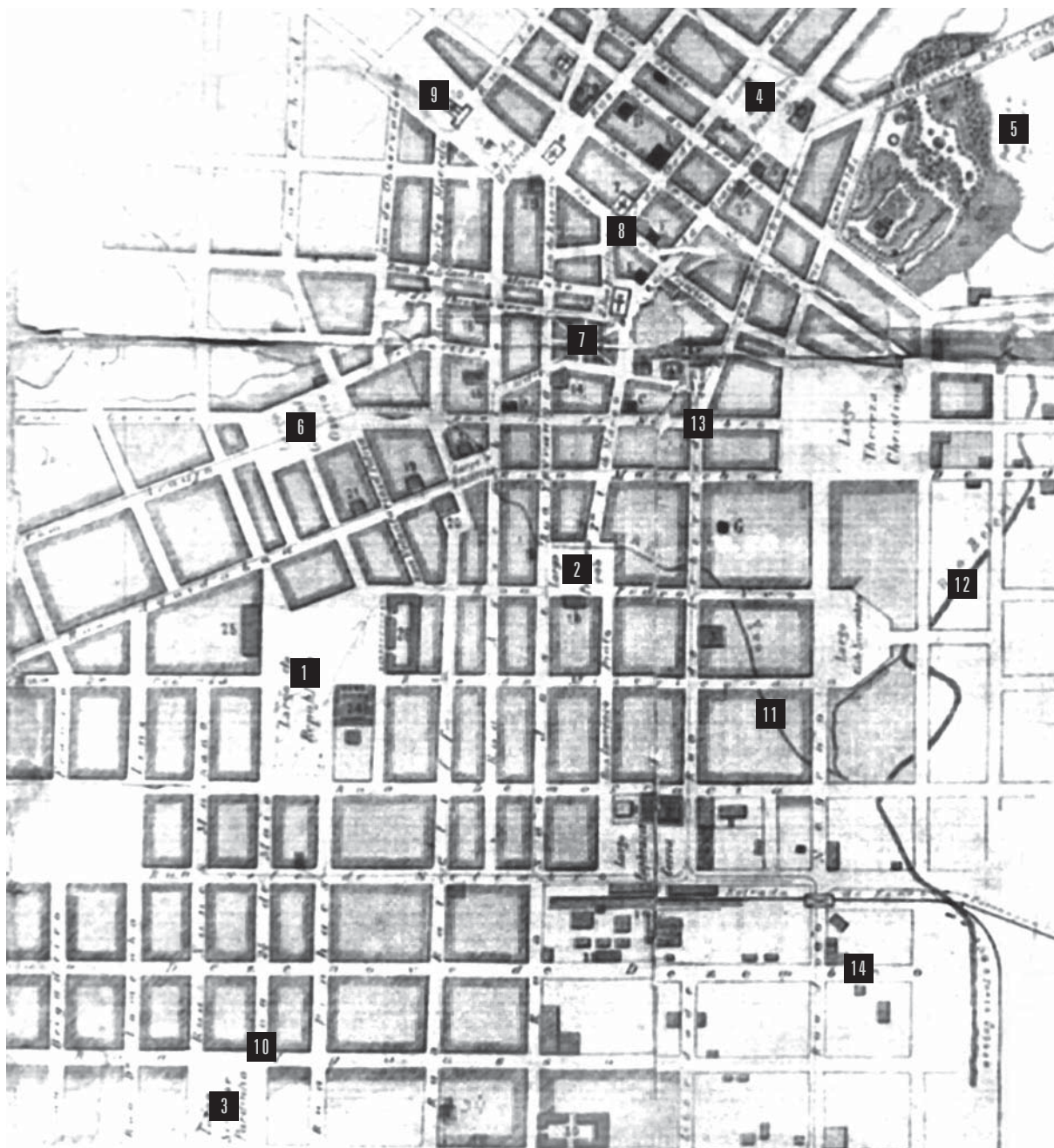
Talvez esses movimentos sociais estivessem até mesmo inconscientemente agindo como um todo na busca de uma necessária identidade desse lugar chamado Paraná. Talvez até como forma de apaziguar os espíritos dos cidadãos, por tanto tempo atormentados por uma situação não digna a nível nacional.

A partir desse «todo inicial», Curitiba, «Província do Paraná», teve seu fato urbano, que Rossi denomina de individual, ao manter sua luta permanente pela fixação, auto-suficiência e independência com relação a São Paulo. Essa denotada submissão política e mesmo psicológica, que marcam boa parte de nossa história regional e mesmo a identidade do Paraná e de Curitiba é fato que se fixa na memória do cidadão.

---

<sup>15</sup> MARTINS, Romário. *Paranística, A divulgação*, fev/março 1946. p. 46. In, Oba. L. p. 145.

<sup>16</sup> DURKHEIM, Emile. *As formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo. Abril Cultural. p. 224.



- |  |                          |
|--|--------------------------|
| 1. Largo da República (Praça Rui Barbosa)          | 8. Largo da Ordem        |
| 2. Largo da Proclamação (Praça Carlos Gomes)       | 9. Alto São Francisco    |
| 3. Largo Senador Pardinho (Praça Ouvidor Pardinho) | 10. Rua 24 de Maio       |
| 4. Largo 19 de Dezembro                            | 11. Rio Ivo              |
| 5. Passeio Público                                 | 12. Rio Belém            |
| 6. Largo General Osório                            | 13. Rua XV de Novembro   |
| 7. Largo da Matriz (Praça Tiradentes)              | 14. Rua Sete de Setembro |

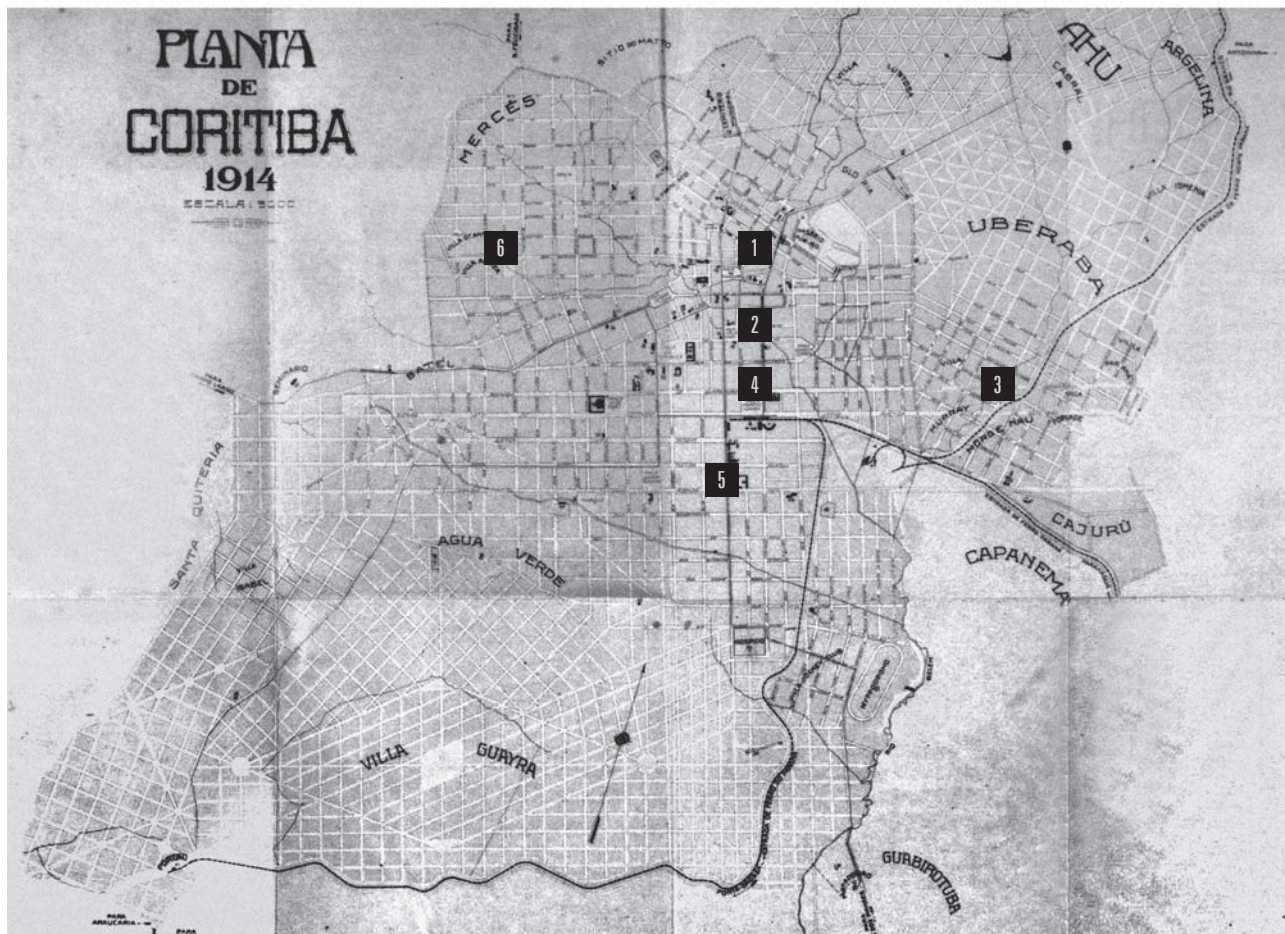
Planta de Curitiba – (CM)

---

O crescimento gradativo da malha urbana de Curitiba acontece a partir de um centro e por agregação de partes, mais sob condição natural, do que tutelada e rígida, apesar da existência de obrigações e posturas. Essa condição inicial estabelece a tessitura urbana tradicional típica colonial, morfológica e tipológica, com linguagem coerente das «partes» com o «todo natural», a exemplo da permanência da marcação das antigas trilhas, e que acabam se integrando, também, com as primeiras antropias motivadas pelo progresso.

Fato relevante nessa época é o dia a dia da administração municipal que se restringe às pacatas rotinas burocráticas, não havendo quase nenhum empreendimento de destaque. A municipalidade preocupa-se basicamente com a construção e manutenção de pequenas estradas e ruas, e da simples produção e abastecimento de produtos alimentares básicos, se repetindo, com os serviços públicos de água, energia (querosene), telefonia, telegrafia e transporte, que são fornecidos somente em alguns pontos e partes da cidade. O mesmo acontece na oferta dos serviços de emissão e fiscalização dos alvarás que se mantém em ritmo normal.

A situação pós-colonial se altera com evidência na gestão do engenheiro Cândido de Abreu (1913-16). Nessa gestão são tomadas muitas providências. Entre as novas medidas, destacam-se o novo Código de Posturas e de Edificações e a implantação de luz elétrica. Começa uma verdadeira revolução modernizadora. Na primeira tentativa como prefeito, (1892-93), Cândido de Abreu é barrado em entraves políticos pelo Legislativo, e renuncia. Nesse seu período de afastamento, transfere-se para Belo Horizonte e trabalha com Aarão Reis na construção da cidade.



1. Praça Tiradentes
2. Eixo Barão do Rio Branco
3. Eixo Sete de Setembro
4. Estação Ferroviária
5. Eixo Marechal Floriano
6. Eixo XV de Novembro

Planta de Curitiba 1914 – (CM)





Foto — Alto da Rua do Rosário — 1920 — (CM)  
Lado esquerdo vemos a Praça Tiradentes  
Setor sul da cidade

Em seu retorno, assume uma cadeira no Senado e, em 1913, renuncia seu mandato de senador para ser reconduzido à prefeitura, desta vez com apoio do Presidente da Província, com plenos poderes. Imediatamente cria a «Companhia Melhoramentos da Capital» e consegue, em pouco tempo, de fato fazer uma revolução, que envolve obras e cultura.

Cândido de Abreu, além de político se notifica como profissional engenheiro e arquiteto, principalmente entre ricos ervateiros, destacando-se com seus projetos residências, em linguagem eclética, com apropriação do «*art nouveau*». Como prefeito, implementa sua visão de estadista e consegue, colocar a cidade em novo rumo. Implanta uma adequação geral. Consegue com nesse novo ritmo, tirar, da quase inanição o município. Executa obras de saneamento, embelezando, implementando uma Curitiba «*Belle 'Epoque*», bem européia, que muito se conserva ainda hoje.

Após a gestão de Cândido de Abreu, e por sua ação, Curitiba pode também dizer que teve seu Haussmann.

Dentre suas obras se destaca a construção do edifício sede do Paço Municipal, situado na praça Generoso Marques, único imóvel atualmente tombado pelo Patrimônio Federal, na Cidade de Curitiba. Trata-se de uma obra com linhas neoclássica, compacta e com três pavimentos. Sua cobertura, com aproveitamento, forma um quarto pavimento em típica mansarda. No térreo, suas quatro fachadas são marcadas, simetricamente, por imponentes acessos centralizados, ladeados por torres que imprimem e caracterizam o volume. O edifício, solto no Largo da Praça, denotadamente afastado das demais edificações, ocupa ainda hoje o antigo sítio do Mercado Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, logo nas proximidades da Praça Tiradentes.



Curitiba 1920 – (CM) Foto aérea central



Curitiba 1920 – (CM)  
Foto aérea Praça Osório / Rua XV de Novembro

A partir de 1920, Curitiba começa a enfrentar novo surto de grande desenvolvimento, como se notam nesses dados enfatizando as concessões de construção na Cidade: «Mas em 1922, com 77 licenças concedidas, o povo percebe que alguma coisa estava mudando. Em 1923 houve um aumento superior a 100%, subindo para 158 licenças e então ninguém mais tem dúvida dos méritos do Prefeito em dotar a cidade de atrações que garantam o rápido progresso. Mas o número continua a crescer rapidamente para 219 em 1924, para 361 em 1925. No ano de 1926, em apenas nove meses já haviam sido expedidas nada menos que 417 licenças»<sup>17</sup>.

Apesar das providências tomadas com Cândido de Abreu, o município de Curitiba convive com a incompatibilidade entre uma expansão urbana e crescimento populacional desprovidos de assistência, que só fazem crescer os duros problemas da realidade social. Tudo se soma ao crônico despreparo da administração municipal frente a uma situação que cresce em problemas e dificuldades de toda ordem.

Na questão do uso e controle do solo urbano da Cidade, apesar de existir disciplinamento e legislação, a falta de implementação e controle é quase que total; uma herança sempre voltada às raízes portuguesas, onde a preocupação espacial não possuía importância maior.

A forma de expansão urbana de Curitiba ocorre, através da agregação de novas áreas. Dentro desse processo, o casco mais antigo da Cidade fica respeitado.

---

<sup>17</sup> CRUZ, Arnaldo Alves da João Moreira Garcez: um homem que se superou no tempo. Curitiba. Fundação Santos Lima. 1991. in, Maclovio C. da Silva. O Plano de Urbanização de Curitiba-1943 a 1963. p. 216.



Planta de Curitiba 1927 – (CM)



Foto Rua XV de Novembro 1920 – (CM)

O desenvolvimento edilício baseia-se no eclético, conforme Carlos Lemos, um «neoclássico totalmente despoliciado que chegou ao desregramento»<sup>18</sup>, mas foi a opção que se apresentou como solução arquitetônica pós-colonial para assimilar e conciliar a modernidade do primeiro e início do segundo quarto do século XX.

Prova desta permanência e respeito, vê-se na manutenção da arquitetura do Largo da Ordem e proximidades. Esse importante marco histórico inclui em seu contexto imediato, além de edifícios particulares, as mais antigas igrejas, como a Matriz na Praça Tiradentes, da Ordem, no Largo do mesmo nome e a do Rosário, na atual Praça Garibaldi e em plano mais alto. Todos esses edifícios ainda hoje se encontram bastante conservados, mesmo sendo parcialmente assimilados em sua configuração básica por novas construções. Soma-se a estes, exemplares ecléticos, de outras épocas, mantendo um clima muito especial para os atuais dias, se tornando o mais antigo conjunto edificado da cidade e referencial urbano de primeira importância.

Porém, este respeito não se estendeu a todo o sítio. Os rios Ivo e Belém, coletores básicos da cidade e seus córregos menores foram parcialmente atingidos pelas retificações, aterros e drenagens. Resultado de ações urbanísticas baseadas principalmente no critério da salubridade e nas primeiras especulações imobiliárias, que visavam expansão urbana junto ao centro mais antigo. Era uma visão antiga, de desenvolvimento concentrado, procurando manter um centro único. Essas obras e ações promovem as primeiras desconfigurações no suporte natural da cidade, juntamente com as já citadas de outras épocas, especialmente as voltadas para a exploração de materiais básicos para construção.

---

<sup>18</sup> LEMOS, Carlos. A.C. In, Oba. L. Opus Cit. p. 77.

---

Dentro dessas ações sobre os rios e afluentes, encontram-se os serviços executados nos baixios e alagados mais próximos do centro, como os do atual Passeio Público (estradas do Marumby e Graciosa- antigo Caminho da Marinha) e a Praça Zacarias (estrada de Castro – Rua da entrada). Essas regiões passaram por processo de saneamento e drenagem dentro da visão comprometedora que possuía toda a bacia formadora do rio Iguaçu, tudo na tentativa de se evitar as constantes inundações que sempre assolaram estas partes da cidade.

Essas primeiras obras, logo em suas antigas entradas, especialmente o caminho da Marinha, esboçam melhoramentos do ponto de vista de sanitário e também mudança de paisagem. Propunha-se um aproveitamento com base no lazer, com a proposta de aproveitamento como um grande jardim, pequenas barragens formando lagos e caminhos, que acaba originando o “Passeio Público”. Obra que se transforma em tradicional lugar de recreação da Cidade, deste o início do século XIX. Quanto a esse marco urbano pode ser visto como a primeira ação de reversão da contumaz agressão ao meio ambiente, até então entendido, como simples fornecedor de matéria prima e de exploração pouco refletida.

O sonho de se tornar uma verdadeira Capital e de se apresentar com uma modernidade compatível, novamente começam a chegar. Vê-se em artigo da Revista do Povo em 1920: «De há muito deixou a capital paranaense as suas modestas vestes de aldeia placidamente reclinada nas verdes colinas dos campos dos pinhais, para envergar a *toilette* elegante de ultimo figurino d’uma cidade moderna, iluminada à eletricidade e percorrida por automóveis e *tramwais electricos*, capital, enfim, onde se acotovelam 80 mil almas e à noite, ao flamejar das lâmpadas Osram, uma população *chic* sai a flunar através das nossas praças e ao longo das ruas inundadas de luz. »



Curitiba – Passeio Público  
Detalhe – mapa 1935/37 – (CM)

---

«Sete e meia da noite, » «Tilintam as campainhas nos cinemas e nos salões de espera, senhoras e cavalheiros aguardam o início da primeira seção. Ali, na rua XV, ao desembocar na avenida Luiz Xavier, o Central, o mais elegante e preferido dos nossos cinemas, abre as portas à freguesia diária,» «Os *placards* coloridos atraem a atenção».<sup>19</sup>

Através dessas crônicas, pode-se notar que a população faz uma nova leitura dos espaços urbanos, que não mais se compatibilizava com as estruturas oferecidas pela administração municipal.

Na gestão do Prefeito J. Moreira Garcez, (1938 – 40), com apoio técnico do engenheiro italiano Ernesto Guaita, a prefeitura resolve reagir aos impasses com a sociedade, e propõe um plano de melhoramentos, denominado de «Plano da Cidade Nova de Curitiba».

Esse plano tem como objetivo envolver em melhoramentos parte da cidade, se resumindo em uma grande retificação de ruas. Planeja-se nas proximidades do complexo formado pelo terminal de embarque da Estação Ferroviária, frente para Praça Eufrásio Correia, promover a Rua Barão do Rio Branco (época Rua da Liberdade), retificar a antiga malha de ruas, criando largas avenidas com canteiro central, arborização, ruas bem iluminadas e pavimentadas e escoamento de águas. Todas bem esquadrejadas e ortogonais entre si, tendo como base nos eixos da Rua Barão do Rio Branco, perpendicular à Rua das Flores (denominada Rua XV de Novembro, em algumas épocas), que forma um eixo que se centraliza com o edifício denominado «Estação de Trens», terminal de embarque da ferrovia, junto à Praça Eufrásio Correia e a Avenida Sete de Setembro, em direção ao centro da Cidade, Rua das Flores,

---

<sup>19</sup> in, OBA, Leonardo. *Opus Cit.* p. 198.

---

tudo somadas às novas Avenidas, Silva Jardim (nos fundos da Estação), Sete de Setembro (frente à Estação) e Visconde de Guarapuava (uma quadra mais à frente, em direção ao centro), que foram projetadas para serem grandes *Boulevares*.

Essa nova área, formada pelo complexo da Estação Ferroviária, o eixo da Rua Barão do Rio Branco, contando com a Praça Eufrásio Corrêa na confluência com a Sete de Setembro, logo se tornaria um novo marco para a Cidade. A comunidade, pelos novos ares modernizadores implementados, enche-se de ânimo e começam a perceber o que pode uma ação urbanística pode representar em suas vidas. Essa foi também à última grande ação dentro do que se considera «época dos melhoramentos», executadas na malha da Cidade, que antecede a chegada de Agache.

É importante notar, que da época colonial até o estabelecimento da ferrovia, a Cidade permaneceu com suas antigas estradas, formadas por antigas trilhas, como principais elementos de entrada e saída da Cidade, o que, obviamente a induziu a configurar sua malha urbana. Somente um acontecimento da importância da chegada da ferrovia, faz com que Curitiba comece a alterar esses seus elementos primários, provando mais uma vez a força e a persistência, que os mesmos exercem sobre sítio urbano.

O projeto de criação do eixo da Rua da Liberdade ligando o Largo do Paço Municipal, com seu belo edifício sede, na Praça Generoso Marques, com a Estação Ferroviária, na Avenida Sete de Setembro, faz a cidade sentir sua primeira cisão ao longo de todos esses anos, que é promovida pela polarização da nova entrada, o «Novo Portal», advinda da ferrovia, a «Estação Ferroviária de Curitiba». Portanto, o projeto que Guaita executa nessa área da Cidade não só complementa, solidifica e «Novo Pólo», mas quebra antigas amarras, renovando esperanças e abrindo novas perspectivas em todos os sentidos para o cidadão.





Curitiba 1930 – (CM)  
Rua XV de Novembro  
Frente ao Jornal Gazeta do Povo



Curitiba / 1920/30 – (CM)  
Rua Barão do Rio Branco / antiga Liberdade  
Frente para Estação Ferroviária e  
Praça Eufrásio Correia

Portanto, Curitiba, dentro de seu processo de crescimento, opta em manter sempre as linhas-guia de suas «antigas entradas» agregando novos pólos como o caso da Estação Ferroviária. Seu processo de expansão, suas primeiras ocupações e seus primeiros loteamentos, em escala compatível com o crescimento dessa época, que ocorrem sempre a partir dessas premissas.

Já anos 40, a Cidade conta com uma extensa malha de ruas se distribuindo por todo o território de forma bem mais organizada. Essa malha, em sua grande maioria, enfatiza alinhamentos a partir de eixos ortogonais, com base na Rua das Flores e Rua Barão do Rio Branco. Nessa época, a Barão do Rio Branco, por contar com as mais importantes Instituições Públicas, como Sede do Palácio Provincial, do Paço Municipal e suas Secretarias, além, de comércio e hotelaria, polarizado pela Estação Ferroviária, se torna também, um monumental eixo cívico, pela paisagem urbana arquitetônica que apresenta o conjunto de suas edificações.

O surgimento rápido de novos bairros com novas vizinhanças, novos municípios e novas conexões motivadas pelo progresso gerado pela pujança dos ciclos econômicos do Paraná, transformam Curitiba e arredores. Essa é a Cidade real que Agache recebe para planejar e propor um Plano Urbanístico. Sua complexidade, que envolve um passado histórico-social, é aumentada pelo suporte de uma modernidade baseada em novidades como, eletricidade, bonde e o complexo ferroviário, que além de seu terminal, traz consigo suas tradicionais interferências, tanto em cruzamentos viários, como uma possível divisão de território.

---

Esse Terminal de Passageiros, também polariza e cria o importante eixo liderado pela Rua Barão do Rio Branco, um *Boulevard*, que sintetiza em seu percurso tudo que a cidade pode oferecer de progresso, agregando novos edifícios e marcos de desenvolvimento, como os também novos sistemas, de transporte coletivo com bondes, energia elétrica, pavimentação asfáltica, rede coletora de esgoto, água e drenagem, melhoramentos que se expandem na área considerada a mais nobre da Cidade.

Seguindo a visão da época, essas ações continuam sendo parciais e muitas vezes prejudicadas pela imprevisibilidade ou descontinuidade. A simples falta de visão geral da cidade, de controle e de planejamento futuro, comprometem rapidamente, muitas dessas ações, a exemplo da expansão urbana isolada ou particular, que por descontrole, a exemplo do saneamento básico, impregna a cidade de dissabores, sendo o coletivo urbano o mais atingido.

Toda esta seqüência de novas obras, principalmente as executadas pela Administração de Garcez de Melo, com o «Plano da Cidade Nova de Curitiba», resultam na expansão da rede de Ruas da Cidade, com alteração de seus antigos parâmetros. A nova escala fica evidente na largura das Novas Avenidas (25m) e de seu particular desenho. São duas pistas, canteiro central, postes de iluminação centrais e arborização em ambos os lados e no canteiro central, um "*Boulevard*". Essa é a configuração das avenidas Visconde de Guarapuava, Sete de Setembro, Silva Jardim, Iguazu e Getúlio Vargas, todas no sentido, Leste-Oeste, e perpendiculares ao grande eixo institucional-comercial da Rua Barão do Rio Branco.

Essa nova malha estabelece uma grande importância para Curitiba. Configura e formaliza em definitivo o novo lugar polarizado pela estação ferroviária.



---

Pode-se perceber essa nova realidade pela força que o desenho apresenta em qualquer mapa da cidade a partir de sua implantação. A cidade ganha um novo ponto nevrálgico por sua situação de lugar peculiar, mais adaptado às novas ações de enfrentamento desses tempos mais «modernos».

Também, não se pode deixar de citar a importância do eixo da Rua Marechal Floriano Peixoto que, paralela à Rua Barão, parte da Praça Tiradentes, segue em direção sul até a Cidade de São José dos Pinhais, próximo a Curitiba, e que cruzando todas as grandes Avenidas paralelas a Sete de Setembro, invade os descampados baixios do rio Iguaçu, criando toda a nova região da Vila Hauer, opção de ligação para o vizinho Município de São José dos Pinhais.

Novos loteamentos começam a se agregar aos mais antigos e tradicionais, expandindo naturalmente a cidade. A contínua chegada de emigrantes europeus se instalando em Curitiba e em várias Colônias próximas como Santa Felicidades, Abranges, Muricy, Orleans, forçam mudanças de hábitos e exigem permanentes mudanças. Incorporam-se novos códigos, como exemplo da própria arquitetura, com modificações na paisagem da cidade, exigindo mais do que simples ações isoladas, como calçamentos, retificações canalizações de trechos de rios. Esses novos procedimentos demonstram claramente um novo sentido organizacional, com destaques para os novos equipamentos urbanos e sociais. Criam-se novos nodais de entroncamentos e conseqüentemente se modifica toda a percepção da cidade, que agora devem ser visto também através de novos sistemas, que se sobrepõem a antigos conceitos, como exemplo do transporte coletivo movido à gasolina. Como se pode verificar, introduz-se mais velocidade, maiores distâncias, enfim a escala e a relação social se alteram de maneira geral.

---

A complexidade de um urbano diferente, com mais dificuldades de controle, deve ter assustado ou mesmo espantado os pacatos curitibanos. Novamente nesses momentos de incertezas e dificuldades, os sentimentos coletivos e sociais devem ter aflorado receosos do futuro. Esse quadro deve ter colaborado para a agilização do convite formulado a Agache visitar Curitiba.

A nova economia do café sopra e embala os campos, livres da dependência recente de São Paulo; somam-se as perspectivas apresentadas pela exploração das novas terras do Norte e Oeste Paraná. Crescem as facilidades de transporte, exportação, crescimento demográfico e progresso geral. O Paraná e Curitiba, por parte das autoridades vislumbram vôos mais altos. A sociedade parece se esclarecer mais dos problemas urbanos, e exige providências efetivas.

Com a Segunda Grande Guerra se desenvolvendo na Europa, parece que foi o momento oportuno para Curitiba contratar e dispor de um profissional como Agache. Sabe-se que os tempos estavam difíceis para todos, e Agache opta em voltar e desenvolver seus trabalhos no Brasil a partir da aceitação de seus trabalhos executados no Rio de Janeiro. Evita, desta maneira, enfrentar a situação européia, que como se viu, tinha se modifica muito no campo da arquitetura, principalmente com a aceitação da nova corrente modernista, que começava a se instalar e que Agache não comungava abertamente, mas também nunca chegara a criticar.



# ALFRED AGACHE EM CURITIBA

## A recepção do urbanista na cidade

Ao entrar nos anos 40, Curitiba começa a sentir os novos ventos que passam pela Inglaterra com suas «cidades-jardim», pelo «*rings*» de Viena, pelas «radiais» de Moscou e pelo conceito inovador do «*ensanche*», do Plano Cerda, em Barcelona. Sem falar de Chicago e Nova Iorque com seus zoneamentos, e mesmo no Brasil, com os Planos de São Paulo e Rio de Janeiro. Movimento urbanístico que envolve nova linguagem e que motiva qualquer governante se entusiasmar com alguma nova interferência urbana dentro dessas novas visões. Em Curitiba, essa tendência tem seu clímax em 1941, com a contratação do urbanista francês Alfred Agache, visando realizar o primeiro plano urbano de Curitiba.

Na época, assim se noticia na imprensa local: «Chegou ontem a Curitiba a convite do Prefeito Rosaldo Leitão o grupo urbanístico Agache. Curitiba amanheceu hoje radiante de alegria. O prefeito Rosaldo Leitão reparou, desde logo, a realidade mais positiva do Município: Não temos dinheiro e temos muitos compromissos permanentes. Não é possível gastar dinheiro para se enfeitar, jogando-o fora, na maior parte dos casos, sem plano, sem programa, ao gosto de ufanistas amadores».<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> LACERDA, Flávio S. Curitiba de Parabéns. Diário da Tarde. 03/10/1940. p.1.

---

Curitiba vive um momento de expectativa. Um momento que se apóia nas tendências urbanísticas mundiais, que inovam em reformas urbanas. Na Cidade, todos os preparativos iniciais se encontram em sobreaviso, aguardando que o maestro chegue, trazendo formulações e propostas para resolver o caso urbano da Cidade. Agache é o convidado que se propõem entrar em cena e traz consigo, toda experiência que envolve uma vida profissional muito ativa e de sucesso.

Lidar como uma pequena cidade, um novo sítio, uma nova e a princípio desconhecida sociedade, com todos seus problemas específicos, desafiam e renovam o já experiente mestre. Como sempre, Agache, tecnicamente dispõe de forças para novamente aplicar seus princípios e entendimentos urbanísticos. Um urbanismo, como se viu, também chamado de Urbanismo Formal, Urbanismo Científico, Urbanismo Sociológico ou *Urbanism Parlant*, que ele exemplarmente implementara no Plano do Rio de Janeiro.

Em suas primeiras ações, Agache procura didaticamente difundir o urbanismo, utilizando todo seu conhecimento e conquistas de uma forma metodológica. Recorre novamente aos estudos sociológicos que geraram as bases científicas do urbanismo francês, que caracteriza a SFU. Sempre se apoiando nos fundamentos e estudos sociológicos do «social-coletivo», do «social-psicológico», que se adapta perfeitamente para o caso de Curitiba.

Seu objetivo é estabelecer uma identidade própria e mais independente para a Cidade; levantar o moral geral da sociedade utilizando o urbanismo como mecanismo para uma nova percepção urbana, mais compatível com uma Capital; fazer que a cidade de Curitiba se aproxime mais de exemplos existentes na Europa e Estados Unidos, na eterna obsessão social em imitar os grandes centros (Tarde).

---

Toda esta articulação cria um campo fértil para o profissional Agache. Torna também a situação de Curitiba favorável à sua contratação e tudo se encaminha, como se verá, para a elaboração de um novo plano para a Cidade.

A metodologia cientificamente aplicada por Agache, desenvolvida e sintetizada teoricamente pela comunidade profissional associada a SFU, dentro do Urbanismo Formal, coincide em muitos pontos com todo o universo existente na época em Curitiba. Todos os estudos e teses sociológicas francesas, apoiadas em Conte e Le Play, que nortearam Durkheim e Tarde, são bem aceitas nessas terras. A começar pela visão «paranista-positivista» de Romário Martins, Dario Vellozo, Silveira da Motta, David Carneiro Filho e tantas outras importantes personalidades que fundiram intelectualmente o Paraná. Vê-se que tudo fica mais fácil para Agache quanto ao seu processo de convencimento. Em Curitiba, diferentemente das dificuldades encontradas no Rio de Janeiro, sua contratação fica mais óbvia junto às autoridades locais, mesmo porque não se possuía técnicos e profissionais na quantidade e tradição do Rio de Janeiro.

Seu currículo, com muitos projetos executados, sua experiência acadêmica e principalmente suas raízes européias se acomodam rapidamente nesse Paraná, conhecido como «terra de todas as gentes», e em especial em Curitiba, uma vez que seus fundadores, sua população, em sua grande maioria imigrante europeus, que ainda sonham com suas origens. Daí encontrar na imprensa muitas entrevistas e comentários com Agache, onde surgem Expressões como «uma cidade Européia», referindo-se a Curitiba. Agache em uma de suas palestras confirma: «Haviam-me dito, e agora vi confirmada a opinião de que Curitiba apresenta as características de uma cidade européia.



---

Quero crer que para tanto, contribuem a sua altitude e os elementos alienígenas aqui radicados.» «A influência do Velho Mundo «é patente na construção das residências, cujo estilo é variado».<sup>2</sup> E ainda: «teremos planos como o Rio de Janeiro, São Paulo, Paris, Chicago, Búffalo, Filadélfia e esse plano, que será decretado, sairá da técnica e da arte de Agache, um dos maiores urbanistas do mundo».<sup>3</sup>

A este quadro se somam os momentos de experiência passados, não tão distantes, dir-se-ia momentos de aclimatação no Rio de Janeiro, e que devem ter deixado o urbanista, muito mais tranqüilo quanto às suas reais possibilidades, uma vez que a população já o aguardava ansioso como se pode conferir: «Os tempos começam a mudar de fato. Artigos como que se segue provam esta nova maneira de ver a cidade e de cobrar as obras e públicas: Constroem-se arranha-céus ao lado de monumentos, sem proporção. Calçam-se ruas... calçam-se ruas. Nada de lógico sobre os rios, as avenidas de cintura, os centros de indústria, os bairros de moradia, as ligações com a estrada de ferro. O problema tem consistido em iniciar o alargamento de ruas, traçar outra que aí estão traçadas, não se sabe por quem. Dizem que foi um alemão que andou por aqui, e só. É preciso definir e enunciar as questões com precisão. Não faremos mais absurdos gastos inúteis, mas executaremos planos de conjunto, pois como diz Preste Maia, qualquer projeto de rua envolve, explícita ou implícita uma concepção sobre a cidade, sua estrutura, seu desenvolvimento. Vai terminar a época de urbanismo periódico, para entrarmos num período de urbanismo permanente».<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> In, O dia. Grandioso plano de urbanização para Curitiba. Entrevista coletiva. 03/10/1940.

<sup>3</sup> In, LACERDA, Flávio S. Diário da Tarde. 03/10/1940. p. 1.

<sup>4</sup> In, LACERDA, Flávio S. Diário da Tarde. 03/10/1940. p. 1.

---

Agache, ao chegar em Curitiba, encontra uma situação bastante diferente da que inicialmente imaginara, igualmente ao Rio de Janeiro. Encontra uma cidade mais consolidada, em outra escala e formatação. Uma Curitiba, conforme se pode verificar no mapa executado em 1935, (ampliado em 1937), mais preocupada com um desenho e traçado. Exemplo desta nova postura é o «Plano da Cidade Nova de Curitiba» de Guaita, que se apóia em conceitos mais novos, a começar pela largura das avenidas.

O mapa de 1937, confeccionado pelo Ministério do Exército e a Prefeitura de Curitiba, mostra claramente como o desenvolvimento seqüente incorpora o antigo traçado colonial, especialmente as antigas estradas e a malha do setor histórico. Também se verifica nesse mapa uma ocupação de solo ainda incipiente, com muitos vazios e com muitas possibilidades de crescimento e adensamento.

Agache, ao ser contratado, solicita de imediato a colaboração de todos, em especial dos funcionários mais graduados da Prefeitura, para se apropriarem das informações mais importantes, tanto do lado técnico como do lado histórico-social.

A planta mais acurada de Curitiba e disponível, dessa época, é a de 1937, que mostra arruamento, topografia, densidade edilícia, linhas dos bondes e detalhes paisagísticos. Esse mapa foi desenvolvido sobre o original de 1935. É bastante preciso e visto, por Agache, como importante suporte para desenvolver seus primeiros estudos.

Assim, Curitiba entra, nos anos 40, com sua população dobrada em apenas vinte anos e já na casa de 120.000 habitantes. O Estado e a Cidade são inundadas pela nova economia do café produzido nas novas terras do norte do Paraná. As perspectivas otimistas justificam novamente realizar grandes investimentos na capital, visando sua adaptação para estes tempos progressistas.



Mapa de Curitiba 1935/37 adaptado pela PMC – (CM)



Mapa de Curitiba 1935/37 original – Ministério do Exército



Curitiba 1940 – Plano Guaita – (Oba)  
Alinhamentos Avenidas: Silva Jardim /  
7 de Setembro / Visconde de Guarapuava

As expectativas com a contratação de Agache, sempre se fundamentam em possibilitar melhores condições para Curitiba, objetivando «moderniza-la». Termo que se atrela a tudo que na época se possuía de mais atualizado, na técnica ou beleza. Hoje, o termo se atrelaria, talvez, ao meio ambiente, «ecologia». Tanto que no Plano de Urbanização de Curitiba, Agache, desenvolve capítulo de maior importância denominado: Plano de remodelação, extensão e embelezamento. Vê-se que Agache, desde sua chegada, encaminha o processo de forma consciente, fria, metodológica. Estabelece as premissas com muita facilidade, com base sólida, sobre argumentos irrefutáveis pela população, que estava impregnada com problemas diretos «físico-urbano», e indiretos, como se viu. Permeia os aspectos «sócio-psicológicos», que são sanados com injeções de auto-afirmação por Agache, que sempre mostra solução com uma «nova cidade», uma verdadeira «capital», como as mais desenvolvidas e existentes nos grandes centros da época.

Esta problemática «sócio-psicológica», conforme o urbanista, não é exclusividade de Curitiba. Agache mostra que o assunto se insere dentro de parâmetros mensuráveis e adaptáveis a uma metodologia, e que o Urbanismo Formal Francês muito bem interpreta, e se desenvolve dentro dessa visão social.

Peter Hall<sup>5</sup> (1995) em seu livro *Cidades do Amanhã*, classifica esta corrente como *City Beautiful* (Cidade Monumento ou Monumental), movimento com base oitocentista e que se desenvolveu no século XX, principalmente nas cidades no oeste norte americano.

---

<sup>5</sup> HALL, Peter. *Cidades do Amanhã*. São Paulo. Perspectiva. 1995. p. 207.

---

Movimento que apresenta similitudes à situação de Curitiba, como forma de superar seus complexos coletivos. Também de impulsionar a vida urbana, através do aumento dos negócios. Um modelo apoiado na reconstrução de Paris de Haussmann, que vê nos bulevares e passeios públicos, como também nas «*ringstrasse*» de Viena, a perspectiva clara de solução desses problemas.

Entre muitas cidades que fizeram uso desse artifício, o plano para Chicago de Burnham, talvez tenha sido o exemplo mais importante. Na introdução do plano, o urbanista Burnham foi taxativo quanto ao termo comparação às grandes cidades européias: «A tarefa realizada por Haussmann em Paris corresponde ao trabalho que precisa ser feito em Chicago». Mas tendo em vista os patrocinadores, dourou-se o argumento, a *City Beautiful* de Napoleão demonstrara ter sido bom investimento. As transformações por ele efetuadas «lucram por ano com os visitantes mais do que o Imperador gastou com as mudanças. Assim também em Chicago». <sup>6</sup> Muita polêmica se desprende desses posicionamentos, mas a essência, o teor mais importante, amplamente estudado por Underwood, correspondente ao lado enfático do social, do coletivo de Durkheim, ou o do processo de imitação estudado por Gabriel Tarde, que se acresce de fatos verdadeiros.



Plano de Chicago – Burnham – (Benévolo)

Dentro de um quadro semelhante, Agache conduz seu projeto, só que de forma global. Mas de qualquer maneira dedica, grande parte do seu plano-diretor, a questões em parte esquecidas por Burnham em Chicago, como o saneamento.

Com «*expertise*», Agache soube, em Curitiba, demonstrar toda sua capacidade. Tanto em se apropriar sabiamente do contexto físico-social local, como também dimensionar tecnicamente capacidades, projeções e mesmo elaborar projetos técnicos nas áreas de saneamento e drenagem.

---

Temas que lhe permitem abrir entendimentos com a comunidade dominante, o grupo de engenharia da Cidade.

Agache chega à Curitiba após passar quase dez anos de seus trabalhos no Rio de Janeiro. Período que volta à Europa e tenta implementar suas teorias, mas encontra uma situação diferente, mais voltada para os conceitos do movimento modernista, que impossibilita seu desenvolvimento. Retorna ao Brasil em 1939, através de um serviço de consultoria junto à empresa Coimbra Bueno & Cia Ltda., que apesar de origem goiana, se radicara no Rio de Janeiro, para melhor articular suas ações.

A Coimbra Bueno procura concentrar na Capital Federal seus escritórios e executivos, pela importância de relações e contatos de negócios que se faz necessário com o Governo Central, que na época ainda se instalava no Rio de Janeiro, e por ser o maior contratante do tipo de serviço que a empresa realizava. Seus sócios, os engenheiros formados pela Politécnica, Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno, além de empresários e políticos, se dedicam à construção e ao urbanismo. Executam diversos planos diretores no Brasil como: Goiânia (Plano original de Corrêa Lima), Campos, Cabo Frio, Araruama e Atafona, Curitiba e Cuiabá, entre outros. Todos, sempre associados a diversos profissionais, tendo na pessoa de Agache, o mais importante profissional urbanista que tiveram a oportunidade de trabalhar.



# ALFRED AGACHE EM CURITIBA

## A concepção de Agache para Curitiba



Foto da Prefeitura de Curitiba – 1940  
Profissionais trabalhando no Plano Agache – (CM)

O Plano de Urbanização de Curitiba, que tem Alfred Agache como protagonista, foi contratado na administração do prefeito Eng<sup>o</sup> Civil Rozaldo G. de Mello Leitão, com a empresa Coimbra Bueno & Cia Ltda., em 25 de abril 1941, conforme termo lavrado pelo Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Curitiba. Os trabalhos de elaboração do Plano foram no Rio de Janeiro e teve a colaboração do corpo técnico da Prefeitura, se estendendo até 1943, quando foram entregues os estudos procedidos, já na administração do então Prefeito Eng<sup>o</sup> Civil Alexandre Beltrão.

O projeto original<sup>1</sup> está elaborado na forma de pranchas técnicas sobre papel vegetal e desenhadas a nanquim. É publicado e disponibilizado pelo no Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba<sup>2</sup>, publicação bimestral. Na solenidade oficial de entrega, realizada no gabinete do Prefeito, conforme registro fotográfico do Boletim da PMC.

---

<sup>1</sup> Os trabalhos finais apresentados pela firma Coimbra Bueno e Cia. Ltda compreendem 04 álbuns com relatórios e pranchas de desenhos técnicos em diversas escalas como se segue : Álbum 01 pranchas PC-115 a PC 147, PC162 (31 folhas); Álbum 02 pranchas 1 a114; Álbum 03 pranchas 001, PC-179 a PC-229; Álbum 04 pranchas PC-001, PC-230 a PC-309.

<sup>2</sup> Conforme registro no Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da Capital, em 22 de fevereiro de 1943, inscrito sob nº 109, às folhas 20 do livro B-1 de Matrículas de Jornais e Oficinas. - (formato papel ofício com 106 págs.) Diretor, Antônio Gomes, Secretário da Prefeitura.





Foto da entrega do Plano – (CM)

Na oportunidade, encontravam-se presentes, além dos dois prefeitos envolvidos, Srs. Rozaldo de Mello Leitão e Alexandre Beltrão, o Sr. Manoel Ribas, Interventor Federal no Estado do Paraná, além do urbanista Agache, responsável técnico pela elaboração do Plano e o Sr. Abelardo Coimbra Bueno, Diretor proprietário da Empresa contratada para desenvolvimento dos trabalhos.

Logo após a contratação, o Plano de Urbanização da Cidade de Curitiba, desenvolveu-se em duas frentes de trabalho. Uma no Rio de Janeiro, sede da empresa Coimbra Bueno Ltda, local onde residia Agache e também a maioria dos mais experientes técnicos, como os arquitetos-urbanistas Groer e Palanchon, o engenheiro sanitarista Duffieux, o engenheiro-arquiteto A. Glodosch e os mais novos Afonso Reidy e Attílio Correa Lima; a outra, na cidade de Curitiba, com apoio integral da Prefeitura, que procura disponibilizar todas as informações, todo o material técnico existente, fornecendo técnicos e auxiliares que fossem necessário.

Deduz-se, pelas facilidades disponibilizadas pela Prefeitura, que corriam em paralelo muitas interesses em assimilar o «*know-how*» de todo o processo. A possibilidade de aprendizado, é motivo suficiente, para justificar engajamento aos serviços. O ensejo em participar e ver Agache empregar toda a metodologia que o tornara famoso, reforça todo interesse dessa comunidade, até então, de tal oportunidade. Os procedimentos para executar um plano urbano, um plano-diretor, motivam todo o grupo destinado a auxiliar o trabalho do urbanista, junto e fora da prefeitura.

Também outras instituições públicas participam e contribuem fornecendo informações e dados para o desenvolvimento do Plano, como a Universidade do Paraná e o Ministério do Exército. Na Universidade, onde Agache teve a oportunidade de palestrar, o contato foi mais cultural.

---

Local onde também pode extrair os dados sociais e históricos. Com os militares, por sediar um comando regional na capital, destaca-se a colaboração do departamento de engenharia. Foi agilizador o material fornecido pelo Exército, a exemplo do material técnico cartográfico existente e os levantamentos topográficos do território. Nessa época, por questões de segurança militar, o Exército se encarregava dos serviços de cartografia em todo território nacional. Curitiba dispunha de todo esse suporte técnico, muito levantamento territorial realizado e uma memória histórica-técnica considerável. Exemplo é o importante mapa elaborado pelo Exército e Municipalidade, datados de 1935 e 1937. Carta trabalhada a cores, contendo dados plani-altimétricos, malha de ruas, onde também se identificam construções e vegetação.

Agache, com essa estrutura de apoio, obtém todas as informações necessárias para executar seu trabalho. Inteira-se dos fundamentos históricos do desenvolvimento urbano da Cidade e da realidade sócio-cultural. Procura também compreender o curitibano como indivíduo e definir seu perfil coletivo. Para isso, ministra palestras em diversos locais, como clubes sociais e entidades profissionais, como o Instituto de Engenharia, lugares onde tenta também descobrir o intrincado jogo político dessa sociedade.

Esse encaminhamento mostra que Agache não se afasta do formalismo acadêmico em seu processo projetual para Curitiba, apesar de não ser mais o jovem idealista de épocas passadas, vividas no Museu Social em Paris. Agache aplica sua sistemática tradicional desenvolvida ao longo de muita prática, similar à utilizada no Rio de Janeiro. No caso de Curitiba, sintetiza seus estudos e apresenta seu trabalho em quatro capítulos distintos, formatando todo o escopo do Plano, na seqüência a seguir.

---

# PLANO DE URBANIZAÇÃO DE CURITIBA

## Capítulo I

### Resumo histórico-fisiográfico de Curitiba.

#### Títulos

- 1 Introdução Histórica
- 2 Situação – Limites – Superfície – População
- 3 Fisiografia da Região
- 4 Cidade em função do Estado e
- 6 Saneamento do País
- 5 Fisionomia atual da cidade
- 7 Descongestionamento
- 8 Necessidades de Centros Funcionais

## Capítulo II

### Plano de remodelação, extensão e embelezamento.

#### Títulos

- 1 Plano Diretor, seus elementos componentes
- 2 Plano das Avenidas (seções 1 a 4)
- 3 Centros Funcionais e Centros Especializados (seções 1 a 10)
- 4 Código de Obras – Zoneamento
- 5 Sistema de Comunicações e Transportes
- 6 Espaços Livres – sua distribuição – reserva de áreas (seção 1 a 4)
- 7 Extensão da Cidade (seção 1 e 2)

## Capítulo III

### Escoamento pluvial e defesa contra inundações.

#### Títulos

- 1 Preliminares (seção 1 a 5)
- 2 Organização do Plano Geral de Esgotamento (seção 1 e 2)

## Capítulo IV

### Conclusões.

#### Títulos

- 1 Êxito na aplicação do plano (seção 1 a 3)
-

---

Em conformidade com as bases científicas que tão bem identificam os trabalhos técnicos da Sociedade Francesa de Urbanistas a SFU, Agache, procura inicialmente entender o «*locus*» a ser trabalhado e compõe toda essa fundamentação no capítulo primeiro. Promove a percepção da situação inicial de Curitiba, não só como objeto de reflexão histórica, mas, para sustentar suas propostas e interferências a serem incluídas no desenvolvimento do Plano.

Vê-se em todo o processo de encaminhamento do Plano, que Agache sempre utiliza argumentação e pontos de vista envolvendo aspectos relacionados com o social e o psicológico, principalmente quando compara situações entre comunidades, no caso, Curitiba com São Paulo, Paris etc. Essa maneira de avançar no processo projetual-urbanístico é um ato consciente de entendimento, também de toda a SFU, responsável pelo desenvolvimento e implementação mundial, do Urbanismo Científico ou Formal. Agache conduz o processo passo a passo, e em área dominada por sua metodologia, comprovada pelo número de planos executados e teorias defendidas. Fundamenta-se e abusa da sociologia sobre teses de grandes sociólogos franceses, como Gabriel Tarde e Emile Durkheim, que desenvolveram seus estudos, nas áreas da psicologia social, da individualidade e do coletivo.

Essa situação lembra o *slogan* que Agache adota para o encaminhamento do Plano para o Rio de Janeiro num primeiro momento, quando tenta convencer a sociedade com: «Rio moderna e civilizada como Paris». Talvez aqui pudesse utilizar: «Curitiba moderna e civilizada como». Verifica-se até pelos sumários de seus Planos, que o esquema metodológico processual é sempre o mesmo. Não importando considerações projetuais nessa primeira etapa.

---

É um apelo sistemático com fundamentação baseada em estudos sociológicos. Nessa época, pela aceitação dessas formulações, pode-se deduzir que a metodologia funcionava plenamente, uma vez que esse procedimento lastreara, uma quantidade enorme de planos-diretor executados em todos os continentes pelos urbanistas envolvidos com a SFU.

No caso de Curitiba, Agache desenvolve seu Plano nessa seqüência:

## Capítulo I

### Resumo histórico-fisiográfico de Curitiba

No *capítulo I*, dividido em oito títulos, Agache analisa todo o contexto em que Curitiba se insere. Separa itens que considera básico para estabelecer o diagnóstico e que contribuam para fundamentar idéias de solução ou orientar o Plano Diretor. O Plano Geral de Urbanização que Agache apresenta, possui alguns tópicos analíticos iniciais, como os estudos histórico-fisiográfico da cidade, ordenados em: 1 - Introdução histórica; 2 – Situação, limites, etc.; 3 - Fisiografia da região; 4- A cidade em função do Estado e do País; 5 - Fisionomia da cidade; 6 – Saneamento; 7 – Descongestionamento; Necessidades de Centros Funcionais.

Propositadamente inseriu-se um capítulo nesta dissertação sobre a situação de Curitiba anterior a Agache. Nesse, expõe-se um panorama da Cidade independente da visão de Agache, que envolve as principais questões urbanas e sociais de Curitiba e finaliza também com as razões que motivaram a contratação de Agache. Na oportunidade discorreu-se sobre os aspectos histórico-sociais, técnicos fisiográficos e psico-sociais com relação ao lugar, sociedade e mesmo sobre a cidade edificada de Curitiba, antiga Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

---

O motivo dessa observação é enfatizar que Agache capta facilmente, por si, tudo que ali se relata. Fato também demonstrado nos relatórios de acompanhamento e no próprio texto do Plano, que está publicado no Boletim PMC, datado de 1943. Toda a essência e particularidade exposta é diagnosticada e prognosticada, mostrando a enorme capacidade de avaliação e julgamento pessoal de Alfred Agache. Procedimento que referenda a eficácia de sua metodologia para o planejamento urbano, também denominado de «científico». O resultado desses procedimentos e conclusões do Plano, publicados no Boletim da PMC se encontra nos relatórios da Empresa Coimbra Bueno & Cia Ltda. Material que foi entregue à municipalidade quando da apresentação do projeto final e, na medida do interesse, em partes ou tópicos, integra essa dissertação.

Agache, através dessa mecânica, conclui o inventário de informações sobre a Cidade. Consegue os componentes de necessidades para compreender os hábitos e estabelecer a lógica social básica de Curitiba. Informações que lhe permitem começar seu trabalho, que se resume em projetar e ordenar os espaços desta Cidade. Com agilidade e rapidez apresenta seu diagnóstico e prognóstico dessa forma: «Das observações cuidadosas e dos estudos feitos na Capital paranaense, pode-se adiantar que suas características próprias, situação, topografia, traçado, vida comercial e urbana, enfim sua fisionomia peculiar revelam a predominância em linhas gerais, de três problemas urbanos, que a administração pública do Município vem enfrentando com coragem:

1º) *O solo* – Saneamento: A drenagem dos «banhados», canalização dos rios e ribeirões, esgotos pluviais; rede de abastecimento d'água, etc.

2º) *O homem* – Descongestionamento: Tráfego urbano; vias de acesso externo; circulação da produção, abastecimento urbano, etc.

3º) *O meio* – Necessidades de Órgãos Funcionais: Centralização dos edifícios apropriados para sede do Governo do Estado. Centro Cívico. Vários centros de irradiação da vida comercial e social».

E continua: «Sob este tríplice aspecto: saneamento, descongestionamento e órgãos funcionais, se resumem os múltiplos problemas urbanos de Curitiba. Resolvidos esses, ou melhor, atenuados, ou reduzidos ao mínimo as suas conseqüências, a cidade passará a adquirir foros de uma verdadeira Capital. De uma aglomeração de casa sem uma característica que a distinga, passará Curitiba a ser uma cidade orgânica, de um inteiriço com a fisionomia própria de uma Capital, pela importância que merece e pelo papel que desempenha como sede do governo de um dos mais ricos Estados do Brasil. E isso Curitiba vem conseguindo graças à visão administrativa das altas autoridades do Governo do Estado e do Município».



Plano Agache (IPPUC-CM)  
Plano das Avenidas – Versão esquemática – Técnica

Agache procede ao desenvolvimento do Plano dentro dessa postura, e fugindo de sua metodologia, inicia separadamente, a elaboração do projeto e estudos sobre a «circulação viária» de Curitiba. Propositadamente apresenta antecipadamente o «Plano das Avenidas da Cidade». Este fato merece ser salientado, não só pela quebra do procedimento metodológico, mas, pelas novas possibilidades que se abrem com a atitude. Esse Plano, específico sobre a questão circulação, é peça fundamental e linha-guia do Plano Diretor. Essa maneira, pouco usual de encaminhamento projetual, pode ser inédita no planejamento urbano no Brasil.

---

Pois possibilitou à gestão que o contratara, iniciar algumas obras e serviços dentro do próprio Plano, a ser entregue, somente alguns anos mais tarde. Estratégia que demonstra visão avançada na estratégia do ato projetual, mais a ver com procedimentos contemporâneos, onde o tempo impera, e muitas vezes se torna decisivo.

Sobre essa primeira proposta e com muita argumentação, pode o Prefeito Rozaldo de Melo Leitão lançar o «Plano das Avenidas», através do decreto-lei nº 23 de 05 de Fevereiro de 1942, de uma forma independente, como se viu, precedente ao Plano Geral. Foram essas as palavras seu lançamento:

- «diante do progresso e crescimento de Curitiba, industrial, comercial, e na extensão da Cidade...
- ...diante da dispersão e concentração de sua vida comercial, congestionando o tráfego, prejudicando a sua interface e conectividade...
- ...que o centro tradicional possui área exígua, incapaz de comportar a vida comercial da Capital...
- ...que Curitiba carece de um plano e de linhas mestras que fixe o perímetro de irradiação, supervisione e descentralize a área comercial, amplie o centro, desvio o tráfego do centro, distribua a circulação, (com avenidas perimetrais) e facilite o acesso por um conjunto ou rede de radiais...
- ...que Curitiba só se desenvolverá, mediante a implantação definitiva e progressiva de um plano-diretor, e que só assim a Cidade poderá adquirir foros de uma verdadeira Capital.



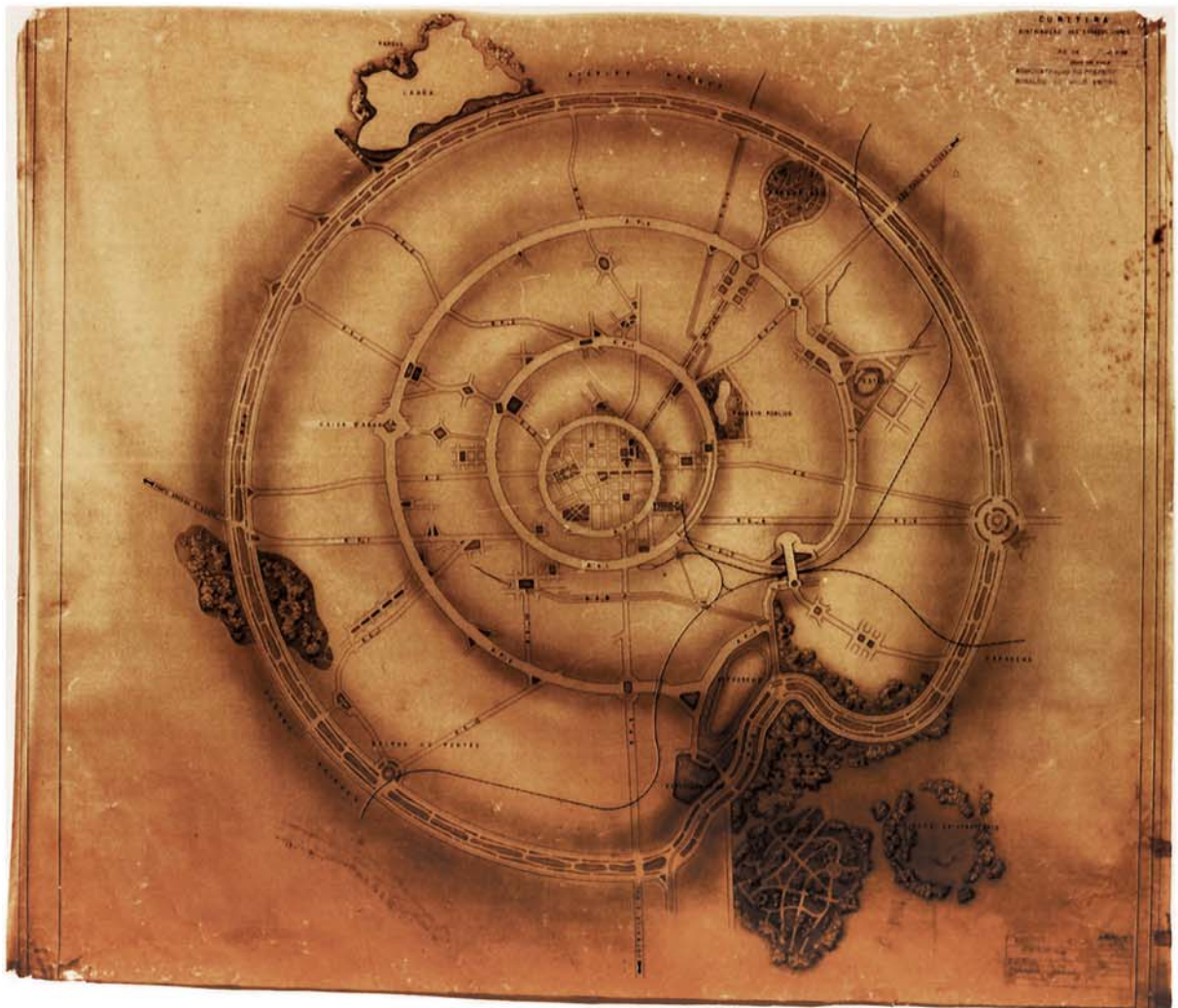
- ...que esta transformação já se pronuncia, com exigência de uma série de serviços urbanos, desapropriações, serviços técnicos, complexos e demorados, com elevados encargos ao erário...
- ...que cabe a Prefeitura Municipal fixar estas linhas fundamentais do plano-diretor, bem canalizações, extinguir endemias, de interesse da saúde pública...
- ...que em estudos realizados é possível à Prefeitura adotar o Plano das Avenidas». <sup>3</sup>

O Plano das Avenidas se resume em uma rede viária que ordena a circulação e constitui o espaço urbano da cidade. É um sistema de avenidas radiais e perimetrais que estrutura todo o território de Curitiba. O Plano, a partir de desenhos esquemáticos, também sintetiza e identifica o traçado regulador, a idéia-guia, ou o partido do projeto que Agache propõe como solução para a organização espacial de Curitiba. Hoje, esses desenhos assumem a marca registrada do Plano que também se conhece simplesmente por «Plano Agache».

Após esse primeiro ato, que envolve toda a comunidade, com grande repercussão na imprensa, Agache e a equipe se recolhe em seus trabalhos técnicos no Rio de Janeiro, só aparecendo publicamente para apresentação final de todo o plano, em 1943, já com o novo Prefeito empossado o Eng<sup>o</sup> Civil, Alexandre Beltrão. A gestão Mello Leitão, que contratara Agache, consegue iniciar algumas obras do futuro Plano. Destaca-se a proposta de alargamento parcial da Rua XV de Novembro que inclui as inéditas galerias laterais para cidade. Esses serviços datam de fevereiro 1942, através do Decreto-lei n<sup>o</sup> 22, antecedente mesmo ao Plano das Avenidas.

---

<sup>3</sup> In, Boletim PMC. Opus Cit. p. 12.



Plano Agache (IPPUC-CM)  
Plano das Avenidas – Versão ilustrativa – Técnica

---

Na seqüência, Agache encaminha todo o processo projetual atrelado academicamente, como de praxe, a uma visão de urbanismo global, sempre enfocando a cidade como um «ser», um corpo. Identifica e classifica os principais problemas de Curitiba, em «o solo, o homem, e o meio». Dentro desse ordenamento, destaca como diretriz para solução dos problemas, três pontos de maior importância, «saneamento, descongestionamento e órgãos funcionais». Com esta base Agache elabora, sustenta e desenvolve todo o Plano de Urbanização de Curitiba.

Agache também justifica a inclusão de todos esses pontos. No caso do item «saneamento», apela aos crônicos problemas de Curitiba na área, tanto pela simples ausência de prestação de serviço, como pela insípida rede ou sistema de atendimento nas questões de tratamento de esgoto, fornecimento de água potável e drenagem das águas pluviais. Também apresenta as conseqüências, agravamentos e possível deterioração das condições sanitárias da Cidade. Agache envolve casos de doenças epidêmicas e surtos recentes no Brasil. Chega a lembrar também de casos externos, como do Plano de Chicago, onde o urbanista Burnham em sua proposta, não trata com a devida atenção esse ponto, tornando-se uma falha, com enorme prejuízo a municipalidade. Demonstra-se, com isso, a importância de uma das bases do Plano, a questão saneamento. Agache procura também afastar da Cidade problemas maiores, se forem adotados, em tempo, procedimentos na área.

Sobre o «descongestionamento», outro pilar do Plano, Agache levanta a questão da alta concentração demográfica do entorno da Praça Tiradentes. Apresenta projeções e a situação caótica futura, caso não se proceda a interferência imediata sobre o assunto na Cidade.

---

Lembra situações de outros grandes centros e atitudes tomadas para solução como, por exemplo, Prestes Maia em São Paulo, e reforça sua solução apresentada baseada no Plano das Avenidas, fundamental para condução desses problemas. Agache vê a possibilidade de ampliação, expansão e atendimento da malha urbana, uma vez, organizando e disciplinando tráfego e vias de acessos. Em suas palavras: «Considerando que, diante disso Curitiba necessita de um Plano conjunto, que fixe as linhas mestras de seu perímetro de irradiação, supervise a descentralização de sua vida comercial e amplie seu centro, desviando as correntes de tráfego e distribuindo a circulação por boas “avenidas perimetrais”, ...bem com facilite as vias de acesso à Cidade, por meio de “radiais” e, conjunção com sua rede de comunicações.» E continua: «Cumpra a Prefeitura Municipal fixar desde já as linhas fundamentais de um plano-diretor, ...bem como obras de saneamento, com as canalizações de riachos e rios, ... no interesse da Saúde Pública e embelezamento da Cidade.»<sup>4</sup>

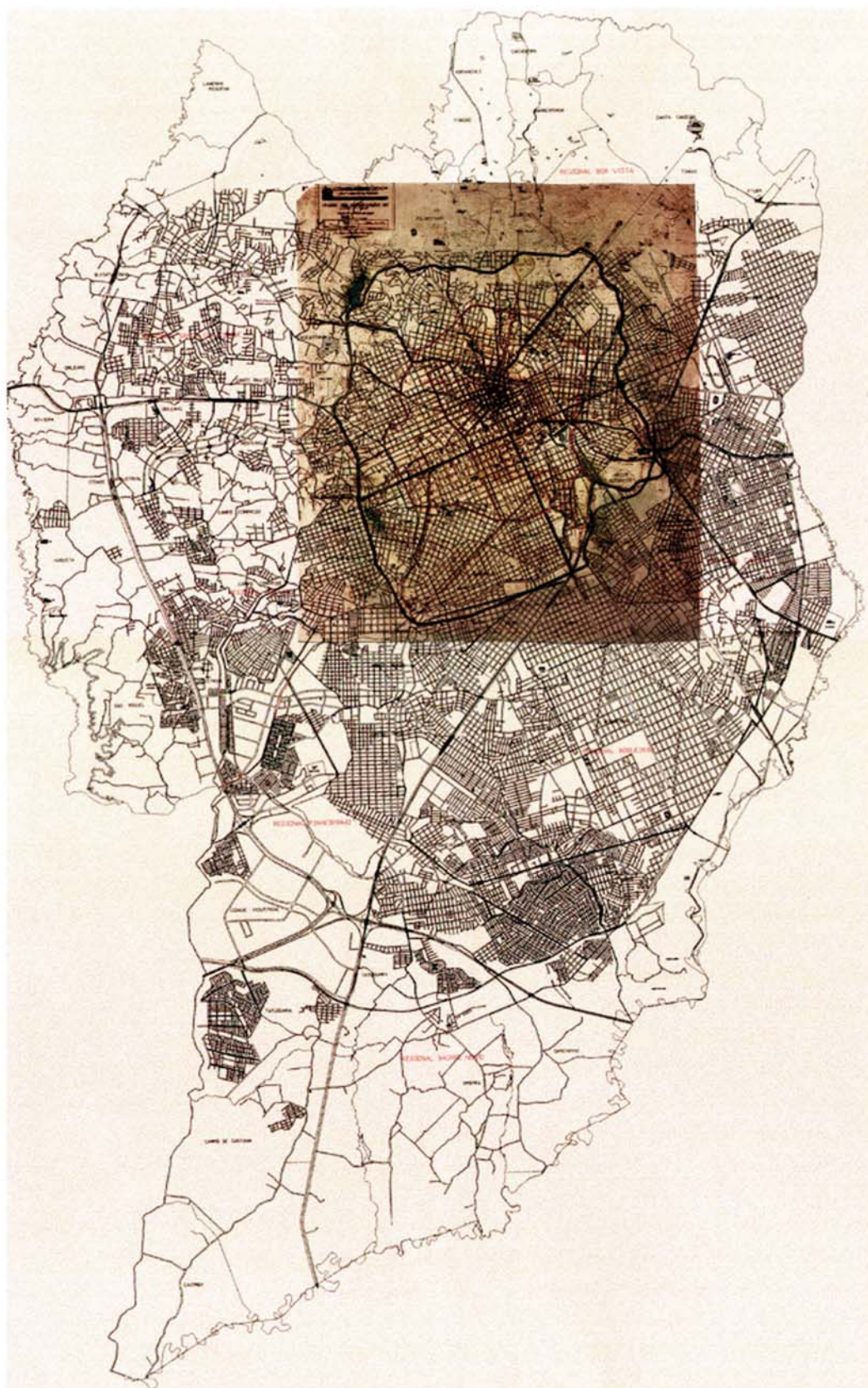
No sentido de necessidade de «Órgãos Funcionais», Agache utiliza enfaticamente o recurso da comparação entre grandes centros e Curitiba: «Comparo São Paulo a Chicago, que visitei há quarenta anos. Pareceu-me então essa cidade norte-americana um verdadeiro caos. Era um aglomerado de casa sem caráter nenhum. Quando a visitei vinte anos depois, os trabalhos urbanísticos haviam transformado o caos numa cidade organizada. Estive pela primeira vez em São Paulo em 1927. Tive idêntica impressão, uma cidade transbordante de atividade, mas, inteiramente privada de unidade orgânica.

---

<sup>4</sup> In, Boletim PMC. Opus Cit. p. 13.



Plano Agache (IPPUC-CM)  
Plano das Avenidas – Implantação geral



Plano Agache (IPPUC-CM)  
Plano das Avenidas em sobreposição à planta contemporânea de Curitiba



Plano Agache (IPPUC-CM)  
Plano das Avenidas em sobreposição à planta contemporânea de Curitiba (detalhe)

---

Hoje constato, com prazer a transformação que se está fazendo e que, como urbanista, aprovo totalmente.» «O mesmo se dá a Curitiba, que está esboçando, com a aplicação do plano diretor, a sua fisionomia própria, adquirindo foros de uma capital: a cidade está plasmando sua organicidade, sob o aspecto edilício, higiênico e estético».

Fica muito claro que Agache quer, com a defesa de Órgãos Funcionais, estabelecer uma relação entre funcionalidade e modernidade. Deixa, entre linhas, que a vida urbana moderna possui dentro de seus atributos a questão funcional. A cidade que possuir elementos e funções ordenadas, conectando-se com agilidade, é uma cidade que se insere nos aspectos da vida moderna. Como diz Otília Arantes: «O *novo* é evidentemente o *moderno*, e quando este declina ao esbarrar nos seus limites imanentes, o primeiro se degrada, e seu efeito de choque se amortece, e a novidade torna-se moda, cuja absolecência é industrialmente programada.»<sup>5</sup> Nota-se que esses movimentos de imitação e de necessidade de se tornar *moderno* ou *novo*, evidentemente passam também pela questão de moda de época. Principalmente se levar em conta um país influenciável como o Brasil, com um capitalismo periférico.

Com todo o quadro de entendimento estruturado, Agache pode dar seqüência à totalidade do projeto. O capítulo mais importante é sem sombra de dúvida o capítulo II, que vem a ser o Plano de remodelação, extensão e embelezamento. Nesse, se inclui o cerne do Plano, o Plano Diretor. Também abre um capítulo especial sobre o assunto saneamento, o capítulo III, e finaliza com o capítulo IV, das conclusões.

---

<sup>5</sup> ARANTES, Otília. *Urbanismo em Fim de Linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. São Paulo . S.P. Editora da Universidade de São Paulo . 1998. p. 21.



---

## Capítulo II

### Plano de remodelação, extensão e embelezamento.

Neste capítulo, Agache também divide em sete títulos e diversas seções; reúne: 1 – Plano Diretor; 2 - Plano das Avenidas; 3 – Centros Funcionais; 4 – Código de Obras; 5 - Sistema de comunicação e transporte; 6 - Espaços Livres; 7 - Extensão da Cidade. Torna-se o capítulo mais elaborado e o mais importante, pois, apresenta a idéia central do Plano, a síntese das idéias, resumindo-se no próprio Plano Agache.

#### 1 O Plano Diretor

O Plano Diretor é o resumo do Plano Geral, tanto que no «título I», específico sobre o Plano Diretor, em seu desdobramento, se repete todos os componentes do capítulo II, ou seja: 1 - O Plano das Avenidas; 2 – Os Centros Funcionais; 3 – O Código de Posturas; 4 – Os Espaços Livres e reservas; 5 – Extensão da Cidade. Ficando fora, somente questões específicas como o Sistema de comunicações e transportes e questão saneamento. O saneamento integra o capítulo III inteiro, e é um pilar básico da proposta, conforme se vê na estrutura geral acima apresentada.

Portanto, o capítulo II, é assim visto por Agache: «o Plano Diretor de Curitiba estabelece as linhas e normas essenciais de sua remodelação, extensão e embelezamento – rasga avenidas e saneia área, disciplina seu tráfego, organiza suas funções urbanas, coordena suas atividades e proporciona à cidade uma fisionomia de capital, zoneia e codifica suas funções, estimula e orienta seu desenvolvimento dentro de normas técnicas».

---

O Plano Diretor proposto engloba cinco pontos: o «Plano de Avenidas», formado por um conjunto de Avenidas perimetrais, radiais e diametrais; os «Centros Funcionais ou Centros Especializados», como os Centros: cívico, comercial e social, de abastecimento, industrial, hípico e exposição-feira, universitário, esportivo, administrativo Municipal, Militar, de transportes interno e interurbano; o «Código de Obras e Zoneamento»; os «Espaços Livres», sua distribuição e reserva de áreas e a «Extensão da Cidade», com previsão demográfica.

Como suporte de representação gráfica do Plano Diretor, Agache apresenta algumas pranchas específicas, em várias formas de desenhos técnico e artístico, a partir de um esquema, que exprime e traduz com força as principais vontades intencionais do Plano Geral. É a idéia maior materializada a partir de um esquema. É o que arquitetos simplesmente denominam «partido do projeto». É a espinha dorsal da idéia adotada por Agache como proposta de solução para Curitiba.

## 2 O Plano das Avenidas

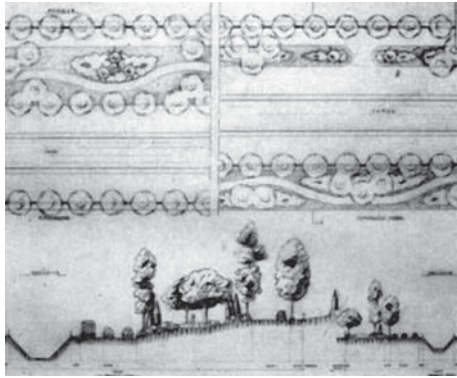
Apresenta as linhas fundamentais do Plano Geral Viário e se propõe a estabelecer, orientar e disciplinar todas as ligações internas da Cidade e seu contacto com o exterior. Esse Plano também é primeiro grande desdobramento e apoio ao Plano Diretor. Suas formas rádio-concêntricas adaptam, como se vê nas pranchas técnicas, avenidas e ruas radiais e perimetrais. Ambas desenvolvidas a partir de um esquema formal devidamente adaptado ao existente. Nessa mesma época, já existiam exemplos semelhantes em outros grandes centros como São Paulo, Moscou ou Berlim. No caso de Curitiba, Agache procura em sua representação gráfica real, compor os desenhos intencionais conciliados a malha existente.

---

Essa proposta cria um sistema de circulação hierarquizado e determina solução, como forma de resolver a questão da circulação, uma das bases do Plano Geral. A solução apresentada: um projeto que permeia áreas urbanizadas e áreas disponíveis, onde aparecem as áreas de expansão à área urbana existente de Curitiba.

O sistema de Avenidas radiais e perimetrais utilizado por Agache, inspira-se no arquiteto francês, seu colega integrante da SFU, Eugène Henard, sistema também chamado de perímetro de irradiação. Esta solução, que se desenvolveu a partir dos desmontes das muralhas de Viena, em *Rings*, baseando-se a partir de anéis e raios irradiadores. Esse desenho, além de permitir conexões nas mais diversas possibilidades, procura atender as especificidades do local. Um exemplo mais próximo também de mesma época, é a proposta para Porto Alegre, em 1938, executada pelo engenheiro Paiva, também denominada de Plano de Avenidas.

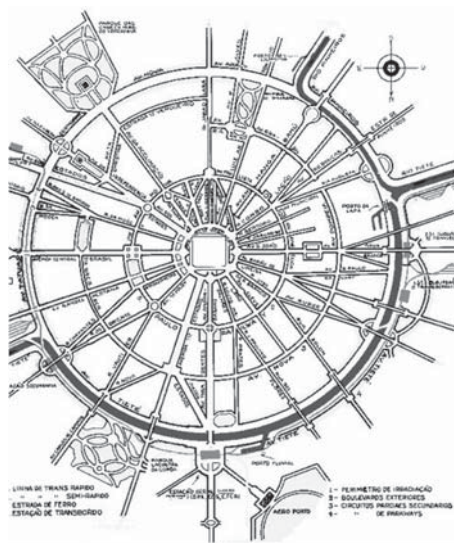
Como estruturante do Plano Geral, essas Avenidas e Ruas que compõem o sistema perimetral totalizam um número de quatro e, pela lógica conceitual de desenho, deduz-se que a proposta não é fechada, podendo ser expandida no futuro. Essas perimetrais, todas a partir do mesmo centro, formam linhas circulares especificamente denominadas, AP-0, AP-1, AP-2, e AP-3, cada qual com função determinada. AP-0, como descongestionadora do centro tradicional, se incumbindo em desviar o tráfego de passagem central. A AP-1 como principal distribuidora de tráfego, é cortada pelas radiais que nascem na AP-0, e se encarrega em ser ponto de partida das demais radiais principais e secundárias. A AP-2, recebe a função de difusora do tráfego dos bairros e dos centros funcionais.



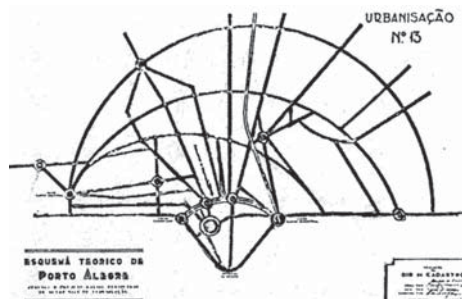
Plano Agache  
Avenidas Parques – Avenidas Canais  
Pranchas esquemáticas  
Pistas independentes – paisagismo complementar

Sua estrutura viária é fundamentalmente executada sobre artérias existentes devidamente adaptadas e dimensionadas a essa nova visão. Nesse caso, também recebe trechos novos e aproveita as caixas dos rios, se transformando em avenidas-canal. Nesses trechos, como coletor das águas, recebe tratamento especial de engenharia referente a escoamentos das águas e para que seus cruzamentos não sejam truncados. O sistema de Avenidas confronta-se com a linha férrea em muitos pontos, mas em geral todos são simples, não requerendo formulações especiais. A exceção se encontra no bairro Capanema. Esse foi identificado e ainda é momento, o mais complexo entroncamento viário da cidade. Agache, para o caso, propõem o único Viaduto do Plano, o Capanema. Este organiza uma situação crítica do setor leste da Cidade, confrontando a linha férrea, com uma das mais importantes ligações da Cidade com o litoral e também com a Avenida AP-2. O sistema de Avenidas se propõe a conectar e articular todos os bairros, incluindo o Centro Cívico, o Centro Esportivo, o Hipódromo, Exposição Feira, e principais Centros Funcionais, enfim a Cidade toda.

Para a avenida mais afastada, a AP-3, Agache propõe um sistema entendido como *Parkway*, também já empregado aqui no Brasil quando do plano executado por Barry Parker em 1919 na cidade de São Paulo. A AP-3 projetada é uma larga avenida, de 60 metros, com pista dupla e tratada de forma especial. Suas pistas se adaptam ao modelato do terreno, respeitando o máximo possível o ambiente natural, em alguns trechos assume o papel de avenida-canal, podendo variar seus afastamentos e mesmo nível. Além de integrar o sistema principal de circulação, assimila uma função de parque linear. Se devidamente implantada, comporá um outro sistema, o de integração entre os diversos parques previstos para a cidade.



Plano das Avenidas de São Paulo  
Plano de Prestes Maia – 1930  
(in. LEME. M.)



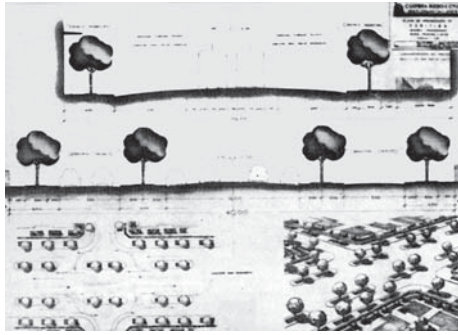
Plano das Avenidas de Porto Alegre  
Plano Paiva – 1938 (in. LEME. M.)

Em linguagem mais atualizada, Agache propôs um corredor para a vida selvagem urbana, um parque linear, com preocupação em se obter percursos pitorescos. Para aumentar essas visuais, também propõem que a construções sejam isoladas e afastadas de no mínimo dez metros do alinhamento. Sua execução seria gradual, conforme a necessidade de expansão da cidade.

No Brasil, nessa mesma época, diversas cidades já tinham se apropriado desse mesmo sistema, apresentado como proposta para a AP-3, como em São Paulo com o Plano das Avenidas de Prestes Maia, Belo Horizonte e Porto Alegre.

As avenidas que compõem o sistema irradiador, as radiais, nascem, quase todas, na perimetral AP-1. A grande maioria dessas termina no anel mais externo, AP-3, com exceção para as que se conectam com estradas de ligação extra município. Essas radiais formam um conjunto com duas hierarquias, as principais, em número de quatro, RP-1 a RP-4, e as secundárias, em número de dez, RS-1 a RS-10. Agache também propõem uma Avenida Diametral, que corta todo o centro mais importante, passando pela Rua XV de Novembro. É a Avenida Vicente Machado, que, em alinhamento, se estende pela Rua XV de Novembro, juntando-se a RS-6, na AP-3.

As principais fazem as grandes ligações da cidade com seu exterior. A RP-1, Avenida Sete de Setembro, faz a ligação leste para Oeste, estrada de Ponta Grossa. A RP-2 liga, via Bairro Santa Felicidade, atual Avenida Manuel Ribas, a Castro. A radial RP-3, Avenida João Gualberto, faz a conexão para São Paulo e Litoral, via Atuba. A RP-4 segue para o Sul. A partir da AP-1, Avenida Sete de Setembro, segue, pela rua Marechal Floriano Peixoto para Joinvile e Sul do País.



Plano Agache – Pranchas Técnicas  
Esquema de Avenidas e Ruas

As avenidas secundárias, estabelecem as conexões internas da cidade. RS-1 é a Avenida República Argentina, sentido Sudoeste, ligação entre pólos comerciais tradicionais. A RS-2 canaliza o Rio Bigorriho, iniciando-se na rua Carlos de Carvalho, sentido noroeste. A RS-3, Avenida Pilarzinho, parte da Praça Garibaldi, Alto São Francisco, ladeia o Cemitério Municipal e segue sentido Norte. A RS-4, a partir do Passeio Público, aproveita o leito do Rio Belém, estabelece uma avenida canal, cruza a Avenida Cândido de Abreu, eixo Institucional do Palácio Iguazu e atual Prefeitura, sentido norte. A RS-5 é a própria Cândidos de Abreu, principal eixo institucional, avenida especial, com largura de 48 metros, pista central e duas laterais, canteiro intermediário com paisagismo simbólico com apelo Paranista, utilizando o Pinheiro do Paraná. A RS-6, é a seqüência leste da Avenida Sete de Setembro.

Nota-se nesse conjunto de avenidas circulares e radiais, que Agache compõem o Plano das Avenidas de Curitiba com clara intenção formal. Desenho impregnado de muita força visual e identidade. Sua proposta estratégica de circulação possibilita uma série de conexões e ligações que se estendem por todo o território, a ser ordenado. Os percursos de ligações, diretos ou curvos, incorporam os mais antigos caminhos e pólos de importância da cidade. Com esta proposta, Agache apresenta os principais elementos que estruturam sua visão espacial de Cidade pensada e projetada para Curitiba. Procura claramente também alterar a imagem ambiental que o cidadão tradicional possui sobre a Cidade. Novos percursos, novas percepções, cidade nova. Também é o caminho para ligar o novo ao moderno.



---

Com esse esquema único, Agache disciplina e propõe a linha-guia para estruturar a solução para a cidade de Curitiba, dando uma nova condição espacial, com «novos ares» conforme costumava dizer, mais condizente com uma capital.

Inicialmente o plano básico esquematizado pressupunha ser uma malha projetada de ruas visando solução do tráfego urbano e do descongestionamento das áreas identificadas como críticas. Mas no projeto definitivo, vê-se que dentro da simplicidade do esquema se inserem outros pontos importantes de sua proposta geral, como a previsão da expansão urbana. Isso transparece através da estrutura física projetada que invade parte do território ainda não ocupado. O projeto também permite deduzir que o sítio ou o *locus urbis*, terá uma maior acessibilidade e domínio coletivo pela simples característica e posicionamento relativo de seus elementos. As ruas e avenidas como principais elementos de ligação, além de seu imperativo funcional, tem muita continuidade e são homogeneamente distribuídas evitando percursos desnecessários e racionalizando distâncias. O individual e o coletivo, são contemplados nessa situação com limites claros. Alguns complementos, como o transporte coletivo é planejado dentro desse pensamento. Agache sintetiza nesse esquema uma lógica espacial de distribuição da malha sobre o território, que permite uma configuração e ordenamento pleno da Cidade, com muita objetividade e simplicidade, que é o que se espera de um Plano Diretor.

O resultado espacial proposto pelo Plano, reforça nitidamente as questões relativas ao lugar e ocupação de Curitiba e tenta buscar uma imagem pública mais apropriada. Conforme Agache, com estes esforços «a cidade passará a adquirir foros de uma verdadeira Capital».

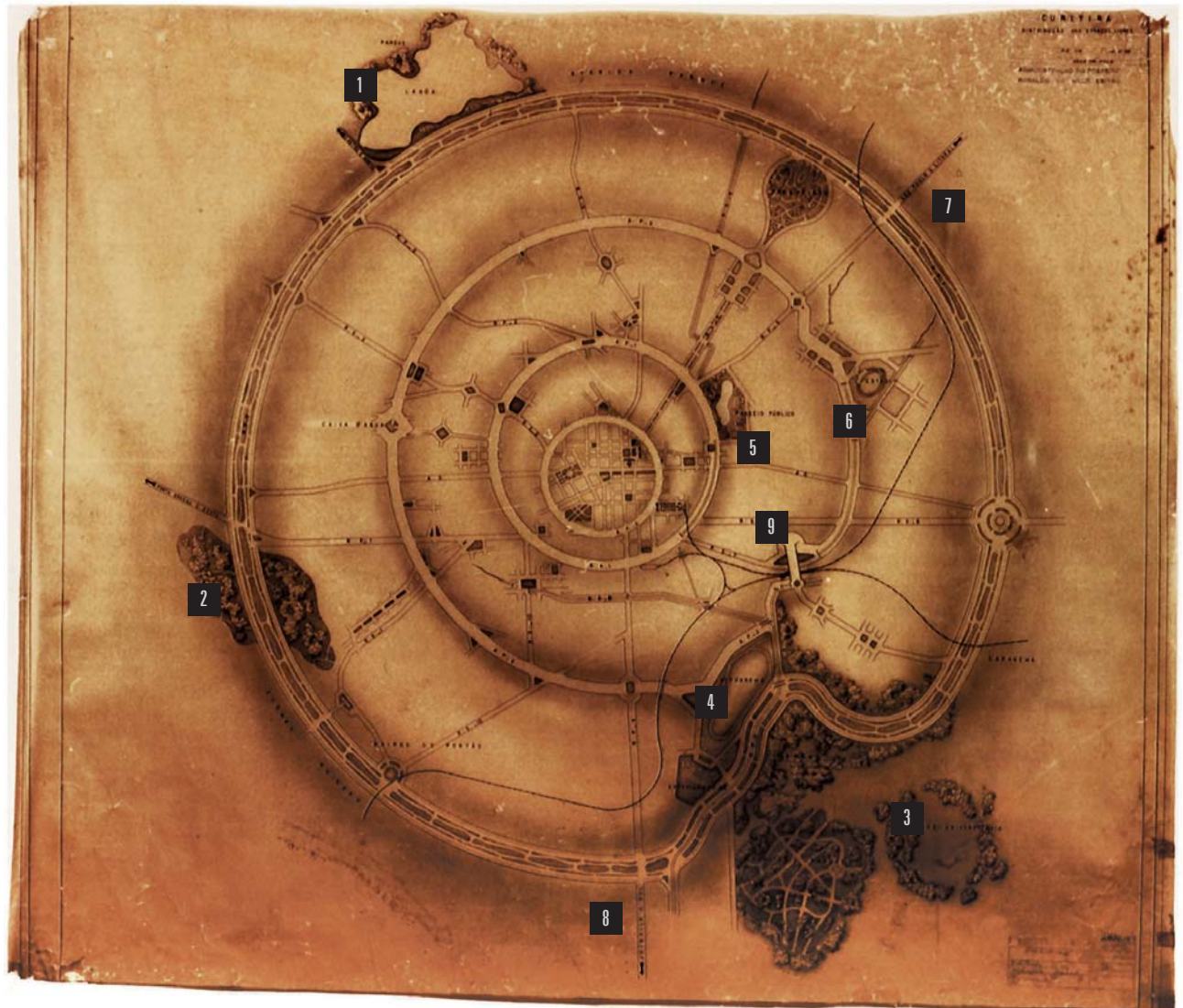


---

As soluções apresentadas procuram atender em conjunto todos os problemas identificados como «o homem, o solo, o meio». Nota-se que em seu processo projetual, Agache sempre pensa no conjunto, tanto que o Plano das Avenidas, entregue antecipadamente, se integra perfeitamente com o Plano Geral apresentado posteriormente. Agache otimiza a malha viária, racionalizando e inserindo as questões básicas de infra-estrutura, como drenagem, esgoto, águas pluviais, abastecimento de água potável e redes de distribuição de energia elétrica, dentro do mesmo esquema, e reserva todo o dispositivo territorial para esta finalidade. Se tivesse acontecido uma dissociação na seqüência projetual, se encontraria também uma incoerência entre as partes, mas só se encontram partes perfeitamente entrosadas com o todo. Provas também são os aproveitamentos técnicos das situações topográficas e bacias hídricas, onde Agache propõe faixas para retificação e condução dos principais rios e córregos, através de avenidas e ruas-canal previamente apresentadas. Propõe também para essas estruturas urbanas se manterem sempre a céu aberto, visando facilitar sua conservação. Todo o sistema de águas pluviais e seus coletores compõem-se com bacias acumulativas previstas para prevenção de cheias. Nessas previsões vê-se áreas livres como as Lagoas do Rio Barigüi, coincidentes com os atuais Parques Tingui e Barigüi, na parte norte da Cidade. Ao Sul, grandes áreas abertas são reservadas, principalmente as componentes dos baixios e alagados formadores das nascentes do Rio Iguaçu, que atualmente formam o complexo do Parque Municipal do Iguaçu.

### 3 Centros Funcionais

Entre as questões identificadas como «o meio», Agache inclui a arquitetura propriamente dita, como parte indissociável dentro do todo da Cidade.



1. Parque Tingui
2. Parque Barigui
3. Centro Politécnico (UFPR)
4. Hipódromo (PUCPR)
5. Passeio Público
6. Estádio Municipal
7. Saída para São Paulo / Litoral
8. Saída para Santa Catarina
9. Estação Rodoviária

Plano Agache (IPPUC-CM)  
 Prancha ilustrada identificando alguns dos principais pontos do Plano Diretor

---

É o convívio permanente do cidadão com estruturas de elementos arquitetônicas, como eixos, ruas, praças ou edifícios. Nesse sentido, no Plano, transparece sua preocupação com o projeto visando criar lugares específicos, que identifiquem e possibilitem ao usuário uma leitura clara e diversificada de toda a Cidade. Agache aposta claramente na percepção notável da arquitetura, e como solução acaba propondo uma série de projetos especiais, dentro do que entende como mínimo indispensável para estruturar uma cidade como Curitiba.

Apoiado sempre na mesma argumentação, e reforçando também o comparativo e similitudes com outros centros maiores, Agache segue desenvolvendo seu trabalho. As comparações com São Paulo são muitas, como se vê: «Ambas as cidades estão coladas numa planura, entre ondulações que lhe dão panoramas aprazíveis, embora descontínuos, ambas repontam nas encostas da Serra do Mar.» «Que Curitiba, na segura orientação de Mello Leitão a exemplo de Prestes Maia em São Paulo, esboça com a aplicação do plano-diretor a sua fisionomia própria adquirindo foros de capital.» «A cidade está plasmando sua organicidade, sob os aspectos idílico, higiênico e estético.» «Diante das necessidades e da exposição, se esboça o que seria dentro do Plano Agache os Centros Funcionais.» E continua: «Para isso, entretanto faz-se mister atender aos órgãos funcionais, distribuindo-se os seus diversos centros de cada uma de suas funções: administrativa, comercial, militar, universitária, social, etc. de maneira que as atividades do homem em cada um se harmonizem para constituir um conjunto, tendo por cúpula o Centro Cívico ou Administrativo órgão de comando, sede do governo do Estado».<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Opus Cit. Boletim PMC, p. 15.

---

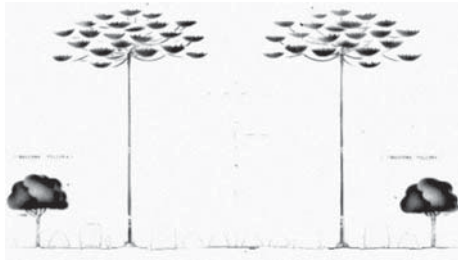
Agache prega uma cidade viva, . uma cidade organizada, funcional, gravitando em torno de elementos também funcionais. Otília Arantes diria: «Funcional do ponto de vista sistêmico»<sup>7</sup>, dentro da idéia maior de unidades múltiplas girando em torno de uma idéia central: uma Capital de Estado como Curitiba. Dentro da visão de Agache, a cidade deve possuir centros predominantes com diversas funções como: função de comando, Centro Cívico ou Administrativo; função de produção, Centros Comerciais e Industrial; função de consumo, Centros Residenciais; funções sociais, Centros Educativos, Recreativos, Diversões, etc. Agache acredita que na integração lógica dessas partes, desenvolve-se a economia da Cidade e o bem estar da população, promovendo a vida urbana com qualidade. Um detalhe importante foi feito em função do momento de guerra vivido na época: Agache leva em conta por motivos de segurança e por Curitiba sediar um dos principais Comandos do Exército Brasileiro, a questão estratégica militar e de segurança. Lembra que o urbanismo sofreu muitas alterações pelo motivo de guerras, principalmente no assunto Centros Funcionais.

#### Centro Cívico (seção 1) (CM)

Para Agache, um Centro Cívico é questão de honra para uma Cidade que é capital. É a «sala de visitas» da Cidade Capital do Estado. Destaca-se também como elemento funcional, pela economia e beleza. Kevin Lynch poderia dizer que Agache, com a proposta do Centro Cívico, começa a apresentar nova imagem de Curitiba: uma Cidade Capital. Esta proposta possui estrutura, identidade e significado, componentes intrínsecos, conforme Lynch, para esta nova imagem ambiental. Processo este que inicia a mudança de relação do cidadão com o ambiente existente.

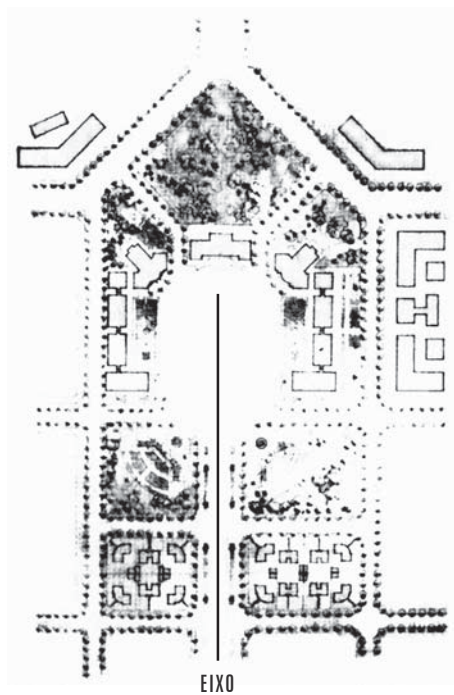
---

<sup>7</sup> ARANTES, Otília. Opus Cit. p.68



Promove a ruptura com o envelhecido, e apresenta o *novo*, como elemento indutor de novas percepções ao curitibano. Essa necessidade de romper, Otávio Paz<sup>8</sup> chama de «tradição de ruptura», ou «do novo».

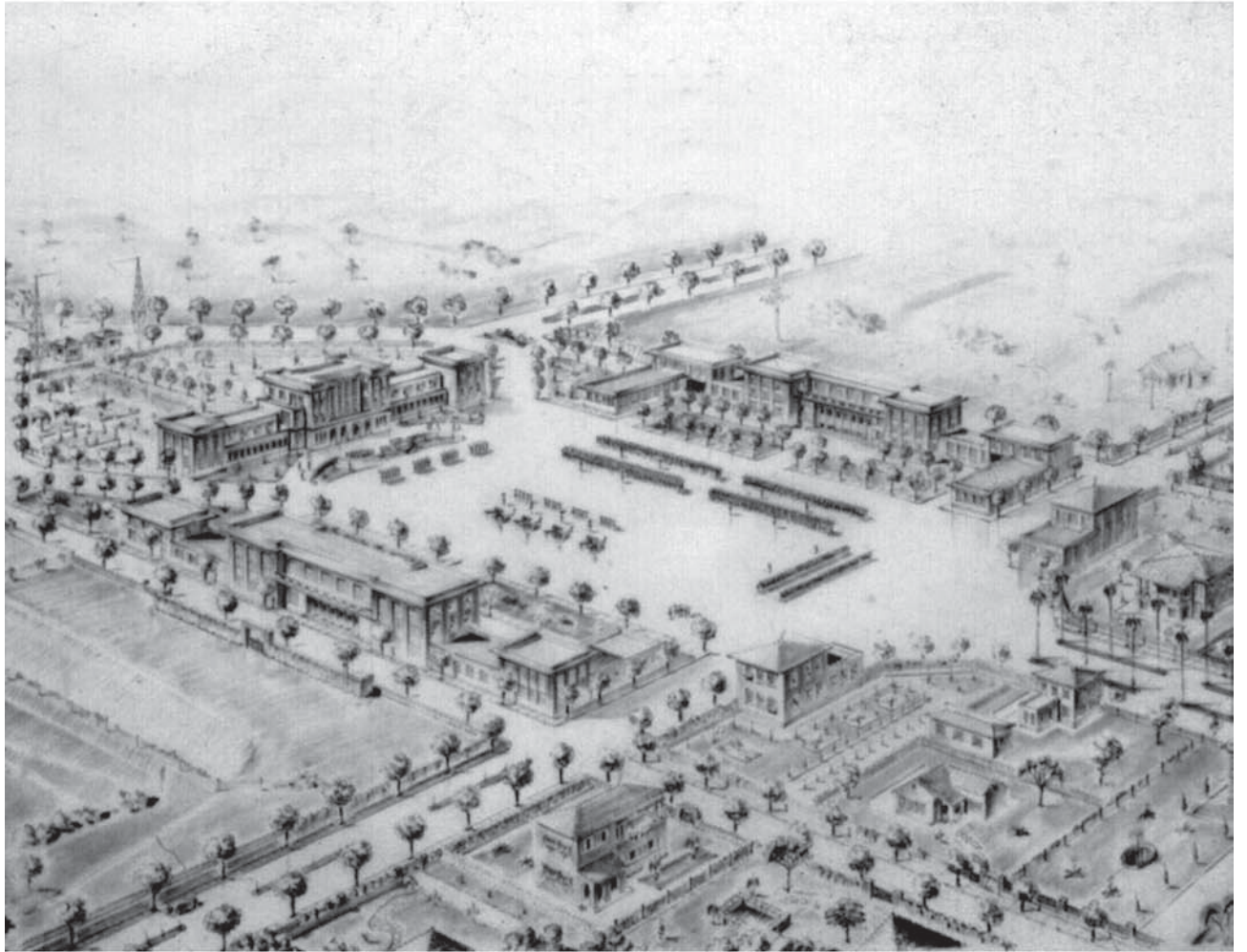
Esse Centro Administrativo reúne as principais atividades públicas. Configura uma situação *nova, moderna*, compatível com as perspectivas de Curitiba e do Estado do Paraná; que resulta em ganhos imediatos administrativos e econômicos pela racionalização e agilidade da tramitação dos assuntos públicos e facilidade de acesso de toda ordem.



Plano Agache  
Planta do Centro Cívico

No caso de Curitiba, dentro de uma visão maior para Cidade, já como capital, Agache propõem um grande eixo monumental cívico, um «Centro Cívico»: o atual Centro Cívico, que concilia um conjunto de edifícios em uma esplanada, um enorme espaço aberto ligados por um eixo monumental, a partir da Praça Tiradentes. Esta ligação, além de conectar este importante marco histórico com o Centro Cívico, resolve uma das propostas do Plano, cria propositadamente uma conotação simbólica «paranista» com a população. Esse eixo é tratado de forma especial até em sua arborização. Agache especifica a espécie vegetal que representa o Paraná, a «Araucária angustifolia», ou «Pinheiro do Paraná». O eixo formado por uma larga avenida central, com quatro faixas de rolamento e duas ruas laterais de apoio. Como elemento de separação, canteiros e calçadas, com iluminação e postes especialmente desenhados, em ferro fundido. Esta proposta resolveria também na época a agilização burocrática da tramitação dos processos públicos concernentes as atividades públicas a serem implantadas no seu conjunto. Hoje o Centro Cívico é uma realidade e um orgulho para o paranaense.

<sup>8</sup> In, ARANTES, Otilia. Opus Cit. p. 50.



Plano Agache – (CM) Centro Cívico  
À esquerda, o Palácio Iguaçu, centro do eixo Avenida Cândido de Abreu



Plano Agache – (CM) Centro Cívico  
À esquerda superior, o Palácio Iguaçu, centro do eixo Avenida Cândido de Abreu

---

No local se concentram todos os principais edifícios administrativos do Governo do Estado, o Palácio Iguazu com suas Secretarias de Estado, a Assembléia, os Tribunais de Justiça e de Contas. Da municipalidade, o Palácio 29 de Março e suas principais Secretarias.

A implantação do Centro Cívico, obra que acabou sendo realizada na década de 50, se apresentou com muita facilidade, tendo em vista a disponibilidade estratégica da área e por ser de um só proprietário. A opção de Agache em escolher o eixo da Avenida Cândido de Abreu, caminho do Parque Ahú, foi muito feliz. Atende um dos problemas diagnosticados, incorpora novas áreas à cidade, com excelentes terrenos; estabelece um novo local, uma nova parte da cidade muito próxima do centro, compondo-se com a Praça Tiradentes.

A arquitetura de Agache, final do neoclássico, um Art-Déco, foi substituída, no caso do Centro Cívico, por um belo conjunto modernista de um grupo de arquitetos carioca-paranaense na década e 50. Capitaneiam esta empreitada os arquitetos Sérgio Rodrigues e o paranaense David Azambuja. Este projeto, logicamente reinterpretado, torna-se um referencial urbano moderno da cidade de Curitiba. Uma grande obra, que nasce da proposta formulada pelo urbanista Agache.

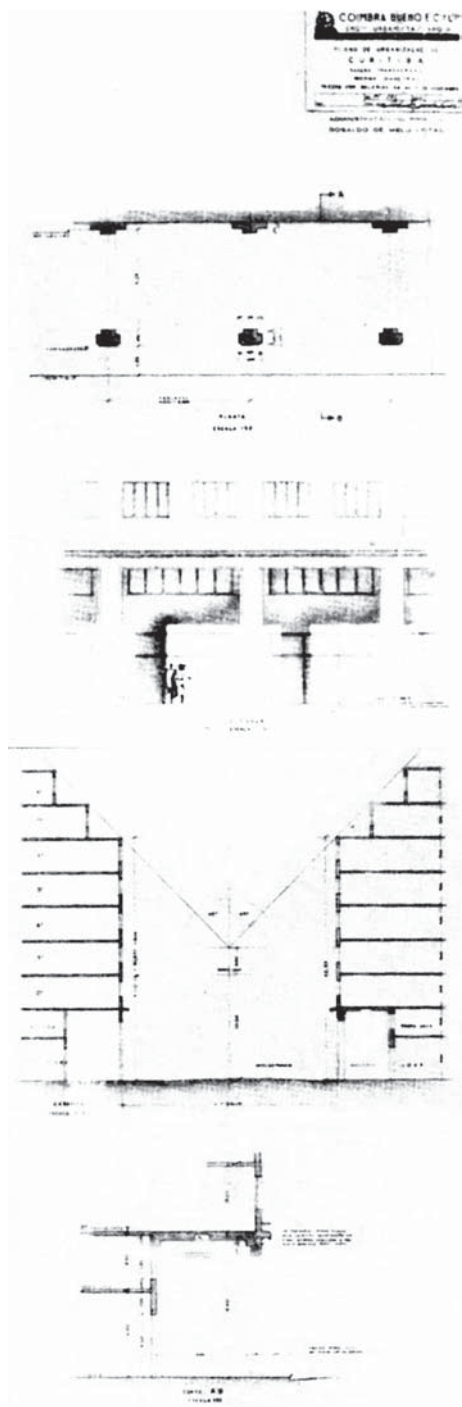
### Centros Comercial e Social (seção 2)

A área comercial mais importante de Curitiba se instala internamente à AP-0. A linha mestra é a Rua XV. Esse principal eixo comercial foi objeto de proposta, precedente à entrega do Plano, encarado na sua totalidade. Resume-se em retificação de alinhamento e implantação de galerias laterais ao longo da Rua XV. Como complemento, estabelece um gabarito de altura para a Rua XV.





Plano Agache – (CM)  
Perspectiva – Rua XV de Novembro – Galerias laterais



Plano Agache – (CM)  
 Projeto da Rua XV  
 Prancha de detalhes das galerias laterais e  
 critério de afastamentos das edificações  
 para melhorar a iluminação natural e insolação

Propõe recuo gradativo do alinhamento após o sexto pavimento, como recurso técnico para melhorar a insolação na caixa da rua, e normatizar galerias em ambas as laterais. Outra parte importante da vida comercial é a Praça Tiradentes. Nessa, Agache defende a idéia de se construir o novo Paço Municipal e projeta um estudo complementando o eixo do Centro Cívico. Propõe um elemento vertical no conjunto, uma torre, como centro do eixo e ponto focal. A idéia principal é a de facilitar o acesso do cidadão aos serviços municipais. Logicamente, faz alterações radicais na Praça, que são objeto de proposta específica. O urbanista, nesse caso chega a fazer estudos arquitetônicos. Permite inclusive uso do subsolo como garagem e desta forma também atende a falta de oferta de estacionamento na área central.

As perspectivas, enfim o projeto como um todo para a Rua XV se assemelha muito como a proposta de Agache apresentada para o Centro de Negócios do Rio de Janeiro. O resultado estético procura conciliar a implantação de galerias como um tipo de fachada, visando claramente dar nova forma, e conseqüente nova imagem ao local e por correspondência à cidade.

Agache se apropriava de uma arquitetura proto-racionalista do final do período neoclássico, um Art-Déco. Este meio de expressão artística se revive pela recente publicação pela Prefeitura do Rio de Janeiro e Editora Casa Nova e integra a série «Guia da Arquitetura». Arquitetura que começa a ser revalorizada e reconhecida, pela simples razão do envelhecimento das posturas ortodoxas do modernismo. Em Agache vê-se uma dissociação entre sua arquitetura e sua visão de urbanismo, motivo de receber críticas dos modernistas, que no fundo não criticavam sua obra de urbanismo mas sua arquitetura.



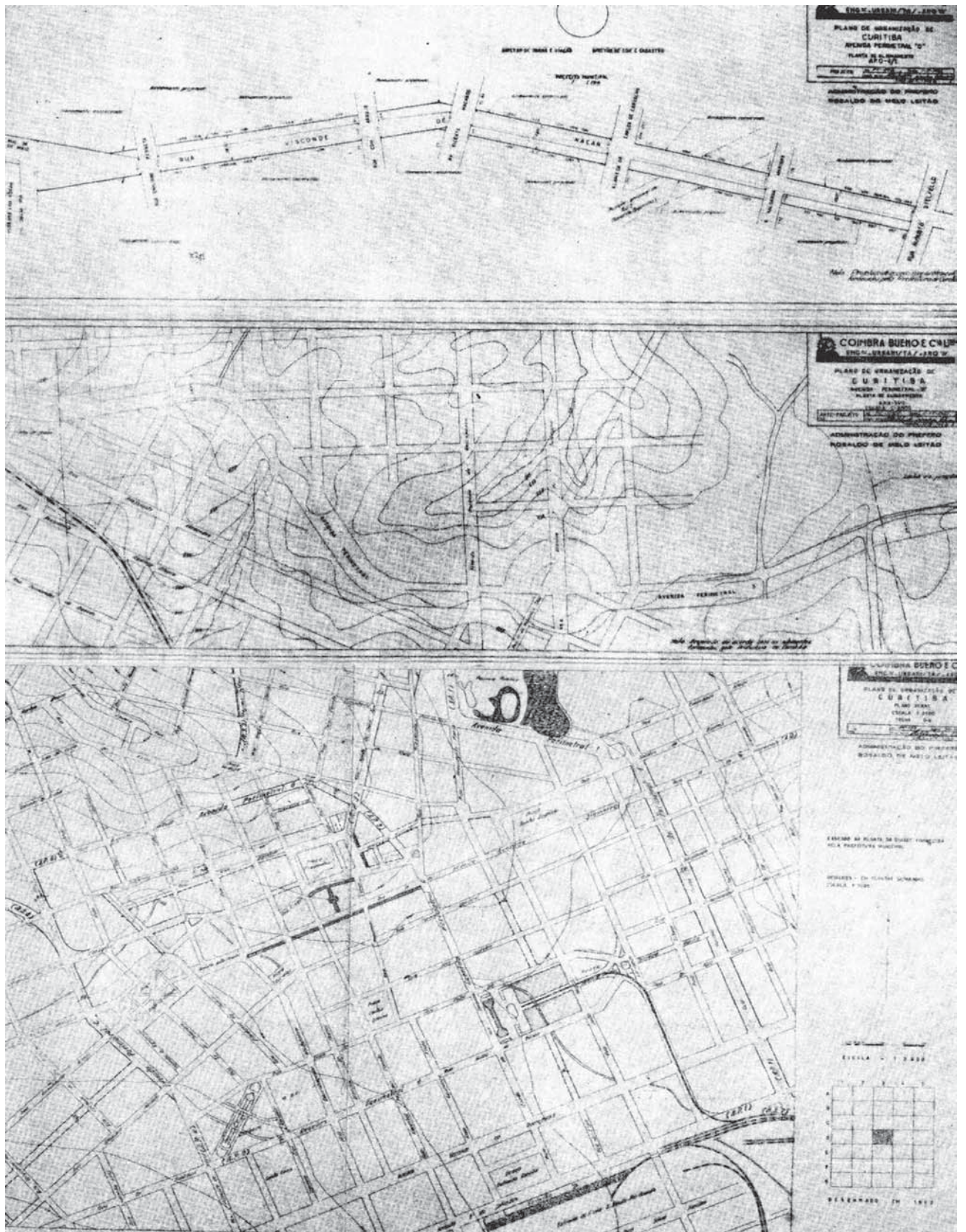
Recife 1937-43  
Comissão Plano da Cidade  
Avenida Guararapes  
Semelhanças com as galerias da Rua XV –  
Plano Agache de Curitiba

No Brasil, também em Recife se tenta implementar, na Avenida Guararapes, através da Comissão do Plano da Cidade no final dos anos 30, um sistema semelhante de galerias como as proposta para Curitiba.

Pode-se no material gráfico apresentado por Agache, principalmente através das pranchas de desenhos e detalhes a exemplo da retificação do arruamento e esquemas como os da Rua XV, que o profissional implementa rigor técnico como constancia, se tornando também uma característica. Esta preocupação passa pelos cuidados em propor parâmetros construtivos, perspectivas, dados e informações técnicas gerais em todo o Plano.

Entre as diversas questões abordadas, constam as inúmeras relações quanto à altura das edificações e os critérios que estabelecem os ângulos de incidência de iluminação. Todas essas propostas estão contidas no Código de Obras e Posturas Municipais, como o Plano Massa para Rua XV, onde aparecem diversos desses casos. Agache propõem que esse documento seja objeto de estudo e de desenvolvimento permanente.

Na Cidade atual, pouco se nota destas influências, pelo motivo que na década de 40, também pouco se executara de edifícios em altura e, quando houve a explosão desse tipo de construção, principalmente na área central e imediações, já existia um novo entendimento, onde o fator relação altura afastamento não se consideravam os mesmos parâmetros. Uma de suas idéias que se torna praxe de Curitiba, é a questão do recuo obrigatório das construções em relação a seu alinhamento predial.



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
 Pranchas de detalhes de retificação de ruas – no caso APO – AP3

---

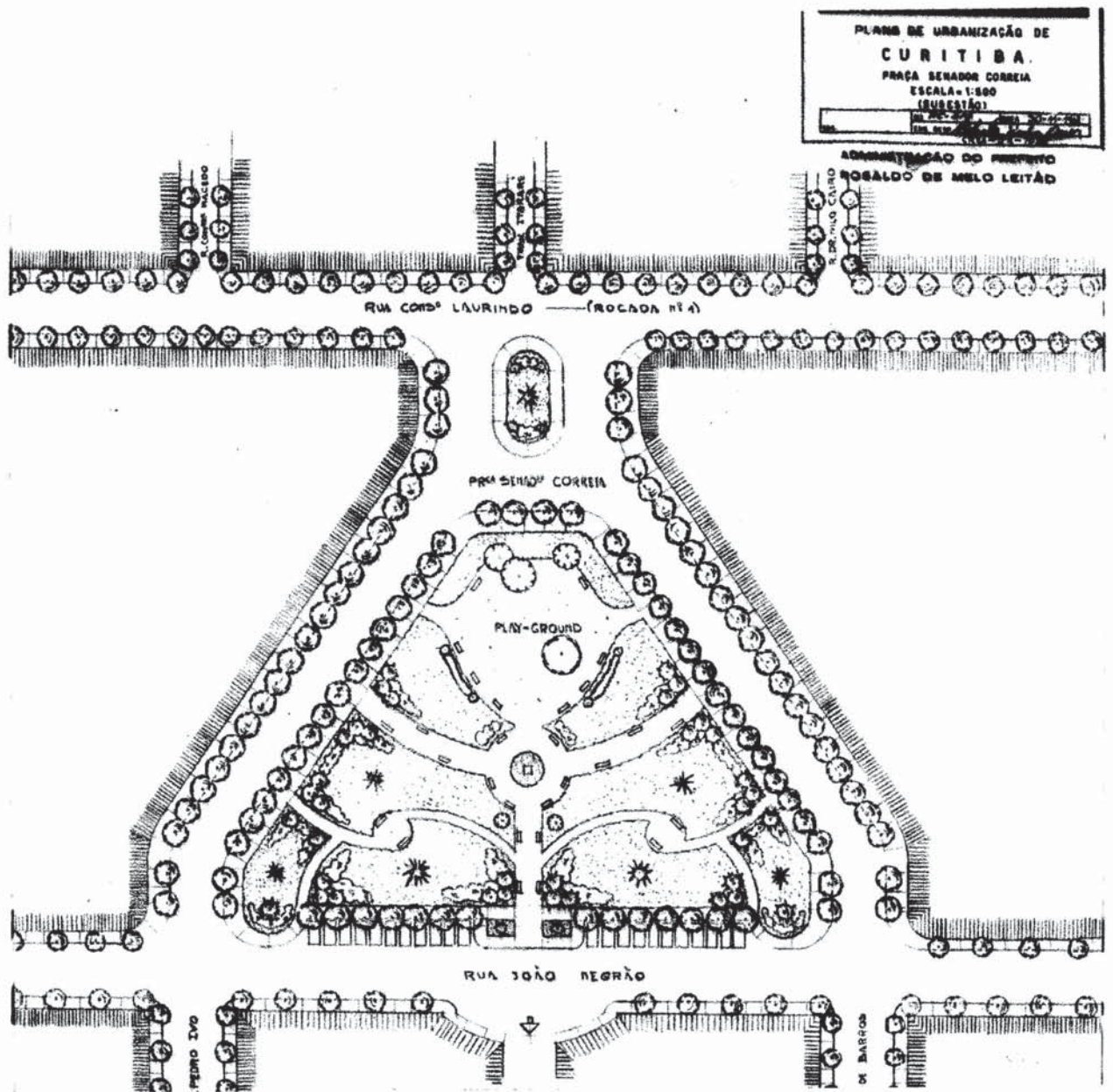
A galeria obrigatória da Rua XV foi suprimida, tendo em vista uma nova corrente que se instala com uma nova visão; visão conservacionista, compromissada com a implantação do conjunto político de defesa e preservação de imóveis de interesse social, arquitetônico ou histórico. Porém, as galerias, reinterpretadas foram aproveitadas, nos anos 70, quando da implantação dos setores estruturais, dentro do Plano de urbanização proposto inicialmente, em 1965, pela Empresa Serete, e na seqüência desenvolvido pelo Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba –IPPUC, órgão principal de planejamento da Municipalidade. Nessa oportunidade é proposto e implantado o chamado Plano Massa, que entre diversas medidas, obriga a execução de galerias, a exemplo da proposta de Agache para a Rua XV.

### Centros de Abastecimento (Seção 3)

Agache utiliza o sistema de Mercado Central e entreposto nos bairros, um sistema participante de uma totalidade ou um todo organizado maior, a cidade planejada. Agache localiza estrategicamente esse Mercado Central, com possibilidades de acesso pela rede ferroviária e conexão com as rodovias, perto da estrada de ferro e da estação rodoviária. Também propõem projetos e entende a solução como um sistema a ser implantado em partes. Cita alguns casos nacionais, como as feiras livres do Rio de Janeiro, que se intenciona para Curitiba, sistema já utilizado em Belo Horizonte com sucesso.

### Zona Industrial (Seção 4)

Curitiba possui incipiente área destinada a esta atividade. Presente no setor Sul, atrás da estação ferroviária, terrenos que ficam protegidos da expansão urbana, exatamente pela dificuldade de acesso. A linha férrea torna-se o maior obstáculo. Áreas planas, baixas, próximas de rios, sujeitas a inundações, local não muito apropriado para habitações.



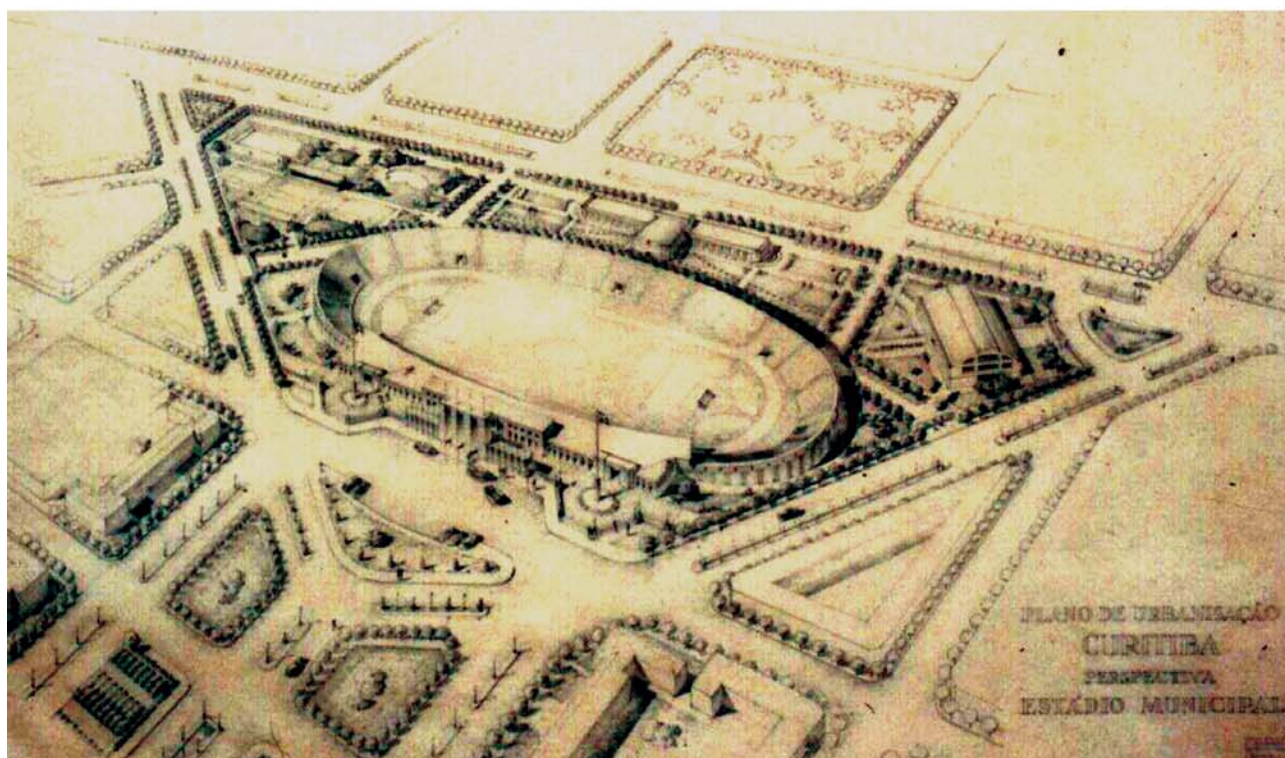
Plano Agache — Praça do Mercado

---

Mas estratégica, pela localização e possibilidades de conexões para atividades industriais desejadas. Agache as estimula incentivando a tendência do local como área industrial. Propõem melhorias urbanas de infra-estrutura e demonstra o potencial do setor, desde a localização próxima da mais importante central de transformação da rede de energia elétrica e a facilidade de mão de obra operária na vizinhança, até a questão da circulação viária. Prevê ligações intermodal ferroviária-rodoviária. Mostra a estratégica situação e facilidades de conexões para o Norte, São Paulo, o Sul, Porto Alegre, o interior do Estado e região Centro-Oeste. Sem esquecer as ligações marítimas através do importante Porto de Paranaguá, a menos de 70 km da Capital. Prevê também ramais de atendimento, para melhorar o sistema de atendimento viário. Conjunto contínuo de partes que têm inter-relações diversas e compromisso com a estrutura de componentes do todo planejado para Curitiba. Este entroncamento, o mais complexo encontro rodo-ferroviário urbano, dificulta a *analisi situs e locus* dessa área, tornando-se de pouca clareza, complicada ainda pela presença dos Rios Belém e Ivo. Lynch veria este lugar como uma paisagem de difícil legibilidade e orientação para o cidadão comum. Agache como proposta de solução local, projeta o Viaduto do Capanema e desta como forma, facilita e melhora, o entendimento e a percepção geral do lugar para o cidadão, facilitando ainda as ligações e conexões viárias. Hoje essa é uma das propostas concretizadas de Agache para a Cidade.

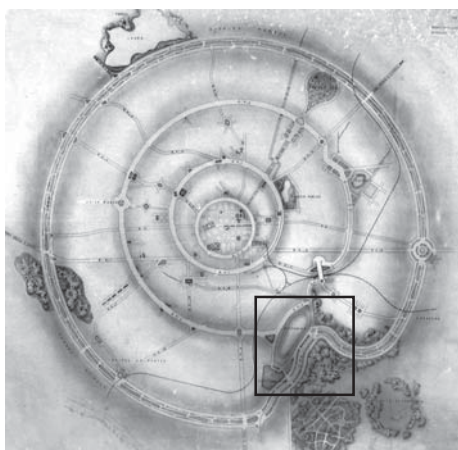
#### Centro Esportivo (seção 5)

Agache em comum com a Prefeitura, destinam, junto à Rua Schiller e servido pela AP-2, uma área para o Complexo Esportivo Municipal. Prevêem-se no local um estádio para 20.000 espectadores, dotado de toda a infra-estrutura de apoio social, administrativo e também um estacionamento para todo o conjunto.



Plano Agache  
Perspectiva do Estádio Municipal – (IPPC-CM)





Plano Agache  
Detalhe do local previsto para o Hipódromo

As arquibancadas seriam parcialmente cobertas e a arquitetura, bem ao gosto de Agache, um Art Déco, que possui um Portal de acesso como principal elemento de marcação. Utilizando uma estética monumental, Agache pretende procura dotar a Cidade de equipamentos à altura de uma Capital planejada.

Esse Estádio, tem o acesso principal por uma praça especialmente projetada para o setor. Toda a circulação é facilitada, através de largas avenidas de entorno e demais conexões da AP-2, que se interliga os demais bairros pelo sistema de circulação do Plano das Avenidas.

#### Hipódromo e Exposição-Feira (seção 6)

Agache identifica como um dos prazeres do curitibano, o turfe, sendo que em suas pesquisas sobre o hipódromo existente, verifica que o mesmo está fora dos padrões e normas técnicas. Sugere uma adaptação com ampliações e otimização do lugar. Projeta o complexo desta vila hípica aos moldes dos grandes centros, tendo por acesso por uma grande praça, incluindo áreas para estacionamento. Para o local, Agache destina uma área na AP-2, próximo da Avenida-Canal Água Verde e AP-3. Esta implantação colabora com a retificação do Rio Belém, principal responsável pelas enchentes em Curitiba. Aproveita todo o contexto de infraestrutura e visando otimizar o equipamento. Agache também propõe no conjunto, uma Exposição Feira, equipamento que a Cidade carece como Centro Especializado. Curitiba pela pujança alcançada, já exige das autoridades essa estrutura. Verifica-se que Agache em suas justificativas, sempre equipara ou compara a outros grandes lugares que já possuem, ou se beneficiam desses equipamentos propostos, comprovando uma de suas mecânicas de encaminhamento projetual.

---

### Estação Rodoviária (seção 7)

Curitiba converge todo o sistema rodoviário do Estado e a passagem Norte-Sul, ligando São Paulo a Porto Alegre. Todo esse sistema, na época, se encontrava espalhado. Agache resolve propor concentrá-lo em uma só grande rodoviária, dotada de toda infraestrutura de apoio, com estacionamento, áreas administrativas e partes diretamente ligadas aos viajantes, como lanchonetes e sanitários etc. O local escolhido é estratégico. Suas possibilidades de conexões com as estradas municipais e interestaduais são plenas: local próximo do centro da cidade, do comércio e da estrada de ferro. Seu acesso principal se dá pela AP-0, distribuindo-se pelo sistema irradiador e periférico. A área é contígua ao Mercado Municipal proposto. O terreno faz frente para a AP-0, (Rua Barão do Rio Branco), entre a Rua André de Barros e Pedro Ivo, local aliás, onde Curitiba até os anos 60, possuía sua antiga rodoviária. Hoje é um terminal de ônibus metropolitano. Essa proposta também é acompanhada de um anteprojeto arquitetônico.

### Centro de Instrução (seção 8)

Uma das características de Curitiba, por possuir a Universidade do Paraná, a primeira Universidade Brasileira (1912), é ser um Centro Universitário. Polariza uma região muito vasta, passando por Santa Catarina, região Oeste até o interior de São Paulo. O edifício atual, sito na Praça Santos Andrade, é insuficiente para projetar um crescimento coerente com as projeções e perspectivas da Cidade ou Estado. Agache propõem uma Cidade Universitária na região do Capanema. Sugere a região atrás do Hipódromo, entre a AP-3 e a estrada para São José dos Pinhais. cidade próxima, hoje integrante da região metropolitana de Curitiba.

---

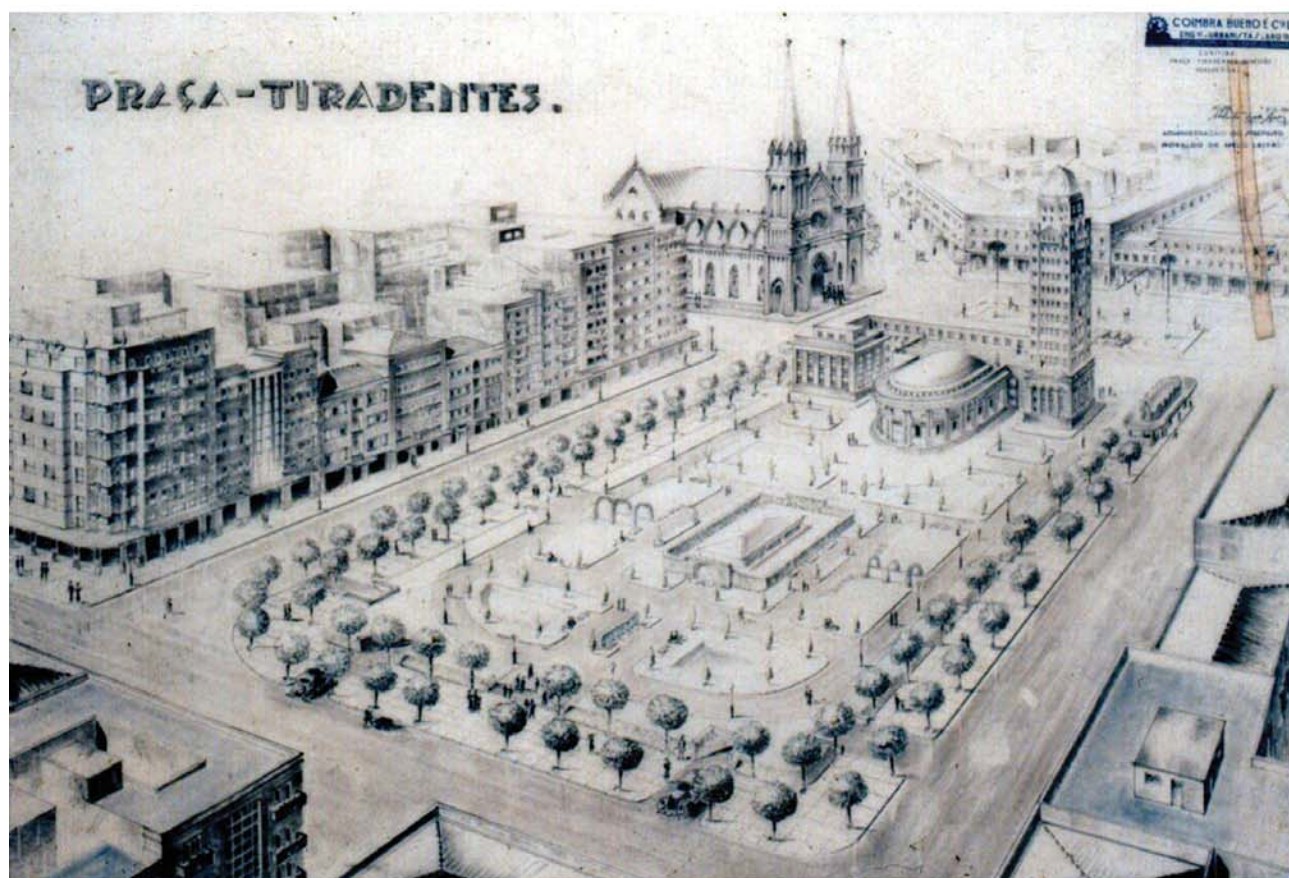
A Cidade Universitária é o Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná atualmente. Mais uma previsão que se contabiliza para o urbanista. Nesta mesma região se encontra também a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a PUCPR, ocupando o local do antigo Hipódromo, desativado na década de 50.

Quanto ao ensino fundamental, Agache reclama junto às autoridades a ausência de dados estatísticos confiáveis para uma melhor proposta e enfatiza a necessidade de providências para corrigir essas falhas para possibilitar planejamento.

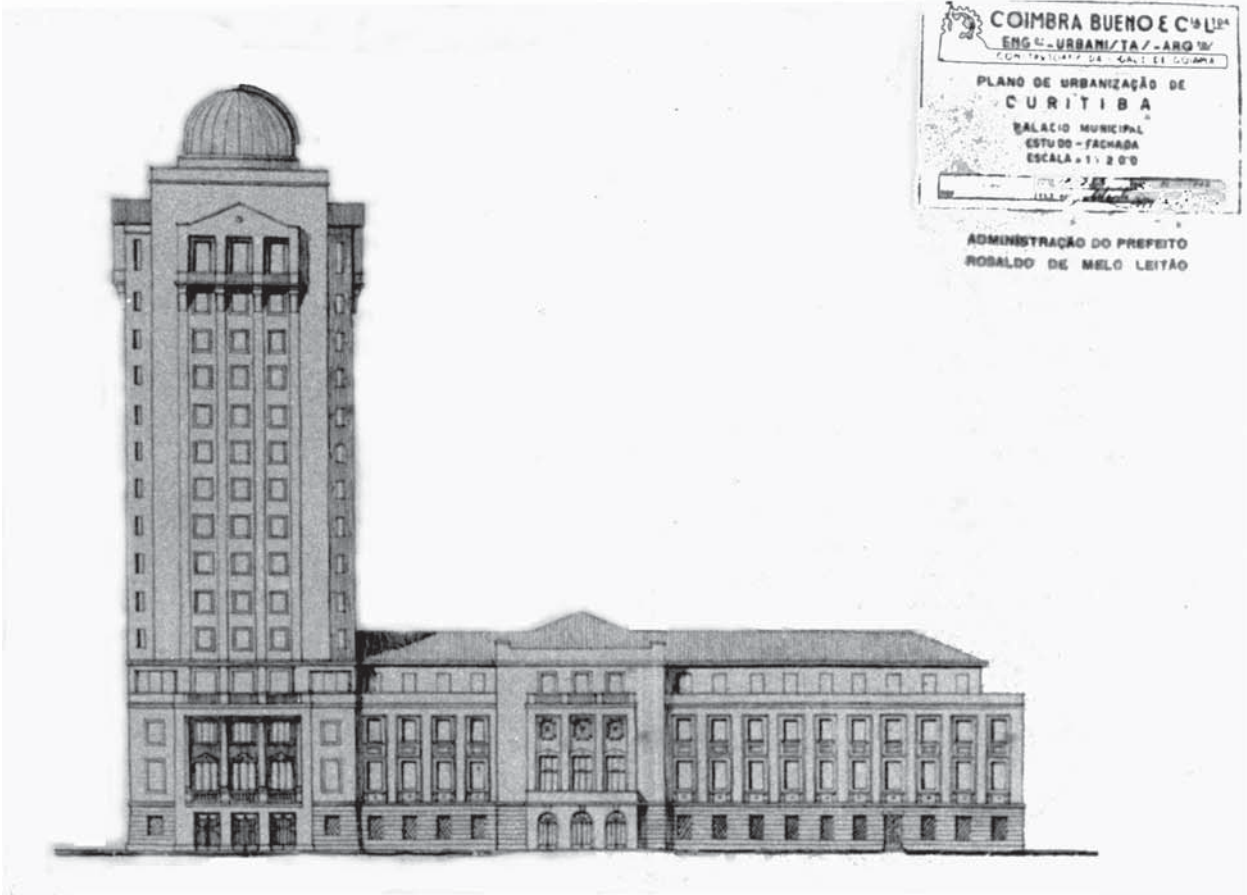
#### Centro Administrativo da Cidade Sede da Administração Municipal (seção 9)

Por ser a instituição que fica mais próxima do cidadão, não necessita estar junto à governadoria estadual. Agache propõem centralizar as atividades municipais e facilitar e a vida urbana. Projeta este centro administrativo, polemicamente, sobre parte da Praça Tiradentes, proposta arquitetônica ousada pela intenção em se modificar um dos principais marcos da cidade. Esta situação amplamente justificada por Agache, que inicialmente propõe ocupação parcial. Enfatiza a importância em atender a população quanto ao acesso à Prefeitura e seus serviços. Faz também uso do subsolo como área de estacionamento como forma de atender esta carência e atender reivindicação da área central comercial.

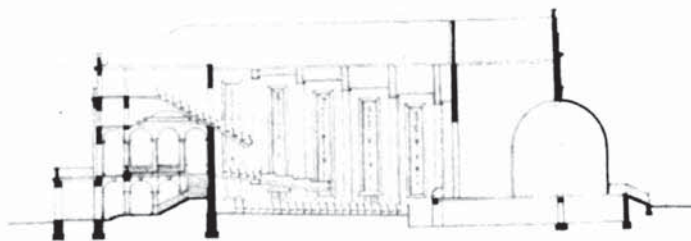
Com esse projeto, Agache pretende configurar espacialmente um dos pólos do principal eixo institucional da Cidade, e do Estado, o eixo do Centro Cívico. Ao Norte a algumas quadras do centro, o complexo do Centro Cívico do Estado, com Palácio do Governador e suas Secretarias, Assembléia Estadual e Palácio da Justiça. No outro extremo, a Igreja Matriz e a Praça Tiradentes com o Centro Administrativo Municipal projetado.



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Perspectiva da Praça Tiradentes com o Paço Municipal



CORTE TRANSVERSAL PELO HALL



CORTE LONGITUDINAL PELO TEATRO

Plano Agache - (IPPUC-CM)  
Paço Municipal

## Centro Militar (seção 10)

Como vimos, Curitiba é sede da 5ª Região Militar, possuindo importantes instalações. Dispõem também de uma concentração junto à Base Aérea, na região do Bacacheri, nas proximidades do campo de aviação. Agache sugere que esta área seja ampliada e reservada para tal atividade, pois no local se concentram vilas militares, áreas esportivas e, conforme Agache, recantos pitorescos aprazíveis que devem ser preservados.

### 4 Código de Obras - Zoneamento

Agache não separa os assuntos. Tanto que, o Código de Obras, apresentado no 1º semestre de 1942, é feito em função do zoneamento. O zoneamento também se insere no Código com todos seus detalhes e delimitações. Agache comenta que, pela importância, o Plano sem o zoneamento é apenas um desenho ou, no máximo, engenharia, e cita Backus Williams: «*Such zoning is a real City-planing*».<sup>9</sup>

A exemplo de tantos outros planos-diretor, o zoneamento é também a base para o controle do uso e ocupação do solo urbano. Agache tenta desta forma, mais uma vez, controlar para evitar a livre iniciativa que obviamente acaba se confrontando com o caos. Lembra sempre, que este sistema integrado, funde-se na visão global, formando uma das marcas de seu urbanismo e marca da SFU. «*O zoning é a repartição racional das necessidades da vida urbana: habitação, trabalho, lazer, permitindo regulamentar o mercado fundiário, bloqueando a sobredensificação, definindo o bairro, e controlando o crescimento urbano*»<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Boletim PMC. p 56

<sup>10</sup> LAMAS, José. *Opus Cit.* p. 276.

---

Agache, tendo a máxima de Plano Total, demonstra que tanto o Plano Diretor como o Plano das Avenidas, dentro de sua concepção radio- concêntrica, facilita o estabelecimento de zonas em seus entremeios residuais das linhas projetuais. Este conceito é plenamente aceito na grande maioria das cidades da América do Norte, estendendo-se às margens das principais estradas, fora do perímetro urbano.

O zoneamento, não só prevê o uso de parâmetros construtivos, mas divide a cidade em zonas administrativas, passíveis de tributações, decrescentes do centro para a periferia.

Agache também propõem a implantação gradativa do novo critério de tributação, sempre acompanhado de melhoramentos técnico-urbanos. Quanto à implantação do Código, propõem uma fase de transição.

Conforme Agache, a proposta entregue foi elaborada para ser aplicada de imediato, e que o zoneamento é resultado de estudado a partir da realidade existente. Apoiado em sua experiência, Agache diz e que a Cidade de Curitiba, devido ao porte, dispensa muitos estudos teóricos e técnicos, a exemplo de tantas outras, para não complicar sua implantação e também não fugir à realidade.

Propõem também que a Prefeitura aceite sugestões das Associações de Classe para serem inseridas no Código. Crie um Tribunal de Recursos, para dirimir dúvidas em sua aplicação. Que a iniciativa particular, através dos novos loteamentos possa propor zoneamentos, desde que, estejam de acordo com o zoneamento geral da Prefeitura, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, que possuem esse mecanismo a alguns anos. Complementa com a exigência, para aprovação e adequar os lotes ao zoneamento, e também ao fim que se destina.

---

Finaliza estimulando revisões e adaptações a cada cinco anos, no Código e ao Zoneamento. Não aconselha modificações nesse interregno através de portarias ou circulares, para evitar o descrédito de todo o processo.

#### 4 Código de Obras

O Código de Obras, que também envolve as Posturas Municipais, é um longo e minucioso documento com XXX capítulos, recheado de títulos e seções. O documento apresentado foi exaustivamente discutido pela Prefeitura, só sendo aprovado no início dos anos cinquenta. Porém, teve uma longa vida, até o ano 2000, sobrevivendo graças a normas internas, circulares e decretos. Somente na entrada deste novo século é que a Prefeitura promove e aprova uma adaptação, reunindo todos os esparsos, conforme solicitação de Agache.

O Código começa por uma pequena introdução no capítulo I repetindo a importância do Código e do conjunto do Plano. Enfatiza essa importância para que a cidade de Curitiba possa dispor de um mecanismo eficiente para enfrentar o crescimento urbano e controlar seus problemas.

O capítulo II do Código com três títulos, propõem a divisão da área urbana de Curitiba em diversas zonas e mostra sua delimitação. Esse zoneamento engloba oito zonas, com as seguintes denominações: Zonas Comercial Principal e Secundária - ZC1 e ZC2; Zona Industrial – ZI; Zona Residencial Principal em três níveis – ZC1, ZCC, ZCE; Sub-zona do Centro Cívico – ZCC; Sub-zona Centro Esportivo – ZCE; Zona Residencial Média – ZR2; Zona Residencial Secundária – ZR3; Zona Agrícola – ZA.

Agache insere do capítulo III ao V, o assunto das responsabilidades técnicas, licenças (alvarás), encaminhamento, conclusão de projetos e execuções de obras.



---

Também desenvolve questões de procedimentos quanto à limpeza, qualidade, embargo, demolições, habite-se, taxas e emolumentos de obras. A questão da subdivisão territorial, loteamentos, arruamentos, condições para aceite do executado, incluindo o fechamento de áreas, alinhamentos, conservação e limpeza são assuntos apresentados no VII e VIII capítulos.

Os dispositivos sobre aproveitamento, capacidade ou coeficientes construtivos são tratados nos capítulos X e XI. Agache subdivide esse assunto em títulos, e seções, zona a zona concluindo com disposições gerais.

As questões relativas à construção, Agache dispõem detalhadamente nos capítulos XII ao XVI, e também esmiuçado em muitos títulos e seções. Trata de aspectos internos e externos; aberturas, iluminação, ventilação e poços de ventilação. Estabelece critérios, tabelas e índices. Envolve-se até em elementos afixados como toldos, marquises etc. Também levanta o problema da construção tipo econômica e até expedita. Estabelece as condições mínimas dos ambientes e classifica compartimentos. Alguns desses critérios podem ser verificados nas propostas formuladas para o alargamento da Rua XV.

No capítulo XVII, o Código estabelece critérios de uso e destino para as construções, denominando e nominando suas partes intrínsecas. Nesse capítulo, Agache relaciona os principais programas ou temas arquitetônicos. Aparecem os diversos tipos de habitações, como residência unifamiliar, os apartamentos coletivos, hotéis etc Estendem-se para escolas, teatros, parques de diversão, fábricas etc. Questões mais privativas e também as mais públicas.

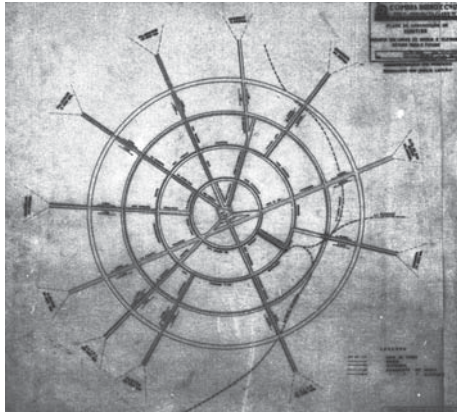
As questões relativas aos materiais de construção, assim como sistemas complementares como esgoto, água potável, reserva e escoamentos de águas em geral, estão reunidos no capítulo XVIII.

---

O Código continua no capítulo XX com as áreas públicas. Regula logradouros, equipamentos urbanos, propaganda e uso eventual dessas áreas públicas. Nos últimos capítulos introduz a questão de segurança de edificações. Estabelece padrões para cálculo de materiais, principalmente concreto armado. As questões de apoio às construções, como elevadores, caldeiras, instalações especiais se incluem nesses capítulos. Finaliza com os procedimentos para encerrar ou dar baixa nos projetos e execuções de obras. Apresenta dispositivo e critérios para embargos, intimações, vistorias e multas. Com esse formato Agache conclui o Código de Posturas e Obras do Município de Curitiba.

## 5 Sistema de Comunicações e Transporte

Nesse título, Agache objetiva atender questões relativas ao item identificado como «o homem». Envolve assuntos como tráfego externo, tráfego urbano, cruzamentos, via férrea. Finaliza com a polêmica questão, já naquela época prevista, sobre a região metropolitana. Envolve toda a estratégia de possibilidades de circulação e deslocamentos, com a implantação de ligações devidamente hierarquizadas, conforme o Plano das Avenidas. Aumenta significativamente também as possibilidades de conexão e acessibilidade. Disponibiliza, ao cidadão, a Cidade como um todo, sempre tendo em vista menores percursos, mais rapidez e com ligações prioritárias mais diretas. Tudo nesse título está fase de estudo, envolve a análise e proposta de transporte coletivo; para tal, procura fugir de situações muito comprometidas. Sugere abertura e conexão de novas opções. Dessa forma descongestiona todo tráfego existente e prevê uma expansão futura com mais controle. Como já foi observado, fora o centro mais antigo, Curitiba possuía uma estrutura de ruas preocupada com alinhamentos e mesmo caixa com largura suficiente para suportar crescimento e conseqüente aumento de tráfego visando atender as questões relativas a este ponto.



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Esquema – plano de circulação  
do transporte coletivo

Agache enfatiza, sobre o tráfego, que não basta um traçado criterioso de vias para resolver o problema. Sugere medidas complementares a essas artérias projetadas, como cuidados especiais com a questão transporte coletivo, principalmente ônibus ou eletrobus. Quanto ao tráfego de automóveis particulares, Agache afirma esse tipo de tráfego ficará assegurado se existir um critério de tráfego dominante implantado. Questiona os espaços destinados a estacionamento na região central e vê esse ponto como crítico. Propõe algumas possibilidades de estacionamentos em vias e praças, sem prejuízo a estética da cidade. Aproveita para sugerir também edifícios garagens em vários níveis, como solução futura.

A questão do transporte coletivo é amplamente exposta. Em pranchas como na PC-268 e 271, Agache faz estudos teóricos sobre o tráfego de Curitiba, sempre se referindo ao Plano das Avenidas. Propõem veículos cativos semi-rápidos para as avenidas radiais destinados aos bairros, com paradas mais distantes e com dispositivos para manipular os semáforos com prioridade de passagem, a exemplo do que se implantou em Detroit em 1929. Afasta do caso Curitiba a questão da região metropolitana, projetando-a só para o futuro. Prevê que o transporte desenvolvido no mesmo nível pode atender Curitiba por um longo tempo, e que esse problema, só voltará a ser crítico quando a população ultrapassar a casa de 1.000.000 de habitantes.

Na visão de Agache, Curitiba não apresenta problemas maiores na questão cruzamentos. Disciplina o assunto no Código de Obras ordenando que todos os cruzamentos atendam as regras de visibilidades. No caso das Avenidas do Plano, Agache prevê na maioria de seus cruzamentos, praças, com cantos arredondados assegurando ampla visibilidade.

---

Somente em alguns pontos específicos, como o caso do ponto nodal do Capanema, que envolve a Via férrea, a AP-2 e a RS-7 (estrada Capanema), Agache propõe e projeta como solução, um viaduto, uma passagem em nível, que acaba sendo construído. Outro caso especial é a proposta apresentada para um trecho da RP-4, que passa, aproveitando um talvegue, sob a Estrada de Ferro, como forma de utilizar a conformação topográfica do lugar.

## 6 Espaços Livres – Sua Distribuição – Reserva de Áreas.

Quanto aos espaços livres existentes em Curitiba, Agache vê como suficientes para a escala da Cidade, porém demonstrando carência de parques. Por isso apresenta no Plano Diretor a previsão de quatro parques, todos integrados pela AP-3, a Avenida Parque, um sistema suficiente para a Curitiba da época. Para o futuro, não fixa novas áreas, mas sugere avanços na mesma proporção e à medida que a Cidade crescer.

Agache analisa a situação das áreas verdes em Curitiba com muito critério. Quanto à arborização verifica um fenômeno interessante. À primeira vista, tem-se a impressão de excesso de arborização de rua. Mas na verdade o que existe é emprego errado na escolha das espécies, que comprometem muitas das ruas pelo porte e condições específicas, como umidade e sombra. Aconselha que Prefeitura crie um Horto Botânico Municipal, para adaptação das melhores espécies e para multiplicação das mesmas. Na seqüência apresenta uma série enorme de possíveis espécimes a serem utilizados.

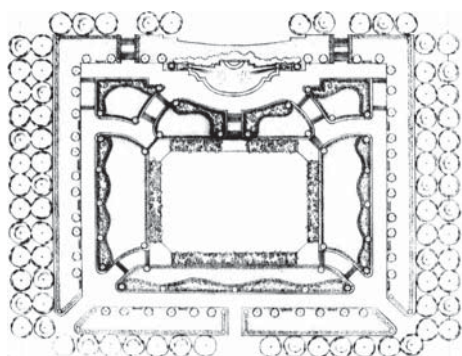
Nesse título, Agache apresenta também uma série de projetos de praças. Praças existentes, e novas, que são remodeladas ou propostas através de projetos e esboços de arquitetura com descrição minuciosa, onde discorre sobre a importância das áreas verdes para a população e a sua necessidade e dificuldade, cada vez maior diante do crescimento da Cidade.

---

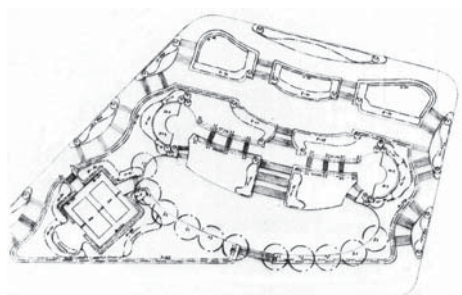
Vê-se como exemplo do nível de detalhamento, uma descrição de Agache sobre o projeto da Praça Rui Barbosa, atualmente um dos mais importante terminal intermodal de ônibus urbano do centro de Curitiba: «Tomamos como base à composição um eixo que é a diagonal maior da praça, por ser perpendicular às curvas de nível e, além disso, ser o ponto de chegada natural. Introduzimos como elemento decorativo principal, ao longo desse eixo, extensas massas d'água, formando tanques de diversas larguras, ficando o mais estreito para trás, a fim de se ter a ilusão de uma perspectiva maior. Ao fundo teremos uma grande fonte decorativa. As diversas passagens sobre os tanques permitir-nos-á vê-los de conjunto. Além de introduzirem uma textura diferente, eles refletirão as banquetas ao longo dos largos passeios que os acompanham, oferecem ótimos pontos de onde poderá ser apreciada esta composição. As partes laterais da praça foram aproveitadas. A da direita, para a recreação ativa, assim uma área gramada para jogos organizados, ficando-lhes adjacentes os aparelhos do playground e instalações sanitárias. A da esquerda, dada a diferença de nível existente permitiu-nos uma grande área para recreação inativa, constituída de teatro ao ar livre. Discretamente colocadas ficaram as instalações sanitárias que o servem. Amplos passeios cortando a praça em diversas posições permitem uma circulação fácil e desembaraçada. O grande passeio ensaibrado que circunda a praça provê uma área de descanso, abrigada do sol. Além da fonte decorativa, temos um lugar próprio para uma estátua ou monumento.»<sup>11</sup>

---

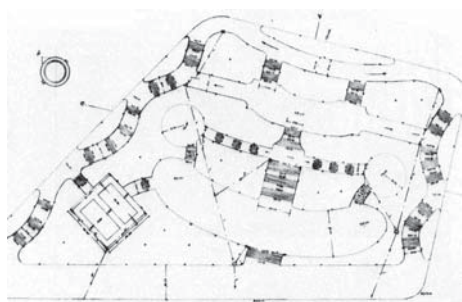
<sup>11</sup> Boletim PMC. p. 57.



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Planta da Praça Afonso Botelho



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Praça Luiz de Souza – Vegetação



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Praça Luiz de Souza – Planta executiva

Desta mesma maneira Agache propõe várias praças a pedido da Prefeitura. Entre elas, Praça Afonso Botelho; Praça Luiz de Souza; Rui Barbosa; Praça Oswaldo Cruz; Praça Áurea, atual Praça da Espanha; do Mercado; Passeio Público e Praça Tiradentes. Nessa, Agache propõem a instalação do Paço Municipal em consonância com o Eixo do Centro Cívico, reforçando sua preocupação com a marcação e identificação desse lugar especial; referência para o observador com a clara intenção de ampliar a percepção do eixo que projetou com tanto simbolismo, ao curitibano e parananense.

Em relação a áreas maiores ou parques, Curitiba carece desses equipamentos. Entre os existentes, ainda apresentando pequenas dimensões, quase uma praça, Agache considera o Passeio Público como o melhor. Mas a Cidade não possuiu nenhum para lazer, veraneio, esporte ou específico para conservação florestal, com grande porte e fora do centro.

Agache, nesse sentido, prevê o Parque da Lagoa ou Barigui, atual Parque Barigui. O Parque Ahú atualmente também implantado com o nome de Parque São Lourenço, ficou um pouco deslocado em relação à previsão inicial. O Parque do Capanema e Hipódromo, hoje se denomina Jardim Botânico. O Parque do Cemitério e o parque previsto entre as avenidas Ivaí e Iguaçu não foram implantados. A Avenidas AP-3, a Avenida Parque foi parcialmente implantada. As áreas e as localizações previstas talvez não tenham coincidido com as implantadas, mas imperou a idéia e o local. Muitos se implantaram nas proximidades, como o caso dos Parques São Lourenço e Botânico.

A questão do cemitério esbarra em questões religiosas e psicológicas e sendo tradicionalista, Curitiba, na época, não aceitou a idéia de enterros ou cemitérios diferentes.

---

Hoje já existem cemitérios parques, como os defendidos por Agache e mesmo crematórios. A idéia de transformar um cemitério como local para passeio para toda a população, fugindo da idéia de local do “fim”, acaba imperando, mas, somente na década de 70.

Os espaços livres são ainda generosos em Curitiba. Agache antecipando a futuros problemas classifica os espaços livres como: a) espaços de viação, ruas e avenidas; b) espaços livres para ornamentação e de perspectivas, como as praças; c) espaços livres para recreio ativo, *playgrounds*, festas ao ar livre e parques esportivos; d) espaços livres para recreio passivo, parques em geral; espaços para utilidades, como estacionamentos, circos etc. Dentro dessa lógica apresenta um esquema das áreas livres previstas para esse destino. Entre esses recursos destaca-se o recuo predial do alinhamento, obrigatório de cinco metros, que se generalizou em Curitiba. Sempre aconselha a Prefeitura a manter um controle proporcional de áreas livres com o crescimento da cidade. As reservas de áreas foram incluídas como obrigatórias nos futuros loteamentos, tanto em percentagens como em equipamentos e amplamente dissecadas no Código de Posturas e Obras. As previsões futuras de áreas esportivas, espaços livres ou parques, incluindo a cidade universitária, circundada por bosques, deve ter sua reserva garantida pela Prefeitura em deligências permanentes de desapropriações e parcerias.

## 7 Extensão da Cidade

Esse título é dividido por Agache em extensão imediata e extensão em futuro remoto.

Para Agache, o Plano de Urbanização prevê as linhas mestras para assimilar o crescimento projetado da Cidade, principalmente a situação imediata.

---

Não dispensa o envolvimento, nesse sentido, do setor público e privado, quanto à integração com o plano nas aberturas de novos bairros e arruamentos. Para isso, requer da comunidade a aprovação dessa regulamentação contida no Código de Obras e Posturas. Uma liberdade vigiada e atenção às orientações permanentes dessas estruturas mestras, são indispensáveis para o sucesso do planejamento e ordenamento de uma Cidade mais humanizada.

Dentro da visão geral do Plano, Agache não vê as questões de reservas de áreas isoladamente, tanto para expansão urbana ou mesmo preservação do meio ambiente, sempre entrecruzada com questões técnicas. Também sempre vê a possibilidade de destino e uso, como: parques, bacias de acumulação de águas, com lagoas, vias-canal. Todas integrantes de uma solução urbana para tráfego ou solução para enchentes ou, até mesmo, como um possível lugar para um pequeno projeto arquitetônico específico como um largo, um *pouché* ou praça que desenvolvam um caminhamento em *promenade*. Enfim, espaços arquitetônicos que permitam criar além da forma urbana, uma situação de percepção do lugar de forma muito especial. Que se diferencie e se distinga de outros e que identifique e situe o cidadão, dentro da escala devida, nessa Cidade projetada.

Essas novas ocupações urbanas deverão sempre ser acompanhada de compromissos com equipamentos mínimos como calçamentos, canalizações de águas, redes de água potável, drenagem, energia elétrica e esgoto, se possível. Desaconselha, e sugere proibir, situações que não atendam essas condições mínimas, como forma de participação



---

comunitária em um todo com maior qualidade.

A orientação geral, conforme Agache, com diretrizes de alinhamentos e fiscalização, deverá ser sempre de encargo do Poder Público. Esses serviços se estenderão às questões de zoneamento e às demais condições técnicas específicas da área, como tamanho de lotes e demais características locais, como comércio, indústria etc.

As áreas previstas para ocupação imediata, conforme cálculo do Plano Diretor, envolvem as seguintes áreas nas avenidas perimetrais: AP-0 – 75 Ha; AP-1 – 370 Ha; AP-2 1.885 Ha; AP-3 5.050 ha.

Para Agache o crescimento da Cidade é inevitável no sentido centro bairro. O conseqüente decréscimo demográfico para a periferia é uma questão de lógica e o zoneamento deve acompanhar essa tendência. Os loteamentos aprovados e não implantados, devem ser revistos nesse sentido, acrescentando as adaptações ainda em tempo, encaixando as regulamentações previstas no Plano Diretor e Código de Obras.

A extensão futura é uma questão também inevitável e que para Agache deve ser encarada desde o início de implantação do Plano. Os limites projetados afastam o problema por muitos anos, mas algumas situações deverão ser vistas de imediato. A) Os loteamentos aprovados e aglomerações existentes fora da AP-3 deverão ter sua inserção ao Plano Geral. Deverá ser planejada sua drenagem para as radiais mais próximas ou circunscrevê-la evitando assim sua expansão. As zonas agrícolas também deverão ser regulamentadas, evitando seu desdobramento em lotes urbanos. B) A questão das aglomerações ao longo dos prolongamentos das radiais merece atenção especial. Limitar a profundidade de ocupação. Evitar subdivisão fora do padrão previsto para as zonas. Garantir uma faixa não

---

edificável de 300 metros para as estradas. Procurar rigor nessas decisões, como se faz nos Estados Unidos. C) Os subúrbios das vias férreas. Agache propõe controlar da mesma forma. Mas com visão incentivadora. Criando mais paradas e tentar aglomerar nesses núcleos habitações proletárias, diríamos hoje baixa renda. D) A questão de Cidades Satélites. Para Agache é uma visão moderna de extensão das cidades. Incentivar essa situação. Verificar com esses olhos a situação de Colombo e Santa Felicidade. Promover seu cadastramento e executar um plano de inserção ao planejamento geral da capital. A questão de núcleos vizinhos, fora da jurisdição é um problema que deve ser visto pelas autoridades competentes. É a questão metropolitana da atualidade.

### **Capítulo III**

#### **Escoamento pluvial e defesa contra inundações.**

Este assunto, a exemplo de tantos outros planos, identifica um dos pontos que caracterizam o urbanismo praticado por Agache. Nesse capítulo, apresentado em dois títulos e várias seções, Agache desenvolve extensivamente a questão, por ele designado como «solo», especificamente na área do saneamento. O assunto compõe uma parte basilar do Plano para Curitiba e integra a solução dos problemas da cidade.

De início, Agache situa topograficamente a cidade de Curitiba em seu sistema fluvial. Lembra que a Cidade integra da bacia hidrográfica do Rio Belém, recebendo á direita as águas do Rio Água Verde, do Ivo e do Bigorriho, e pela direita, as dos Rios Cajurú e Juvevê; sem contar inúmeras nascentes menores, todas convergindo para o Rio Belém e seguindo para o sul, para a margem direita do Rio Iguaçu,



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Projeto de drenagem – Bacias

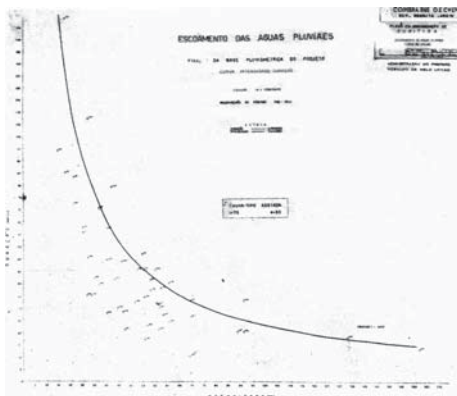
onde deságua. As terras da jusante do Belém, até o Iguaçu, são baixas, com pouca inclinação e sujeitas a inundação.

Para Agache, não existe uma cidade urbanizada sem que a questão do escoamento esteja resolvida. De um modo geral tudo é interdependente: edifícios, ruas, circulação, enfim toda a vida da cidade e também sua qualidade.

Agache se atém em dados técnicos, como índices pluviométricos, topografia e bacias hidrográficas, desenvolvendo estudos e conclusões sobre a região e fixa a base pluviométrica. Analisa e fixa as bases pluviométricas de maior importância para Curitiba envolvendo intensidade, duração e frequência das chuvas. Todos esses dados são fornecidos pela Estação Meteorológica de Curitiba, e se baseiam no período de 1921 a 1929. Sobre os levantamentos fixa a base pluviométrica do projeto e chega a conclusão da «chuva típica» da região. Esses dados fornecem a base para o dimensionamento dos coletores e o custo inicial dessas possíveis obras para um eficiente sistema de esgotamento. Todo esse assunto Agache desenvolve em três seções iniciais do presente capítulo.

Na seção quatro, executa o cálculo das caudais baseando-se na chuva típica que já tinha dimensionado. Conclui em 210 l/ha/seg a precipitação média na região de Curitiba. Agache também retira desses cálculos uma percentagem por conta do fenômeno de dispersão e retardo. Cita estudos e métodos e esclarece que é inútil querer determinar racionalmente com excessiva precisão esses cálculos uma vez que existem muitas particularidades. Porém o método aplicado resulta em dados perfeitamente úteis ao trabalho que acaba realizando.

Sobre o coeficiente de dispersão, ou seja, a relação entre o caudal que atinge a canalização e a precipitação



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Gráfico do escoamento das águas pluviais

A imagem mostra uma planilha de cálculo com múltiplas colunas e linhas de dados. O conteúdo da planilha é o seguinte:

PRECIPITACAO (mm)	ESCORIMENTO (L/seg)	PRECIPITACAO (mm)	ESCORIMENTO (L/seg)	PRECIPITACAO (mm)	ESCORIMENTO (L/seg)
10	10000	20	5000	30	3333
40	2500	50	2000	60	1667
70	1429	80	1250	90	1111
100	1000				

Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Planilha de cálculo das caudais

---

total da chuva, Agache expõem a situação especial de região a região, dependente das condições de permeabilidade do solo, retenção na superfície e evaporação. Estuda diversas áreas situadas ao longo das perimetrais e fixa um índice médio. Quanto ao coeficiente de retardo, importante somente para o cálculo dos condutos, capacidade e comprimento, Agache aplica cálculos a partir da experiência urbana alemã.

Agache conclue esse trabalho definindo as áreas que intervêm no deflúvio geral, por sua grandeza, formato, perfil, natureza e tipo de revestimento e chega ao que denomina de «superfícies tributárias».

No detalhamento dessas superfícies tributárias, racionalmente dimensiona todas as redes, capacidades, distribuição, suas ligações e intercomunicações. Chega até às entradas, as conhecidas «bocas de lobo». Nesse momento, aproveita para cobrar da Prefeitura a obrigação de manter sobre controle um projeto detalhado, toda a altimetria da malha urbana de ruas, como forma de implementar com sucesso todo o sistema funcionando.

Na seção cinco, apresenta as condições atuais da Cidade. Mais uma vez, Agache apresenta uma visão clara e coincidente com as situações analisadas no capítulo contexto inicial. Demonstra um conhecimento pleno do sítio planejado. Analisa as condições dos baixios das áreas sul da cidade que envolve a zona inundável do baixo Belém. Esta situação se apresenta pelo represamento das águas dos Rios Belém pelas águas do Iguazu, solução que envolve obras e enormes somas financeiras. Agache desaconselha estes serviços no momento, preferindo definir as áreas inundáveis até a cota 886, e não incentivar a ocupações

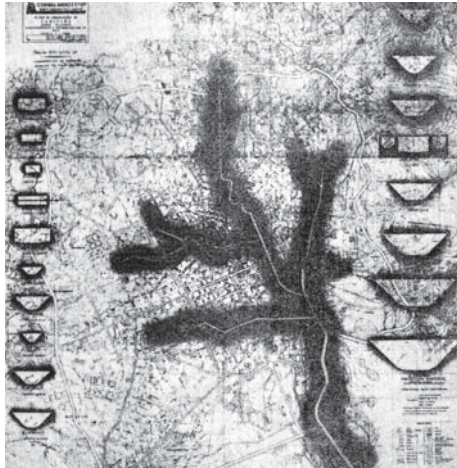
---

nesses locais. Posterga essas obras para um futuro próximo, e que se resumem em rebaixamento do leito do Rio Iguaçu para melhorar a vazão do Rio Belém.

Sobre as redes existentes, Agache conclue que pela imprevidência, e mau uso, os condutores são altamente prejudicados. Tanto pelo traçado, dimensionamento, como pelas ligações indiscriminadas que comprometem grande parte seu uso. Essa situação também contribui para a poluição e contaminação das adjacências, podendo ser gerador de doenças epidêmicas ou endêmicas. Parte da rede também não é cadastrada, impossibilitando sua avaliação no momento. Em alguns trechos, também é notado por Agache, trabalhos de retificação e canalização de rios pela Prefeitura, trabalhos isolados, não sendo levados em conta à cidade como um todo.

No último título desse capítulo, Agache organiza o Plano Geral de Esgotamento em duas seções. Na primeira estabelece as condições de escoamento e regularização dos rios ou as linhas gerais de esgotamento. Na segunda, dimensiona e distribui os canais.

Agache lembra nessa seção que projetara um sistema geral de escoamento, dentro do plano de urbanização, a partir das cabeceiras do Rio Belém, de forma fácil e natural, basicamente através do escoamento dos terrenos. Dimensiona essas vasões compatíveis com o progresso da Cidade e dentro de uma visão de urbanismo total. Utiliza os artifícios das retificações e canalizações, as mínimas possíveis, não só por razões econômicas, mais por razões sanitárias e com aproveitamento estético. Lembra também que o progresso compromete a taxa de impermeabilização do solo, aumentando a velocidade e o volume das águas superficiais. Apela para pequenos procedimentos que possam reter os picos dessas precipitações, a exemplo de taludes ornamentais, nas áreas públicas. Nesse sentido,



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Projeto de dimensionamento das seções para  
atender o Plano de vazão dos Rios que compõem  
a bacia de Curitiba

o Código de Obras e Posturas apresentado, colabora, pois se exige um afastamento das edificações mínimo de cinco metros do alinhamento predial, de forma a criar uma área de terreno permeável, aumentando a taxa de permeabilidade dos terrenos.

Com relação a estas últimas seções, é importante frisar o detalhamento do Plano. Agache desenvolve estudos sobre todas as bacias. Dimensiona seções, projeta mapas da Cidade específicos e detalhados. Encaixa situações novas com já trabalhos executados pela Prefeitura. Trata trecho por trecho, rio por rio. Por exemplo: «Trecho compreendido pelas ruas Conselheiro Araújo e Marechal Deodoro – No extremo montante desse trecho, entrarão de um lado o tubo de concreto que vem da rua Gomes Machado, e por outro lado um que virá da Conselheiro Araújo tributando as águas mais altas de B12. Como nesse trecho, já o canal recentemente construído e suas dimensões fossem insuficientes para o deflúvio, projetamos ao longo da obra feita para um outro lado, canais cobertos comportando cada um  $Q=12,0$  m<sup>3</sup>/s. Os canais laterais serão do tipo V, com  $L=1,95$ ,  $h=1,5$  e  $r=0,92$ , de sorte que com a parte central já construída, formarão um conjunto cuja capacidade total de vazão será  $Q=70.922$  m<sup>3</sup>/s, para  $I=0,0048$ . O desenho PC-306 mostra-nos a seção do conjunto. A parte central, já construída, será descoberta e, haverá aberturas ligando os canais laterais ao central, para passagem d'água de um para o outro.»<sup>12</sup>

## Capítulo IV

### Conclusões e sugestões.

Agache finaliza seu trabalho com esse capítulo, em dois títulos. No primeiro, faz apologia sobre o possível êxito do plano citando o professor Anhaia Melo de São Paulo: «O ciclo completo e ordenado do desenvolvimento

<sup>12</sup> BOLETIM PMC. Opus Cit. p. 43.

---

urbanístico tem que ser este: propaganda para formação do ambiente, comissão do plano da cidade para estabilidade e perfeição do plano geral e a legislação necessária para que os técnicos que só aí intervêm, consigam concretizar as aspirações populares e os traçados gerais.» e continua.» «Qualquer destes três elementos que falte, é como se os outros também não existissem: só podem agir eficientemente em conjunto. São raiz, tronco e frente da grande árvore do urbanismo.»<sup>13</sup>

Sobre a questão Propaganda, Agache insiste na importância de se criar o que chama de «Consciência Urbanística», através da persuasão contínua, mostrando as vantagens de sua aplicação. Dessa forma o cidadão passará de uma resistência natural inicial, para um partícipe e colaborador com a implantação do Plano.

Novamente apela ao sentimento popular e amor natal, orgulho pela Cidade e o prazer de proporcionar aos visitantes o conforto e os encantos de uma Cidade de Curitiba, com ares de uma verdadeira Capital.

Nesse sentido Agache participa em expor seus trabalhos da Grande Exposição de Curitiba, realizada em Abril de 1943, além de uma série de palestras em associações de classe incluindo estudantes da Universidade, na época ainda Estadual. Os jornais da época como «O Dia», o «Diário da Tarde» e «Gazeta do Povo» se encarregam da divulgação de todos esses eventos, sempre contando com a presença do Prefeito Rosaldo de Mello Leitão e também do Interventor do Estado na época, Manoel Ribas. Essa sinergia entusiasmada envolveu o processo inicial para a aplicação do Plano.

Nesse mesmo ano é editado o Boletim nº 12 da Prefeitura

---

<sup>13</sup> BOLETIM PMC. Opus Cit. p. 86 e 95.



---

Municipal, principal publicação sobre o Plano de Urbanização apresentado por Agache. A Prefeitura além de manter o Projeto exposto na Exposição de Curitiba, na seqüência também o manteve em exposição no Paço Municipal e na Universidade, onde aceitou as críticas possíveis formuladas pelo cidadão.

A Comissão da Cidade, outro assunto tratado nesse final, é para Agache um elemento de colaboração para eficácia na aplicação do Plano. Lembra que outras cidades como Rio de Janeiro, já possuem esta Comissão, e que a mesma é atuante junto com os técnicos da Prefeitura.

Essa Comissão, integrada por pessoas representantes das principais entidades organizadas da sociedade, além de técnicos da Prefeitura, funciona com um órgão assessor e de consulta. Responde as perguntas e opina sobre a aplicação e condução do Plano; enfim, presta um contínuo serviço de apoio à sociedade e implantação do Plano. Em São Paulo existe a Sociedade dos Amigos da Cidade, que cumpre o mesmo papel. Portanto, é de capital importância que Curitiba entenda e implante mais esse mecanismo auxiliar ao Poder Público.

A “Comissão do Plano da Cidade” deve ser formada de delegados das entidades do comércio, da indústria, das atividades culturais, das associações técnicas, etc., e um representante do Prefeito Municipal, funcionando a Comissão como órgão consultivo da Prefeitura; apresentando-lhe estudos sugestões, respondendo a consultas, emitindo opinião sobre as diversas fases de aplicação do plano, sobre a maneira de dar-lhe execução; enfim, emprestando aos poderes públicos a mais íntimas colaboração.»<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> BOLETIM PMC. Opus Cit. p. 96

---

Da mesma forma é essencial uma contínua vigilância e adaptação, de tempos em tempos, da Legislação Urbana. A dinâmica da «vida moderna» nas cidades exige esses aparatos mínimos, que difere de outros tempos, tudo como forma de se aproximar mais da população e atender seus anseios.

No último título, de conclusão, Agache apresenta, através da empresa Coimbra Bueno e Cia Ltda, toda a relação do trabalho técnico. Através de índice, relaciona todas as pranchas de desenhos, seu conteúdo e escala. Entrega à Prefeitura, encadernado em forma de quatro álbuns, como conclusão, seus serviços, em solenidade oficial, com a presença do Prefeito da Cidade Dr. Rosando de Mello Leitão e O Exmo. Presidente da Província do Paraná, Sr. Manoel Ribas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agache torna o Plano de Urbanização de Curitiba uma realidade. O documental entregue e disponibilizado à sociedade, transforma-se em um instrumento de referência básico, que identifica e encaminha seus principais problemas, com soluções claras e viáveis.

Logo após sua entrega, não houve manifestos a se destacar sobre suas propostas dando impressão que toda a comunidade se concentra em reflexão e aguarda os passos seqüentes.

Agache deixa como legado esse instrumento, que permite uma produção espacial de cidade como um objeto palpável, um todo integrado onde cada parte tem sua importância. O Plano, dentro da visão de Agache, permite organizar o território, disciplina e caracteriza a Cidade de Curitiba, procurando edificá-la como Capital, dentro de um processo de identidade progressiva. A Cidade à medida que consiga implementar as ações sugeridas no Plano, gradativamente obterá mais identidade, firmando-se como Cidade equipada e organizada, destacando-se entre as Capitais Brasileiras.

Curitiba, a partir da superação da fase dos *melhoramentos* pontuais, entra na fase do planejamento urbano, integrando-se no mundo das cidades pensadas.

---

Assim Fernando Diniz Moreira resume: « Nessa última fase, quando os urbanistas, são forçados a trabalhar em escala mais vasta, ocorre a emergência e a consolidação de disciplinas espaciais no planejamento, como a sociologia e a economia. Esse processo iria levar a um novo linguajar em relação à cidade. Por um lado, percebe-se a adoção de termos relacionados 'a questão social (industrialização, região e complexos sociais). Por outro lado, recorreu-se muitas vezes, a palavras da geometria, da economia e da matemática para nomear partes de seu território. Difunde-se, assim todo um novo vocabulário marcado por palavras como eixos, pólos, setor, pontos, área periférica, unidades, conjuntos, rede, malha, núcleo, etc. Esta linguagem abstrata iria acentuar-se nos anos 60 e 70, sendo incorporados pelos técnicos e administradores públicos tecnocráticos que se utilizaram desta forma de recobrir-se de eficiência e racionalidade. Paradoxalmente, os anos 50 parecem marcar o abandono, por parte dos engenheiros, deste campo profissional, deixando os arquitetos com mais espaço, junto aos economistas e sociólogos.»<sup>1</sup>

Na atualidade essa racionalidade e eficiência já são contestadas, e uma parte das publicações sobre cidades, afasta-se desses entendimentos ortodoxos de visão modernista dos CIAMs, muito apreciados e desenvolvidos por tecnocratas nos anos 60. Gordon Cullen, seguido de tantos outros críticos e analistas como Jacobs, Rossi e Lynch, em processo de revisão quase que uníssono, começam a expor novos pontos de vista. Essas críticas baseiam-se especialmente na forma urbana, que podem ser vistas como simples concepções estéticas, e nas ideológicas inseridas dentro de um contexto físico-espacial, morfológico, cultural e social, em detrimento da pessoa.

---

<sup>1</sup> In, LEME, M. (1999) *Opus Cit. A aventura do urbanismo moderno na cidade do Recife, 1900-1965* . p. 162.

---

Dentro dessa linha, e especificamente sobre a evolução do Urbanismo Francês através do século XX, Carole Tucoulet<sup>2</sup>, estuda o caso particular de Curitiba e seu interesse surge, após Curitiba receber o prêmio Habitat II, em 1996, em Istambul, onde a Cidade é reconhecida mundialmente por implantar princípios de urbanismo ecológico. Tucoulet relaciona esse novo discurso urbanístico de Curitiba, como um processo evolutivo do Urbanismo Formal Francês, de aculturação muito particular, implantado a partir das idéias de Agache, em 1943, que possibilita essa nova dimensão cultural na Cidade.

A reação que Cullen inicia e que Tucoulet desenvolve, também tem a intenção de valorar as percepções ambientais e subjetivas dos cidadãos, que começam a se equivaler em importância, aos aspectos econômicos, sociais e políticos. A simples participação maior do cidadão, também mostra uma nova realidade, que modificam as antigas políticas ideológicas, entre muitas, as pregadas pelo modernismo ortodoxo, onde o cidadão tem a função de simples espectador nas cidades, pois essas, eram pensadas para serem mais vistas do que sentidas.

Como tudo, essa revisão envolve novos posicionamentos, como a indissociabilidade da forma de viver das pessoas, com seus comportamentos e mesmo a apropriação e utilização dos espaços. Itens esses que se tornam elementos a mais a serem levados em conta dentro do processo contínuo no ato de conceber, desenhar e enfocar a forma urbana da cidade contemporânea. Armando Silva<sup>3</sup>, afirma que existe uma relação dinâmica e dialética entre a formação física e a simbólica das cidades. A cidade cria cidadãos, e estes criam a mentalidade urbana.

---

<sup>2</sup> Carole Tucoulet. *La Ville et l'Écologie. Le devenir de la pensée urbanistique française du début du XX<sup>e</sup> siècle à partir de l'exemple de Curitiba (Bresil)*. Thèse de doctorat em Géographie. 07 de Decembre 2000, Pau, sous la direction de Vincent Berdoulay. Universidade de Pau. France.

<sup>3</sup> In. *Cidades Desencantadas. Caderno «Mais!»*. Entrevista a Juliana Monachesi. Folha de São Paulo edição 07 de abril de 2002. p. 14.

---

Dentro desse novo contexto, que pretende configurar espaços urbanos mais humanizados, vê-se um ensino acadêmico ainda dissociado, tendo pouco a ver com as formas abstratas baseadas nos planos-massa, seus critérios de equilíbrio volumétrico, disposições de vias, manchas de áreas dispostas sobre um território, etc. Linguagem muito comum até então utilizada na didática dos cursos de arquitetura, que começam a se atualizar, acompanhando as modificações ocorridas a partir de 1960.

É clara a tendência do urbanismo contemporâneo na pretensão de volta à composição formal, onde ganha importância o desenho, a geometria da composição de ruas, quadras, praças, eixos e simetrias que organizam os espaços. Tudo para propiciar o incentivo à forma de vida coletiva, levando-se em conta o sentido também indissociável do homem com suas reações psico-sociais. Lamas que designa esse urbanismo contemporâneo como «Novo Urbanismo», também acredita, no devido tempo, no «revivalismo moderno» uma vez superado o dualismo entre plano e projeto, assumindo a arquitetura como chave da leitura e organização do território<sup>4</sup>.

Agache ao produzir o Plano dentro da visão formal, consorciada às técnicas mais avançadas na época, como antevendo essas críticas, não dissocia a arquitetura do plano e oferece idéia de projeto, onde considera ponto marcante para imagem da Cidade. Entende, defende e valoriza os aspectos sociais, base de seu urbanismo. Essa sua maneira de planejar pode aos olhos de hoje, ser mais apreciada tecnicamente, tendo em vista as limitações da época. O trabalho apresentado deve ser reconhecido como de grande profissionalismo, pois o Urbanista cumpre seu contrato, e dota a Cidade de meios para atingir os objetivos iniciais prometidos.

---

<sup>4</sup> Lamas. J. (2000). *Opus Cit.* p. 536.



Centro Cívico – 1990 – (IPPUC)  
Vista do Palácio Iguazu, sede do  
Governo do Paraná



Centro Cívico – 1950 – (CM)  
Palácio Iguazu em construção

O Plano acaba constituindo o primeiro grande fato urbano-arquitetônico que Curitiba conhece, que modifica a relação do homem com o meio, contribuindo para uma nova dimensão cultural.

Curitiba acaba recebendo o Plano Agache, e passado algum tempo, vê-se que o mesmo pode ser interpretado com muitos enfoques. Uma delas, a do imediatismo, no plano real, no sentido de ligar a idéia ao Plano como objeto, e que envolve as possibilidades físicas como obras, material técnico e todo suporte para o controle do uso do solo, expansão e controle urbano. Esta percorre os gabinetes, os interesses, entra em discussão, se adapta, se implanta, se reinterpreta e muitas se modificam. Apesar do encaminhamento para implantação geral não ser vigoroso, são muitos os remanescentes que podem facilmente ser encontrados por toda a Cidade. Por outro lado, a Cidade também invisivelmente recebe o Plano no campo do imaginário, no impalpável, uma semente que se lança e que acaba germinando em toda a sociedade curitibana despertando o interesse, a crença e a confiança depositada no urbanismo como solução de seus problemas. Essa última, que acaba se aculturando com o tempo, tem alcance mais psicológico do que lógico, mais subjetivo e comunga mais com o estado de alma coletivo da Cidade em suas razões históricas, passadas por grandes crises, que motivaram a chegada de Agache e do Plano.

Essa mesma semente que se vê desenvolver em Curitiba deixada por Agache, com relação à permanência das idéias e sua materialização, mesmo que, reinterpretada, Bruand enxerga quando descreve o pensamento urbanístico de Agache no projeto do aterro Glória-Flamengo, de Reidy e Burle Marx.

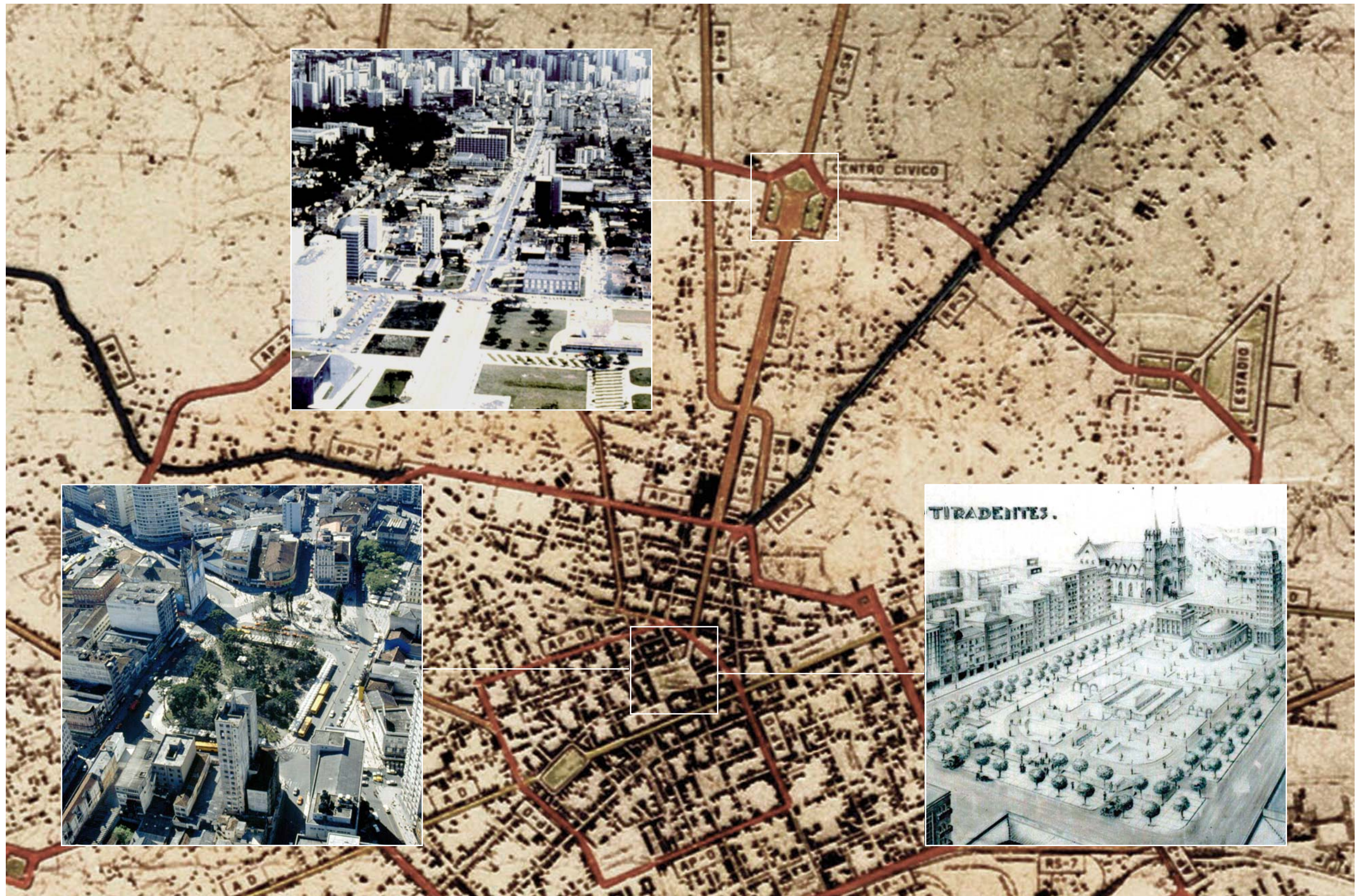


Curitiba – Av. Cândido de Abreu – 1950 – (CM)  
Vista do eixo em construção  
Não existia na época o Conjunto do Centro Cívico  
Vista para o centro da cidade  
Vê-se ao fundo as torres da Matriz

Dentro do Plano Agache de Curitiba, sem dúvida, o Centro Cívico é o conjunto arquitetônico executado que mais se destaca entre os Centros Funcionais. Esse importante equipamento urbano acaba sendo implantado, reinterpretado somente na década de 50, através de uma equipe de arquitetos, seus jovens colaboradores quando do desenvolvimento do Plano no Rio de Janeiro. Entre eles destaca-se a figura do paranaense David Azambuja e o carioca Sérgio Rodrigues. A linguagem arquitetônica evidentemente já é outra, pois se vivia o período pleno do modernismo. As obras executadas acabam formando um dos mais representativos conjuntos arquitetônicos da Cidade e do Paraná. Nesse momento vê-se realizada, como também viu Bruand no Aterro Glória-Flamengo, a Cidade imaginada por Agache.

As «galerias» que Agache propôs para a Rua XV de Novembro não foram levadas adiante. Somente alguns pequenos trechos foram implantados como, por exemplo, a quadra entre as Ruas Marechal Deodoro e Monsenhor Celso. A Cidade, no plano real, não consegue implantar o planejado, mas, no campo imaginário, houve um desenvolvimento que reinterpretado, propôs muitos anos após, «novas galerias», logicamente em outro local, agora nos setores estruturais, importantes eixos indutores baseados no transporte coletivo de qualidade, que assume um Plano Massa, dentro do mesmo enfoque imaginado por Agache. Dentro do Plano de Avenidas, as avenidas perimetrais que integravam na malha existente, como a AP-0, AP-1 e AP-2, continuam a participar integralmente da Cidade. O Anel Central de tráfego lento, implantado pelo Plano Serete, em 1965, com seus contínuos desenvolvimentos, a partir de 1970, se apropriam da AP-0. As demais perderam a função, devido à mudança de enfoque de conceito com relação à expansão da Cidade.





Detalhe do Eixo Tiradentes (Matriz) / Centro Civico – (IPPUC-CM)



Plano Agache – (IPPUC-CM)  
Rua XV de Novembro – 1943  
Galerias propostas no Plano Agache



Plano Agache – 1950 – (CM)  
Calerias – Trecho executado



Plano Agache – 1950 – (CM)  
Calerias – Trecho executado

Agache imaginava uma Cidade radio-concêntrica, não tendo um limitador e podendo aceitar outros pólos centrais. O Plano Serete procura induzir o crescimento de forma linear, através de dois grandes eixos estruturais, Norte e Sul, passando na área mais antiga tangencialmente ao Anel Central.

A AP-3, a Avenida-Parque, foi parcialmente implantada. Um trecho que envolve todo o setor Sul, de Leste a Oeste, pode ser visto e desfrutado ainda hoje. Destaca-se uma seqüência de ruas a partir da Rua Mário Tourinho, setor Oeste, próximo ao Parque Barigui, seguindo pelas Avenidas Presidentes Artur Bernardes, Costa e Silva, Wenceslau Brás, um trecho da Br-116, entrando na Nossa Senhora da Penha, Presidente Humberto C. Branco, Nossa Senhora da Luz, já no alto da Rua XV de Novembro, setor Leste, seguindo pela Anita Garibaldi. O setor Norte, por sua topografia muito acidentada, não facilita a seqüência e impede a complementação do anel.

O Código de Posturas e Obras é outro dos suportes que Agache deixa como fundamental. Sua aprovação final se realiza somente em 1953, porém sua vida estende-se até o ano 2000, quando recebe revisão geral.

O conhecido recuo frontal do alinhamento predial de 5 metros, obrigatório para todas as construções, é um dos pontos propostos por Agache que Cidade adota como norma geral. Hoje é uma das características urbanas de Curitiba.

Portanto, Curitiba foi beneficiada pela compreensão sucessiva na continuidade nas suas interferências urbanas, a partir dos primórdios com seus melhoramentos pontuais, que sempre respeitaram suas estruturas iniciais, podendo ser visto ainda hoje, no setor mais antigo da Cidade e na malha urbana básica.



Plano Massa – Sistema estrutural  
Galerias reinterpretadas executadas  
Rua Padre Anchieta – 1970 – (IPPUC)



Plano Massa – Sistema estrutural  
Galerias reinterpretadas executadas  
Rua Padre Anchieta – 1970 – (IPPUC)

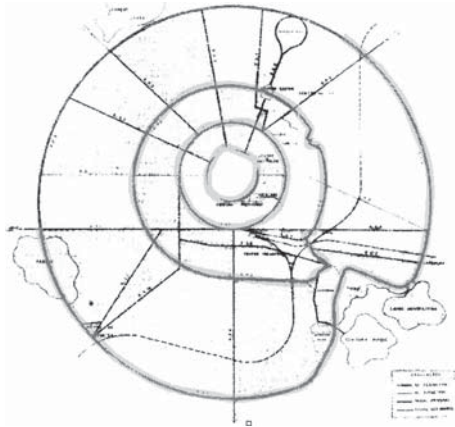
Mesmo após ter passado por uma seqüência de planos maiores, como os de Cândido de Abreu, Guaita incluindo o Plano Agache, Curitiba se complementa em 65, com o Plano Serete de Jorge Wilhelm, que fornece a estrutura básica do Plano atual, todos foram continuamente reinterpretados e adaptados, sendo que nesses últimos anos o Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba –IPPUC, coordena e controla todo esse processo.

A Cidade de Curitiba ocupa hoje praticamente a totalidade do Município. Sua malha urbana se conurba com seus municípios vizinhos, configurando uma imensa obra de gerações de curitibanos e paranaenses de todo Brasil, contando aproximadamente três milhões de habitantes nessa região metropolitana.

Ao finalizar, pode-se notar que existe interesse em se reestudar este período, especificamente do urbanismo praticado pela SFU e por Agache, pelo grande número de publicações que surgiram nesses últimos anos e que aqui algumas foram citadas. Também fica claro que esse esforço se soma ao esforço geral, que a partir de 1960 a arquitetura e o urbanismo tem implementado, enfatizando a visão crítica como Cullen, Rossi, Lynch e outros, em especial as formuladas por Jane Jacobs, em seu livro «Vida e Morte nas Grandes Cidades Americanas»<sup>5</sup>. Essa nova postura procura modificar a percepção da cidade contemporânea, e conseqüentemente, revê a postura modernista, imputada inicialmente ao Urbanismo Formal.

---

<sup>5</sup> JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. First published in USA by Randon House. 1961. Cox and Wyman Ltd. London. GB. 1961.



Plano Agache – Plano das Avenidas  
Trecho AP-3 – existente  
Demais existentes – incluindo as perimetrais

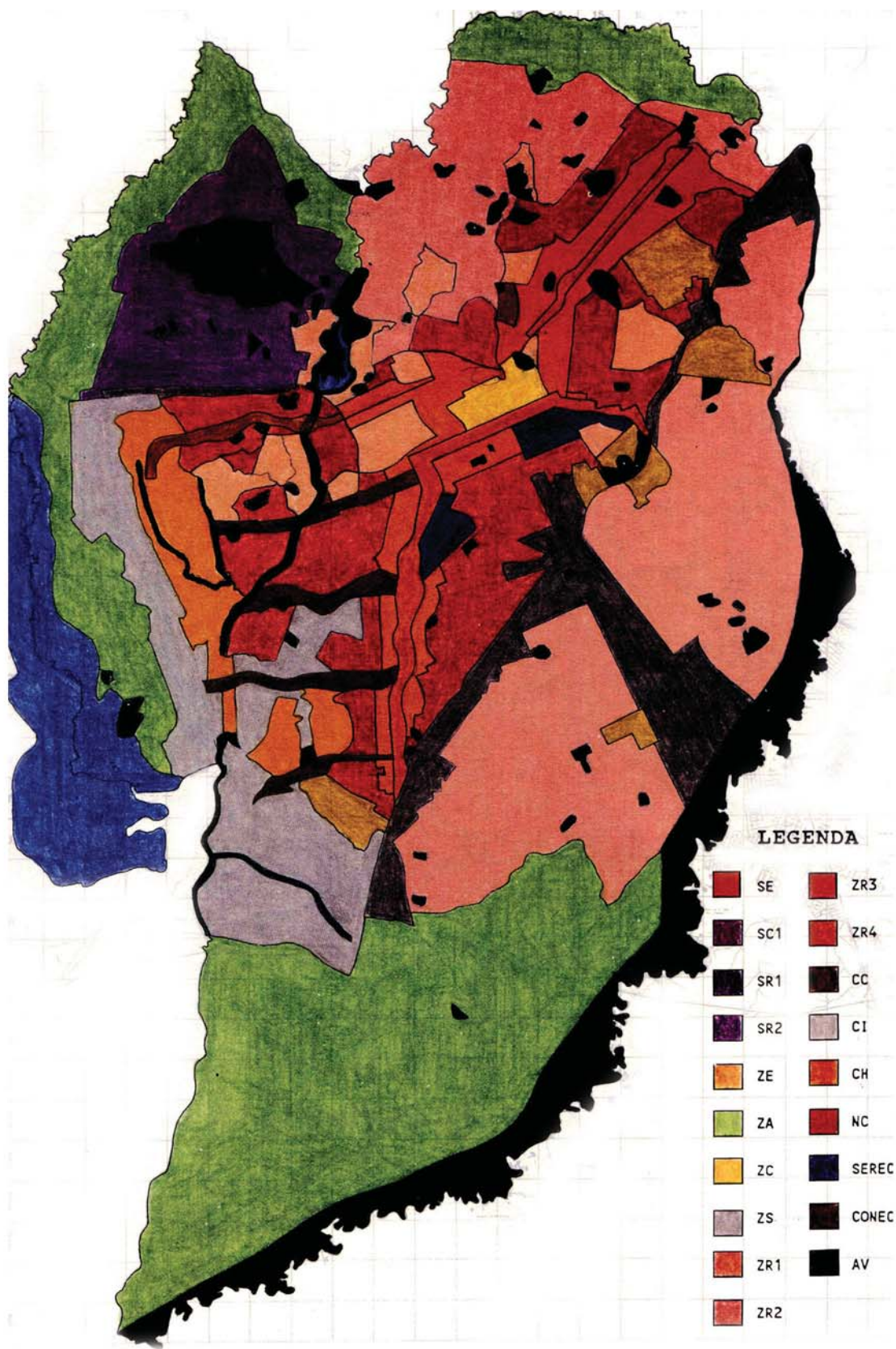
O sucesso de Jacobs, considerado por William H. Whyte como: «um dos livros mais notáveis já escritos sobre a cidade, um admirável estudo dos fatores que criam a vida e o espírito das cidades»<sup>6</sup> se apóia nas pesquisas, e espírito passional, com que Jacobs formula suas críticas ao Urbanismo Modernista, praticado até 1960, livre de críticas.

Jacobs nessa linha apresenta muitas idéias em defesa da grande cidade, e a revalorização da Rua como elemento fundamental, para restabelecer o espaço privado e o público. Propõem que a questão segurança seja atingida pela vigilância dos olhos. Emprega a continuidade das ruas, das calçadas, como maneira de aumentar o «coletivo», com a presença de pessoas. Essa solução, através do maior contato humano, através da rua, estabelece uma consciência coletiva, que aumenta a segurança e a proteção da própria vida. Evita a promiscuidade e delinqüência, enfim os males da cidade contemporânea.

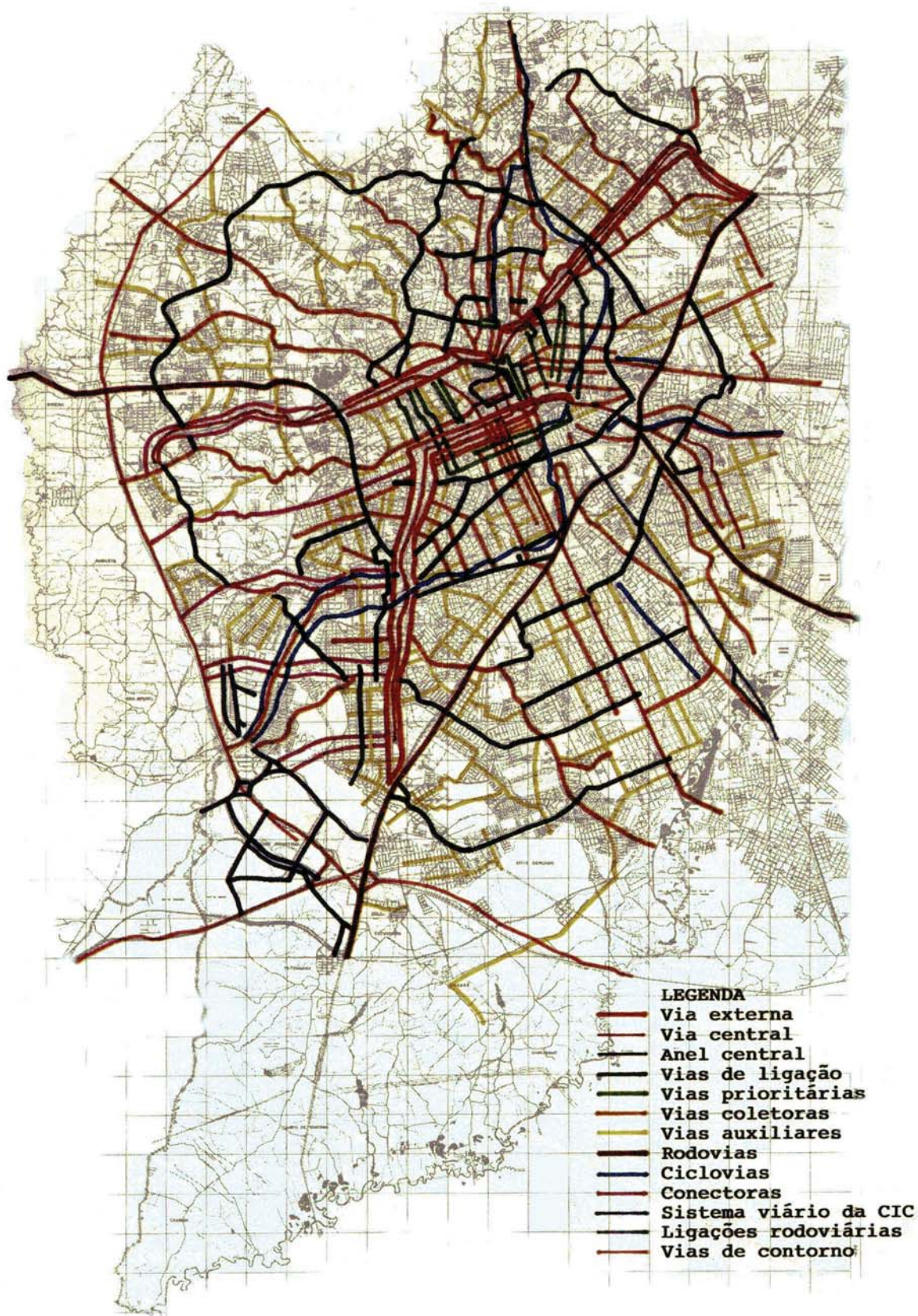
Luiz Paulo Conde<sup>7</sup>, encontra em Agache alguns fatores que criam a vida e o espírito das grandes cidades, que White ressalta no livro de Jacobs. Para Conde, Os planos de Agache, como o apresentado para o Rio de Janeiro representa uma desesperada manifestação acadêmica e ao mesmo tempo são proposições pioneiras. Planos que se preocupam com situações contemporâneas, cosmopolitas, como crescimento demográfico, expansão urbana e suas conseqüências, demandas por habitação e emprego, transporte e comunicações, abastecimento de água e saneamento, espaços abertos e áreas verdes. Abordam situações emergentes, típicas de grandes cidades industriais modernas, como transporte de massa, navegação aérea, processo de empobrecimento e da casa popular.

<sup>6</sup> In, CHOAY, F. (1998). *Opus Cit.* p. 293.

<sup>7</sup> CONDE, L. *Opus Cit.*



Município de Curitiba – (IPPUC)  
 Planta de Curitiba – 1990 – Zoneamento



Município de Curitiba – (IPPUC)  
 Planta de Curitiba – 1990 – Sistema viário – Baseado em setores estruturais

---

Propõem criterioso zoneamento, plano de avenidas e até cidades satélites, não esquecendo o problema de inundações comuns em grandes aglomerações. Tudo mantendo postura disciplinar exemplar, mantendo a cidade concebida através da visão da arquitetura, com os edifícios como matrizes para conformação dos espaços públicos. Confere especial atenção a imagem dos espaços, e dá ênfase aos conjuntos urbanísticos, simbolicamente, mais significativos. Como o «Portal do Brasil» no Rio de Janeiro e o eixo do «Centro Cívico» em Curitiba. Enfim, pode-se concordar com Conde e dizer que por suas ações Agache é um moderno antes do modernismo.

---

## BIBLIOGRAFIA

AGACHE, Alfred, Hubert

Cidade do Rio de Janeiro, extensão remodelamento, e embelezamento (1926-30). Foyer Brésilien. Paris. 1930.

La remodelacion d'une capitale: aménagement, extension, embellissement. V.2. Paris. Société Cooperative de Architectes, 1932

Nos agglomération rurales: comment les aménager. Paris. Librairie de la Construction Moderne. 1917.

Comment reconstruire nos cités détruites: Notions d'urbanisme s'appliquant aux villes, bourgs et villages. Paris. Librairie Armand Collins, 1915.

ARANTES, Otília B. F.

Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. São Paulo. SP. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BACON, Edmund

Design of Cities; Thames and Hudson, London, 1967, revised edition M.I.T.1969 and 1975.



---

BENEVOLO, Leonardo

História de la arquitectura moderna. Editorial G. Gilli S. A.  
8ª ed. Revisada e ampliada, 1999.

BRUAND, Yves

Arquitetura Contemporânea no Brasil. Editora Perspectiva  
S. A. São Paulo. SP. 1997.

CHOAY, Françoise.

O Urbanismo – Utopias e realidades. Uma Antologia –  
(Coleção Estudos) São Paulo. SP. Editora Perspectiva S.A.  
1998.

CULLEN, Gordon

El Paisaje Urbano. Título Original – Townscape; tradução  
José M. Aymaní. – Barcelona: Editora Blume. Barcelona,  
1971.

DURKHEIM. Emile.

As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo. SP.  
Editora Abril Cultural. 1978.

FRAMPTON, Kenneth.

História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo. SP.  
Editora Martins Fontes. 2000.

HALL, Peter

Cidades do Amanhã. (Coleção Estudos). São Paulo. SP.  
Editora Perspectiva S.A. 1995.

HOLLANDA, Sérgio B.

Raízes do Brasil – Rio de Janeiro. RJ: José Olympio, 1970.

---

JACOBS, Jane.

The Death and Life of Great American Cities – The Falure of Town Planning. Penguin Books Australia Ltd. Victoria. Australia. Published in Pelican Books. 1965.

LAMAS, José M.R.G.

Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. – Fundação Calustre Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Lisboa, 2000.

LYNCH, Kevin

A Imagem da Cidade; tradução Jefferson Luiz Camargo – São Paulo. SP. Editora Martins Fontes, 1997

LEME, Maria C. da S. (organizadora)

Urbanismo no Brasil, 1895 – 1965. FUPAM. FAU/USP São Paulo. SP. Editora Studio Nobel. 1999.

MACHADO, Brasil Pinheiro.

Instantâneos Paranaenses. A Ordem. Rio de Janeiro. RJ. fev. 1930.

MARTINS, Romário

Origens de Curitiba. in, Boletim nº 12 do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Paraná – I.HG.E.P. Curitiba PR.

MONTANER, Josep Maria

La Modernidad Superada – Arquitetura, arte e pensamento del siglo XX. Editorial Gustavo Gili SA. Barcelona. 1997. - 1999

---

MOREIRA, Júlio E.

Dicionário Bibliográfico do Paraná – Imprensa Oficial do Estado. Curitiba. PR. 1957.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. (organizador)

Urbanização de Curitiba. Plano Agache. 1943. Monumenta. Segunda Série. Primavera 1999. Curitiba, Volume 2, Número 8. Casa Editorial Tetravento Ltda. Curitiba. PR. 2000.

RAJA, Raffaele

Arquitetura Pós-Industrial. Coleção Estudos. Tradução Attilio Cancian e outros. São Paulo. SP. Editora Perspectiva. 1993

REIS FILHO, Nestor Goulart. Evolução Urbana no Brasil. Livraria Pioneira Editora / Editora da USP. São Paulo. SP.1968.

RIBEIRO, Luiz C. de Queiros e PECHMAN, Robert (organização) Cidade povo e nação. Civilização Brasileira. São Paulo. SP. 1996.

ROSSI, Aldo.

Arquitetura da Cidade; tradução Eduardo Brandão – São Paulo. SP. Editora Martins Fonte, 1995.

SEGAWA, Hugo

Arquitetura no Brasil 1900 – 1990 / H. Segawa. 2. Editora da Universidade de São Paulo. São . SP. 1999.

SAINT-HILAIRE, Auguste de.

Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. S. Paulo. EDUSP. São Paulo. SP. 1978.

---

SILVA, Elvan.

Matrizes do Discurso Doutrinário na Arquitetura, uma revisão concisa. Porto Alegre. RS. 2000.

STUCKENBRUCK, Denise C.

O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20. Rio de Janeiro. Observatório de Políticas Urbanas: IPPUR: FASE. Rio de Janeiro. RJ.1996

**Teses, dissertações, artigos, relatórios, seminários, congressos e palestras.**

ART DÉCO na América Latina. – Centro de Arquitetura e Urbanismo. – 1º Seminário Internacional. – Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SMU. Solar de Montigny – PUC/RJ. 1997.

CORRÊA da Silva, Maclóvia

O Plano de Urbanização de Curitiba, 1943 a 1963, e sua Valorização Imobiliária. Tese de doutoramento FAU/USP. Orientador Cândido Malta Campos Filho. São Paulo . 2000.

CONDE, Luiz Paulo

Plan Agache: Urbanismo de excelencia em los años 20. Conferência em el colóquio Francia - Brasil. Rio de Janeiro. 1990 <http://www.summas.com/25.htm>.

GNOATO, Luís S. P.

Introdução do Ideário Modernista na Arquitetura na Arquitetura de Curitiba (1930 – 1965) – São Paulo: Fotocópia; Dissertação de Mestrado; FAU/USP. 1997

---

OBA, Leonardo T.

Os Marcos Urbanos e a Construção da Cidade – A Identidade de Curitiba. – São Paulo: Fotocópia; Tese de Doutorado, FAU/USP. Orientador Gian Carlo Gasperini.1998.

TUCOULET, Carole.

La Ville et l'Écologie. Le devenir de la pensée urbanistique française du début du XX<sup>e</sup> siècle à partir de l'exemple de Curitiba (Bresil). Thèse de doctorat em Géographie. 07 de Decembre 2000, Pau, sous la direction de Vincent Berdoulay. Universidade de Pau. France.

UNDERWOOD, David

Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brasil. Rutgers University. Journal of the Society of Architectural Historians. June 1991. L 130-166.

ZANETTI, Valdir Z.

A Produção da Forma Urbana: Pinheiros, São Paulo (1880 – 1980) – São Paulo. SP. Fotocópia; Tese; FAUUSP, 1988.

Boletim n.º 109 – PMC

Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba; publicação bimestral; n.º 109; (diretor) Antônio Gomes -- Paraná: Editado pela Secretaria da Prefeitura, 1943.

Boletim do Archivo Municipal de Corityba - BAMC  
Diversos números

Histórico de Dados do Município de Curitiba  
Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba – IPPUC.  
1991.

---

## Relatório 1 - IPPUC

Monitoração da Gestão Urbana; Gestão do Uso do Solo e Disfunções do Crescimento Urbano; Caracterização; Prefeitura da Cidade de Curitiba; IPPUC; (coordenação) Lourival Peyerl – Paraná: IPPUC, 1997.

Guia do Paraná

Periódico

## Artigos

Historiadores do Paraná; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense; Banco do Estado do Paraná – Paraná: Editora Lítero – Técnica, 1981. – (Estante Paranista, 14)

Palestras (série de 05) Fotocópia (CM)

Alfred Agache: Cidade do Rio de Janeiro. Quando de sua primeira visita ao Brasil, na gestão do Prefeito, Sr. Antônio Prado Junior.

Títulos:

1-O que é o Urbanismo.

2-Como se elabora o Plano de uma Cidade.

3-«Cidades-Jardins» e «Favelas».

4-A Photographia Aérea e a Planta das Cidades.

5-Ensino e Propaganda do Urbanismo em França.

## Fotos e Fontes

(CK)

KESSEL Carlos.

A Vitrine e o Espelho. O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Coleção Memória Carioca. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

(CM)

Casa da Memória / Prefeitura Municipal de Curitiba (diretora Cassiana Lacerda)

---

(HP)

História do Paraná – (coordenador) Faissal El-Khatib.  
Grafipar, Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda. Curitiba Pr.  
1969.

(IPPUC)

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba /  
Prefeitura Municipal de Curitiba

(Oba)

OBA, Leonardo T.

Os Marcos Urbanos e a Construção da Cidade –  
A Identidade de Curitiba. – São Paulo: Fotocópia; Tese  
de Doutorado, FAU/USP. Orientador Gian Carlo  
Gasperini.1998

(PMV)

Prefeitura Municipal de Vitória – Espírito Santo

(UB)

Urbanismo no Brasil / 1895 – 1965; (coordenadora) Maria  
Cristina da Silva Leme – São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP;  
FUPAM, 1999.